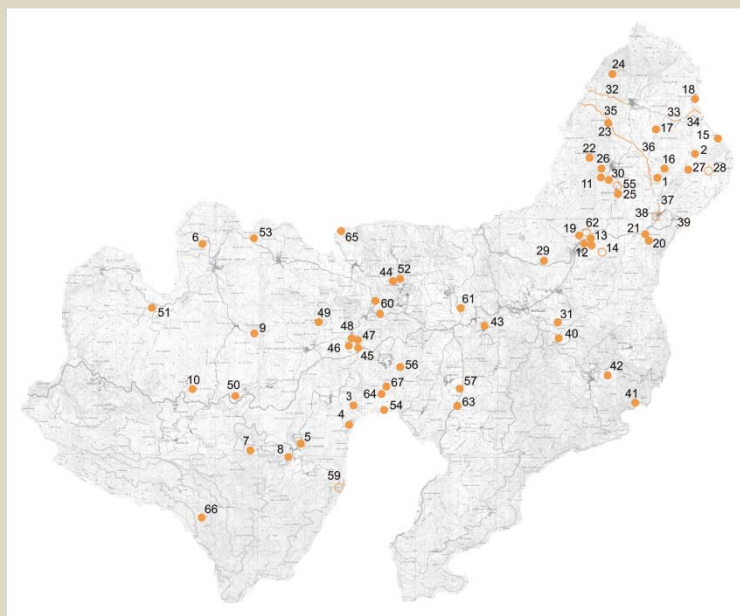




Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

REVISÃO DO INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DE BOTICAS



RELATÓRIO FINAL

Luís Fontes e Francisco Andrade

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 8, 2010

Ficha Técnica

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**
Avenida Central, 39
P 4710-228 Braga

Direcção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2010**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço electrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: **REVISÃO DO INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DE BOTICAS. RELATÓRIO FINAL**

Autor: **LUÍS FONTES E FRANCISCO ANDRADE**



Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.º 8

2010

REVISÃO DO INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO DO CONCELHO DE BOTICAS RELATÓRIO FINAL

Luís Fontes e Francisco Andrade

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
Abril / 2005

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

A consulta e utilização dos dados relativos à intervenção arqueológica por parte de outros investigadores ficam condicionadas, durante cinco anos, à autorização expressa da totalidade dos responsáveis da intervenção arqueológica (os subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos). Após esse período ficarão acessíveis ao público, reservando-se sempre, nos termos legais, os respectivos direitos morais.

O presente relatório foi aprovado pelo IPA - ofício n.º 07900, de 20-06-05, ref. 2004/1(551).

INDICE

1 – Introdução

2 – Aspectos metodológicos

3 – Síntese interpretativa

Apêndice I – Bibliografia

Apêndice II – Inventário

Apêndice III – Cartografia

Este relatório não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no todo ou em parte, sem autorização expressa dos autores. Reservados todos os direitos pela legislação em vigor (DEC-LEI 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro).

1. Introdução

No presente relatório apresentam-se os resultados da revisão do inventário do património arqueológico do concelho de Boticas. O trabalho foi solicitado pelo Município de Boticas, no âmbito da revisão do Plano Director Municipal e tinha por objectivo actualizar a respectiva Carta do Património.

A sua execução foi cometida à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, sob a direcção científica de Luis Fernando de Oliveira Fontes, arqueólogo que já havia sido responsável pelo inventário realizado em 1992, para integrar o PDM.

Os trabalhos, autorizados pelo Instituto Português de Arqueologia (ofício n.º 03996, ref. 2004/1(551), de 30.03.05), decorreram entre Novembro de 2004 e Março de 2005, tendo sido realizados por uma equipa composta pelo arqueólogo Francisco José Silva de Andrade (colaborador da UAUM), co-responsável pelos trabalhos e por Arnaldo Machado, ex-funcionário da CMB e profundo conhecedor dos território e património arqueológico de Boticas. Colaboraram ainda a arqueóloga Ana da Costa Roriz (colaboradora da UAUM) e Manuel Abraão Pires (motorista da UAUM).

Para facilitar a consulta, apresentam-se em Apêndices a bibliografia referenciada (Apêndice I), o inventário de sítios e achados arqueológicos (Apêndice II) e a cartografia (Apêndice III).

2. Aspectos metodológicos

Ficou inicialmente estabelecido que os trabalhos de campo não visavam a prospecção sistemática do território nem a descoberta de sítios arqueológicos inéditos, procedendo-se simplesmente à actualização descritiva do património arqueológico inventariado, acrescentado apenas dos novos sítios que haviam sido descobertos e publicados desde 1992 e daqueles que fossem reconhecidos no decurso da verificação dos existentes. Corrigiram-se também algumas inclusões de sítios de outros concelhos.

Entendeu-se necessário, contudo, dar especial atenção a dois aspectos até então menos considerados mas fundamentais para a compreensão dos lugares e para as suas conservação e valorização: 1 - caracterização do contexto físico dos sítios, considerando especialmente o enquadramento paisagístico; 2 - delimitação de uma área de protecção mínima que salvaguardasse não só as áreas de ruínas mas também a sua envolvente próxima.

Ficou também assente que o património arquitectónico, considerado na sua acepção mais comum, não era objecto do presente trabalho, aceitando-se uma definição muito restrita de património arqueológico, meramente operativa (sítios com ruínas). Deve deixar-se aqui claro, porém, que as balizas cronológicas da área disciplinar de Arqueologia se estendem, actualmente, da Pré-História até à Contemporaneidade, abarcando todas as manifestações materiais da actividade humana.

Assim, procedeu-se inicialmente à actualização bibliográfica, organizando-se um dossiê com todas as referências publicadas relativas ao património arqueológico de Boticas (ver lista bibliográfica completa em Apêndice I).

Desenhou-se depois a estrutura da base de dados que iria suportar o registo das informações a obter nas deslocações de campo, programando-se estas de modo a proporcionar uma visita demorada a todos os sítios, pelo menos uma vez.

Para além de confirmar a localização dos sítios constantes do inventário, em cartografia à escala 1:25000 (Cartas Militares de Portugal) e em ortofotomapas à escala 1:10000 (fornecidas pela CMB), as visitas destinaram-se a proporcionar a observação macroscópica dos locais, para caracterização do sítio com base nos descritores constantes das respectivas fichas, dando-se particular atenção à identificação de eventuais vestígios de estruturas e à recolha aleatória de fragmentos de cerâmicas existentes à superfície (estes últimos fundamentais para atribuir cronologias de ocupação aos sítios). Note-se, porém, que a densa cobertura vegetal que recobre a generalidade dos sítios não facilitou a sua observação pormenorizada.

Em gabinete e tendo presentes as referências obtida no campo, delimitaram-se, sobre ortofotomapas, as áreas específicas dos sítios, aquelas que constituem a evidência material da ocupação, onde se identificam os vestígios propriamente ditos, e também as áreas recomendadas de protecção, procurando-se que estas, sempre que possível, seguissem limites bem identificáveis, como caminhos ou linhas de água. Os achados isolados, porque não correspondem a nenhum sítio, não justificam o estabelecimento de qualquer zona de protecção.

As zonas de protecção estabelecidas devem ser objecto de regulamentação específica, em sede de Regulamento do Plano Director Municipal.

Para preenchimento manuscrito no campo, desenhou-se uma ficha descritiva de sítio arqueológico com 80 campos, agrupados em 12 blocos descritores principais, distribuídos por 4 páginas.

Para carregamento e consulta da informação em computador, desenhou-se um formulário principal de entrada “Form1_BOT_sítio_geral”, no qual se apresenta a identificação base de cada sítio e através do qual se acede a outros formulários específicos, correspondentes aos seguintes agrupamentos dos blocos descritores: “Form 2 _ BOT _ localização”; “Form 3 _ BOT _ fontes _ e _ ref _ doc _ gráfica”; “Form 4 _ BOT _ descrição _ interpretação _ cronologia”; “Form 5 _ BOT _ conserv _ valor”; “Form 6 _ BOT _ contexto _ ambiental”; “Form 7 _ BOT _ ilustração”.

Écran do formulário de entrada - “Form1_BOT_sítio_geral”

A cada sítio foi atribuído um número identificador, contemplando-se o estabelecimento de relações com outros sítios, através da inscrição dos respectivos números no campo criado para o efeito. Para facilitar a identificação dos sítios, decidiu-se manter a identificação numérica constante da Carta do Património do PDM.

É através do formulário principal “Form1_BOT_sítio_geral” que se faz a identificação genérica de cada sítio indicando-se, para além do n.º acima referido, o nome atribuído ao sítio, o qual quase sempre associa a tipologia com o topónimo conhecido para o local da implantação, como acontece, frequentemente, com os castros. Indica-se também o topónimo mais comum, que poderá ser distinto. Segue-se depois o campo relativo ao tipo, correspondente à classificação tipológica do sítio/monumento, de acordo com a listagem constante do Endovélico, do Instituto Português de Arqueologia. Inclui-se também neste bloco a indicação de estar classificado ou não, especificando-se a categoria respectiva (Monumento Nacional, Imóvel de Interesse Público, Interesse Municipal). Quando possível, regista-se o nome e endereço do proprietário. Finalmente, identificam-se também neste formulário o operador que carregou a informação e o revisor, reservando-se ainda uma entrada para Observações.

No formulário “Form 2 _ BOT _ localização” indica-se a localização administrativa do sítio, apresentam-se as coordenadas de georeferenciação e descrevem-se os acessos.

Como lugares, entendem-se os núcleos habitacionais mais próximos do sítio arqueológico, por ordem decrescente de proximidade. Considerou-se suficiente indicar os dois lugares mais próximos. A freguesia vai referenciada pelo seu código administrativo.

A geo-referênciação de cada sítio fez-se em relação a dois sistemas de coordenadas: 1 - coordenadas da quadrícula Quilométrica UTM (fuso 29 - elipsóide internacional - Datum Europeu), obtidas em campo sobre a cartografia 1:25000 (Carta Militar de Portugal). A altitude foi obtida a partir das curvas de nível e cotas constantes da mesma cartografia; 2 – coordenadas métricas GAUSS (Datum 73), obtidas em gabinete sobre ortofotomapas 1:10000 (fornecidos pelo município de Boticas).

As coordenadas indicadas respeitam a um ponto central do sítio, excepto para os troços de vias, dos quais se georeferenciou um ponto inicial e outro final.

No formulário “Form 3 _ BOT _ fontes _ e _ ref _ doc _ gráfica” registam-se todo o tipo de informações que podem constituir base documental para o sítio, incluindo os decretos de classificação do monumento, quando existam. No campo “impressos” faz-se a referenciação bibliográfica utilizando apenas a fórmula académica de Autor e Ano, acedendo-se à referência bibliográfica completa através de uma lista anexa (Apêndice I do presente relatório).

O registo da documentação gráfica contempla a identificação da cartografia utilizada, cotas de desenhos produzidos e inventário dos registos fotográficos.

No formulário “Form 4 _ BOT _ descrição _ interpretação _ cronologia” apresentam-se a descrição sintética das características arqueológicas do sítio, a interpretação funcional dos vestígios considerados e propostas de cronologias, de acordo com categorias crono-culturais reconhecidas.

No formulário “Form 5 _ BOT _ conserv _ valor”, registam-se diversos aspectos através dos quais se pretende estabelecer um primeiro diagnóstico do estado de conservação e dos riscos de deterioração, identificar factores de risco, avaliar os interesses científico e valor patrimonial, propor medidas de valorização e recomendar classificações, etc..

Utilizam-se parâmetros qualitativos e quantitativos, comuns aos utilizados nas avaliações de impactos paisagísticos e patrimoniais, que se seleccionam a partir de tabelas anexas. Importa notar que estas avaliações comportam um nível não negligenciável de subjectividade, decorrente da limitação actual dos conhecimentos sobre os sítios arqueológicos que, exceptuando o castro de Carvalhelhos, nunca foram objecto de quaisquer estudos monográficos.

No formulário “Form 6 _ BOT _ contexto _ ambiental”, registam-se um considerável número de dados que permitem definir o quadro geofísico e ambiental de cada sítio arqueológico, com base nos seguintes elementos: orografia, geologia, edafologia, hidrografia, cobertura vegetal, uso do solo, vias naturais de trânsito e visibilidade e paisagem.

Também aqui se utilizam parâmetros qualitativos e quantitativos, comuns aos utilizados nas caracterizações de espaços físicos e ambientais, que se seleccionam a partir de tabelas anexas. O grau de subjectividade é aqui menor, manifestando-se especialmente na análise paisagística.

No descritor “Edafologia”, os dados a introduzir no campo “Tipo de Solo” têm por base a Carta dos Solos do Nordeste de Portugal, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

No descritor “Hidrologia”, em “Tipo de Água” indica-se o curso de água mais próximo do sítio arqueológico e em “Uso da Água” assinala-se o aproveitamento que essa água tem.

No descritor “Cobertura Vegetal” admite-se a existência de uma cobertura “Mista”, assinalando-se neste caso os tipos existentes por ordem decrescente de dominância.

No descritor “Uso do Solo”, também se contempla a indicação de uso “Misto”, referindo-se aqui as modalidades de uso por ordem decrescente de dominância.

No descritor “Visibilidade e Paisagem” distingue-se o campo “Nível de Percepção” e o “Enquadramento da Paisagem”, reportando-se o primeiro à percepção do observador do ‘exterior’ em relação ao sítio e o segundo a percepção do observador do sítio para o ‘exterior’.

No formulário “Form 7 _ BOT _ ilustração”, apresentam-se fotografias (vistas panorâmicas e registos de pormenores considerados elucidativos), desenhos e, quando consideradas relevantes, fac-símiles de ilustrações publicadas (plantas e espólio), cartografia à escala 1:25000 e ortofotomapas à escala 1:10000 com a localização dos sítios e achados arqueológicos, assinalando-se ainda nestes últimos a zona de protecção proposta. As imagens cartográficas aparecem reduzidas, podendo visualizar-se à sua verdadeira escala clicando duas vezes na imagem.

Finalmente, formatou-se um relatório para impressão das fichas de cada sítio / achado a partir da base de dados, as quais constituem o Apêndice II. A cartografia à escala 1:25000 e os ortofotomapas à escala 1:10000 também foram impressos, constituindo o Apêndice III.

As metodologias de recolha de informação e de delimitação de zonas de protecção, foram validadas em reunião conjunta com técnicos da Câmara Municipal de Boticas, do Instituto Português do Património Arquitectónico e do Instituto Português de Arqueologia, realizada na sede do município de Boticas em 21 de Fevereiro de 2005.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 8, 2010

3. Síntese interpretativa

Como já se referiu no capítulo anterior, os trabalhos de campo não visaram a prospecção sistemática do território nem a descoberta de sítios arqueológicos inéditos.

Significa isto que o actual inventário, como qualquer inventário em arqueologia, não é definitivo. Admite-se mesmo que trabalhos de prospecção intensiva permitirão identificar novos sítios, tal como poderão surgir novas descobertas com a execução de obras de infra-estruturas (viação, saneamento e cablagens), com trabalhos de florestação ou simplesmente no decurso de lavras mais profundas dos campos.

Mas também deve admitir-se que, considerando o actual nível de ‘inventariação arqueológica’ das regiões do Minho e de Trás-os-Montes, não é expectável que futuros trabalhos alterem significativamente o quadro de referência existente.

Com cerca de 200 km² de área, o concelho de Boticas estende-se do rio Tâmega, a nascente, até à Serra das Alturas, a Oeste, sendo limitado a Norte pelas Serras do Leiranco e da Pastoria e a Sul pelas elevações das Serras de Melcas e dos Marcos.

Geomorfologicamente integra-se na zona de transição do sistema planáltico da Meseta Norte ao Maciço Galaico-Duriense, correspondente ao que geralmente se designa como região do Barroso. Desenvolve-se a uma altitude média superior aos 700 metros, atingindo o ponto mais elevado no Couto do Sudro / Serra das Alturas, com 1231 metros.

Hidrologicamente enquadra-se na margem esquerda da bacia do rio Tâmega, sendo os rios Beça e Terva as duas principais linhas de água que atravessam o concelho no sentido Norte / Sul.

A sua posição de transição expressa-se na diversidade dos relevos que oferece, desde as amplas veigas planálticas e cumeadas aplanadas até aos profundos vales encaixados e picos pedregosos das montanhas. Esta diversidade conhece correspondência nas variantes climáticas, com Invernos rigorosos, frequentemente com neve e Verões quentes, nas zonas altas e desabrigadas, e estações mais amenas nos vales protegidos, revestindo mesmo características mediterrânicas em alguns troços do vale do rio Tâmega.

É neste espaço, correspondente ao actual concelho de Boticas, criado no âmbito da reforma administrativo-territorial de 1836, que se documenta uma prolongada sequência de ocupação humana, actualmente materializada em 49 povoações, administrativamente organizadas em 16 freguesias.

Mas conhece-se muito pouco sobre a história da longa ocupação deste território, tanto devido à sua situação periférica, como especialmente pelo pouco desenvolvimento da investigação histórica e arqueológica em Portugal.

O primeiro ensaio de monografia data do princípio do século, da autoria de Luis de Figueiredo da Guerra, que aborda temáticas variadas em notas simples, com algumas referências aos dados de natureza arqueológica (Guerra 1911).

A descoberta de 4 estátuas de guerreiros galaico-romanos nas proximidades do castro do Lesenho foi noticiada nos finais do século XIX e inícios do século XX pelos maiores especialistas da época (Hubner 1871; Sarmiento 1896; Pereira 1908 e 1915; Vasconcellos 1895 e 1913), mas a sua

divulgação não suscitou o desenvolvimento de quaisquer outros estudos mais abrangentes.

Os maiores contributos no domínio dos estudos arqueológicos devem-se a Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, com as continuadas escavações e restauros do Castro de Carvalhelhos, iniciadas na década de 50 do século XX, e depois com o inventário sistemático dos povoados ‘castrejos’ do concelho de Boticas (Júnior *et alii* 1983 e 1986), trabalho que permanece de consulta obrigatória para quaisquer investigadores que queiram abordar a temática do povoamento antigo da região.

A viação romana também foi objecto de interesse por parte de Lerenó Barradas (1956) e de António Montalvão (1971), que propuseram uma variante meridional por Boticas do traçado da via *Bracara* a *Asturica* por *Aquae Flaviae*.

Um inventário geral, abrangendo todas as épocas, veio a realizar-se em 1991-92 (Fontes 1992), por encomenda da então Comissão de Coordenação da Região Norte, no âmbito de um vasto programa de cobertura da província de Trás-os-Montes, com o objectivo de garantir o tratamento do Património Arqueológico nos Planos Directores Municipais.

É esse inventário que agora se actualiza, constituindo-se como uma base de trabalho que possibilita delinear, ainda que de forma sumária, o quadro evolutivo da ocupação humana do território actualmente correspondente ao município de Boticas. Essa síntese já foi ensaiada no texto introdutório do inventário de 1992 (Fontes 1992) e é aqui retomada e desenvolvida, também na perspectiva de evidenciar os alvos e/ou temas de maior interesse para a definição das estratégias de desenvolvimento municipal, na área da valorização do património arqueológico.

Importa referir que beneficiamos já de novos conhecimentos proporcionados por estudos recentes, não especificamente sobre o território de Boticas mas sobre a região mais alargada do vale superior do rio Tâmega (Amaral 1993) e da zona de Chaves (Teixeira 1996), que revelam um quadro histórico cujas linhas estruturantes não podem deixar de ter elementos comuns, até pela contiguidade espacial e idêntica expressão paisagística.

Como se compreenderá, a ausência de estudos monográficos traduz-se na consequente ausência de dados, impedindo o estabelecimento de cronologias ou de sequências cronológicas fiáveis. Reconhecem-se apenas alguns elementos que aceitam uma filiação crono-cultural generalista, como sejam determinadas práticas de enterramento (p.ex. os sepulcros sob *tumuli*), certos objectos metálicos (p.ex. machados de aselhas), algumas soluções construtivas (p.ex. povoados com muralhas), diversas produções cerâmicas (p.ex. fabricos manuais ou cerâmicas importadas), ou ainda determinadas expressões artísticas (p.ex. as estátuas de guerreiros).

Assim, para o esboço do quadro evolutivo do povoamento antigo no território de Boticas, adoptamos como referente cronológico uma periodização igualmente generalista, de larga amplitude, que permite ‘arrumar’ a totalidade dos sítios arqueológicos inventariados.

Independentemente da maior especificação feita nas fichas de caracterização de cada um dos sítios, procedemos aqui ao seu agrupamento, estabelecendo os seguintes 4 períodos: Pré-História Recente (entre os VI.º e meados do I.º milénios a.C., correspondentes ao Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze); Proto-História (entre meados do I.º milénio a.C. e a mudança de Era, correspondente à Idade do Ferro); Antiguidade (do início da Era ao século VIII, correspondente aos domínios romano e suevo-visigótico); e Idade

Média (entre os séculos IX e XV, correspondentes às Alta Idade Média/Reconquista, Idade Média Central e Baixa Idade Média).

Com esta ‘arrumação’ genérica não se pretende elaborar grandes teses em torno da evolução dos modelos de povoamento, mas tão-só facultar uma leitura integradora que abra caminho à compreensão do processo de construção da paisagem actual.



Os mais antigos vestígios, enquadráveis na Pré-História Recente, são os enterramentos sob *tumuli* (ou tumulações com ‘mamoas’). Apenas se referenciam nove sítios (3, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52 e 53), quantidade escassa

que, a admitir-se que corresponda a uma baixa densidade de ocupação do território, revela uma fraca penetração do megalitismo e portanto uma situação de periferia em relação às grandes manchas de desenvolvimento deste fenómeno.

Pela sua localização predominante na zona central do concelho, adentro da bacia hidrográfica secundária do rio Beça, poderá aventar-se a hipótese de correlação destes testemunhos com o grande conjunto megalítico do planalto de Montalegre (bacias do Beça e Rabagão).

Encontram-se quase todas em mau estado de conservação ou completamente destruídas. O exemplar melhor conservado é a ‘mamoá’ de Veiga 1 (sítio 45), a qual, pela sua relativa raridade e potencial de informação, justifica o desenvolvimento de um projecto específico de conservação, estudo e de valorização.

Adentro deste período da Pré-História Recente, mas já associáveis a uma ocupação mais tardia (Idade do Bronze), registam-se 1 povoado e dois achados isolados (1 machado de cobre e 1 machado de pedra polida). Indiciam uma fraca dispersão do povoamento pelo território, relevando o facto de se estender ao troço inicial da bacia do rio Terva, sugerindo uma modalidade diferente de povoamento, mais vinculado a terrenos de vale, aqui eventualmente já relacionado com a exploração mineira dos filões do Poço das Freitas.

Refira-se finalmente a existência de pequenos núcleos de gravuras rupestres, identificados nas proximidades dos povoados fortificados do Lezenho e do Mouril, que poderão testemunhar uma ocupação mais antiga daqueles espaços.



O período seguinte, a Proto-História, apresenta uma clara densificação da ocupação humana, testemunhada pelos 21 povoados fortificados, todos com vestígios de muralhas, ruínas de edificações nas plataformas interiores e espólio cerâmico. Alguns serão de fundação anterior, talvez da Idade do Bronze, como evidenciam algumas cerâmicas manuais e o achado de peças de bronze (sítio 11), e outros conheceram uma ocupação que parece ter-se prolongado até à Antiguidade Tardia (período suevo-visigótico ?).

Embora se dispersem por quase todo o território do actual concelho de Boticas, a análise atenta da sua distribuição revela dois conjuntos distintos: um na zona Norte e Este, vinculado à bacia inicial do rio Terva, e outro na zona central e ocidental, na bacia do rio Beça.

O primeiro conjunto integra onze povoados, de diferentes tamanhos mas genericamente implantados em outeiros ou promontórios de vertente baixa; nove deles não distam, cada um, mais de 4 km em relação ao mais próximo; quatro destes alinham-se na margem direita do rio, no sopé da vertente oriental do maciço do Leiranco, no curto espaço de 5 km.

O segundo conjunto é formado por dez povoados, também de diferentes tamanhos, dispersos por uma maior área e mais distantes entre si, apresentando soluções de implantação diversificadas, ora expostos nos cumes, como o povoado do Couto dos Corvos (sítio 6), ora resguardados no fundo de vales cavados, em esporões sobranceiros às linhas de água, como o ‘castro’ de Ervas Ruivas (sítio 66).

A concentração de povoados fortificados nos primeiros 10 km do curso do rio Terva é notável. Para além de mais favoráveis condições fito-edafo-climáticas, admitimos que a instalação de populações neste troço inicial da bacia se relacione especialmente com a exploração dos filões auríferos e estanhíferos do Poço das Freitas e das Batocas. Estaremos, assim, perante um conjunto de povoados ‘castrejos’ especializados em mineração e, provavelmente, na actividade metalúrgica associada.

Em alguns dos povoados do segundo conjunto também se identificam vestígios de actividade metalúrgica e regista-se a existência de zonas de mineração, o que poderá significar que o território do actual território de Boticas terá constituído, nos séculos em torno da transição da Era, uma zona de grande desenvolvimento económico, assente na actividade especializada da metalurgia do bronze, ferro, prata e ouro (Amaral 1993, 105-107).

Tanto no primeiro conjunto como no segundo, alguns dos povoados conservam restos construtivos com uma monumentalidade pouco frequente neste tipo de sítios arqueológicos. Pelo seu tamanho, pela imponência das muralhas que conservam e pelo seu posicionamento geo-estratégico, destacam-se os ‘castros’ de Muro de Cunhas (Ardãos) (sítio 18), de Carvalhelhos e de Lavradas (Beça) (sítios 44 e 65), de Nogueira (Bobadela) (sítio 22), de Giestosa (Dornelas) (sítio 10), de Cabeço (Granja) (sítio 29), e acima de todos o imponente povoado fortificado do Lezenho (São Salvador de Viveiro) (sítio 4).

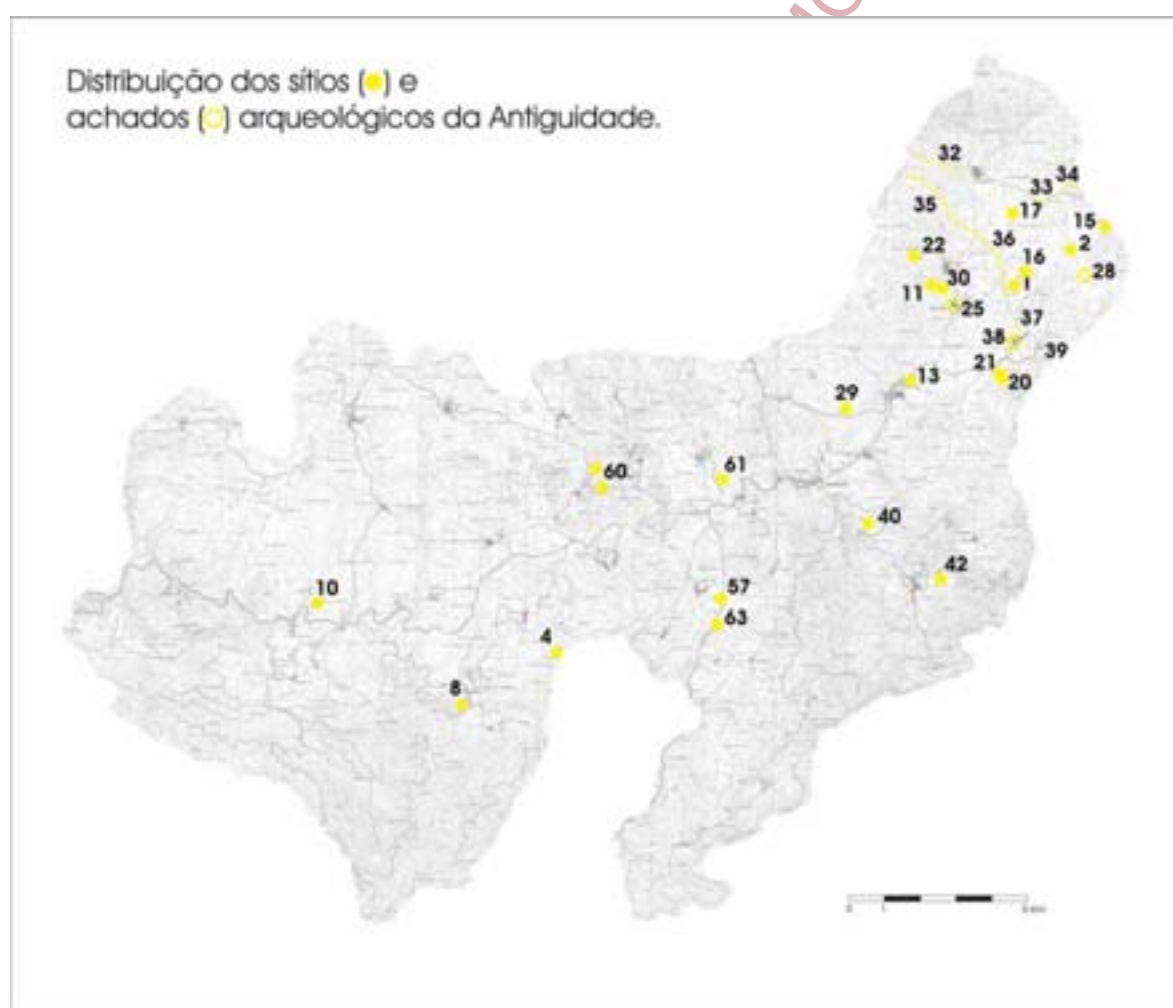
Dominando as principais vias naturais de comunicação e abrangendo nas suas envolventes as férteis veigas e alvéolos das bacias dos rios Terva e Beça, alguns destes povoados terão sido lugares centrais no quadro do povoamento proto-histórico da região, para a qual se referenciam vários *populi* indígenas. Um desses lugares centrais era, inequivocamente, o povoado do Lezenho, de onde provêm quatro estátuas de guerreiros galaico-romanos. Diversos autores, como Jorge Alarcão (2003, 122), associam o Lezenho aos *Equaesi*.

Os povoados fortificados de Boticas constituem um conjunto de elevado valor patrimonial e de grande interesse científico, oferecendo amplas possibilidades de valorização. A sua protecção e conservação deverão constituir uma prioridade do município, recomendando-se especialmente a limpeza periódica da vegetação intrusiva.

Recomenda-se também a implementação de um projecto de estudo dos sistemas de fortificação e da organização espacial dos povoados (planimetrias e técnicas de construção), para o qual a sua limpeza, devidamente dirigida por arqueólogo, constitui condição necessária mas suficiente. Para além do evidente interesse científico, os resultados deste projecto terão utilidade para a definição dos planos de salvaguarda aos monumentos, designadamente ao

nível da avaliação das necessidades de restauro e do sempre problemático arranjo dos acessos.

Finalmente, consideramos que deve eleger-se o povoado fortificado do Lesenho como ‘sítio âncora’ dos investimentos na valorização do património arqueológico do município de Boticas, através da construção de um centro de interpretação, criando condições objectivas para a sua integração na candidatura dos ‘castros’ a Património da Humanidade.



A Antiguidade aparece representada por cerca de duas dezenas de sítios arqueológicos, todos eles classificados como romanos. Oito deste sítios correspondem a povoados fortificados proto-históricos que apresentam vestígios materiais de época romana. Os restantes correspondem a vestígios

da rede viária, a achados isolados e a povoados abertos de pequenas e médias dimensões, que se dispersam pelos vales e pelos sopés nas proximidades de antigos povoados fortificados.

É na zona setentrional do território, em torno do troço inicial da bacia do rio Terva, que se concentra o maior número de vestígios romanos, incluindo um miliário e duas aras votivas. A existência de um maior número de povoados indígenas nesta zona, a par do reconhecido interesse romano pelos recursos mineiros, explicará bem esta predominância de assentamentos, o que terá determinado a fixação da passagem por aqui da principal via romana que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, por *Aquae Flaviae*.

A exploração mineira em época romana está atestada por vestígios de ocupação mesmo junto da zona de extracção do Poço das Freitas, os quais poderão corresponder a instalações de apoio à mineração.

Sobre as cronologias dos sítios romanos não possuímos quaisquer dados. Os únicos elementos susceptíveis de proporcionar referências cronológicas, são o miliário de Lapavale, talvez do imperador Augusto (finais do séc. I a.C. e inícios do séc. I), as aras de Bobadela e de Sapelos, datadas do século II e os *aurea* de Covas do Barroso e de Pinho, este do imperador Constantino (séc. IV). Temos assim uma ocupação contínua que se estende do início da Era ao século IV.

Da Antiguidade Tardia ou período suevo-visigótico também não se conhecem vestígios materiais. Deve admitir-se, contudo, a continuidade de ocupação em muitos dos povoados, como indirectamente exigem as fontes documentais da época, designadamente a crónica de Idácio, bispo de Chaves, escrita cerca do ano 469, e a *Divisio Theodomiri* ou ‘Paroquial Suevo’, elaborada cerca do ano 572. Nesta última refere-se o *pagus* de Berese, que

alguns autores fazem corresponder a Beça / castro de Carvalhelhos (Fernandes 1968, 72).

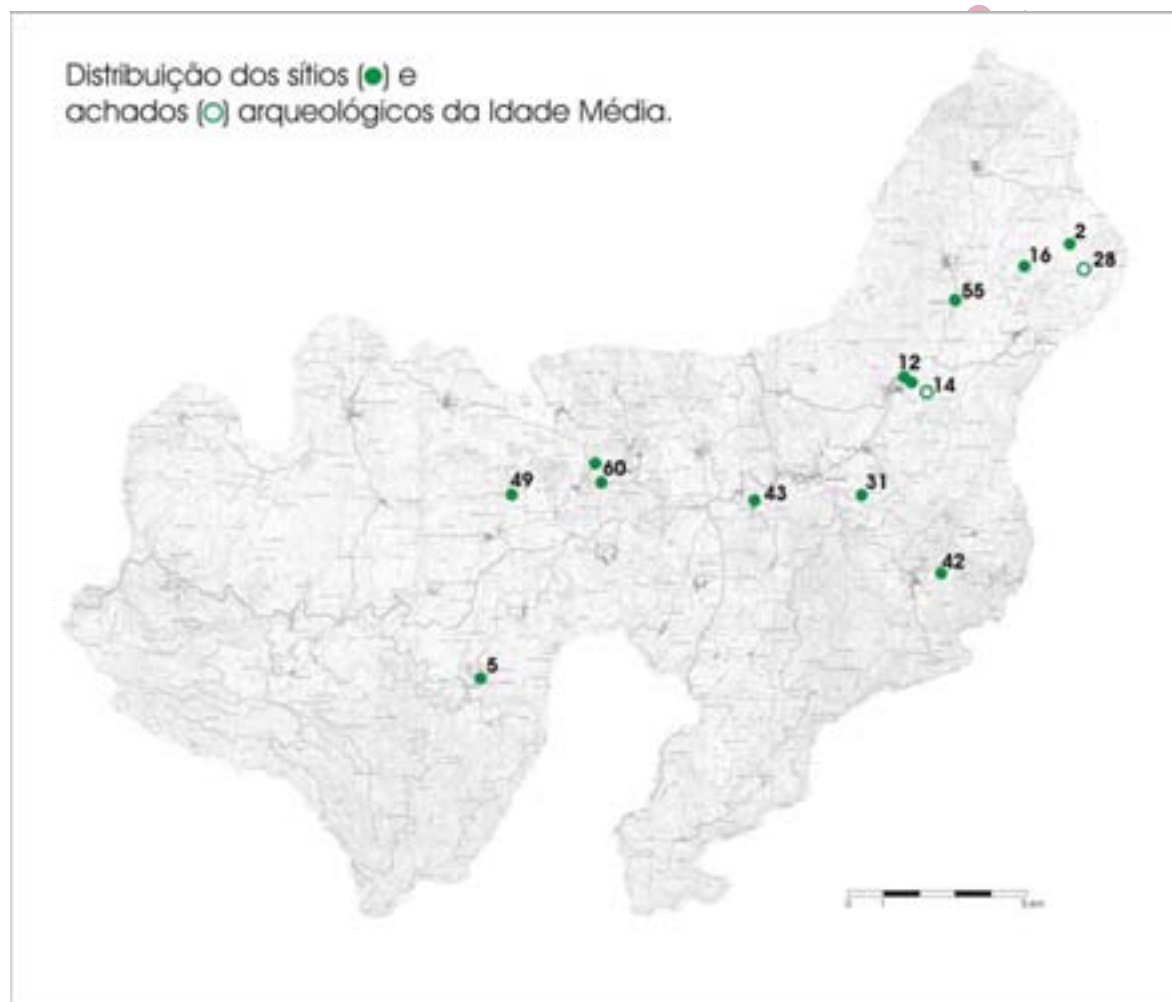
Do conjunto de sítios e achados de época romana, as explorações mineiras do Poço das Freitas afirmam-se como um valor patrimonial de grande interesse científico e histórico, cuja conservação e valorização devem merecer especial atenção por parte do município e das entidades da tutela. Efectivamente, o Poço das Freitas é um testemunho exemplar das práticas mineiras antigas, sendo o de maior dimensão existente na zona do Barroso.

Para além do estabelecimento de uma zona de protecção alargada, que garanta a preservação da envolvente paisagística e permita corrigir algumas perturbações (saibreiras, escombreiras e caminhos), recomenda-se o desenvolvimento de um projecto de estudo que permita conhecer as características da exploração (extensão das áreas exploradas, técnicas de mineração, povoados associados), a par de um projecto de ordenamento paisagístico que estabeleça percursos de visita interpretados.

Da Idade Média, período em que se configurou um novo modelo de povoamento, primeiro decorrente do processo de expansão asturiano-leonês e da definição do Condado Portucalense e depois com a afirmação do Reino de Portugal, identificaram-se poucos sítios e achados arqueológicos. Lembra-se aqui que não consideramos para este inventário os testemunhos arquitectónicos de época medieval, como a igreja de Covas do Barroso ou a Ponte Pedrinha de Beça, de feição românica.

Esta pouca frequência de vestígios não significa ausência de povoamento medieval, explicando-se antes pelo facto de a estrutura actual de povoamento corresponder à matriz gerada no decurso dos séculos medievais, documentando-se em meados do século XIII quase todas as sedes paroquiais

existentes. Portanto, não há muitos vestígios arqueológicos porque, com raras exceções, o modelo de povoamento medieval permanece activo, não suscitando alterações significativas.



No conjunto de sítios e achados registados dominam os vestígios relacionados com práticas funerárias, com sepulturas escavadas na rocha (sítios 12, 42, 49 e 55) e sarcófagos antropomórficos (achados 14 e 28), de tipologias que se difundiram nos séculos X-XII. Situadas nas proximidades de actuais povoações, testemunham a existência de necrópoles antigas, por vezes junto a capelas que se sobrepõe a sítios romanos, como que sacralizando esses espaços.

Mais interessantes são os testemunhos do que se classificou como castelos roqueiros e/ou atalaias (sítios 5, 31 e 43), para os quais não se conhecem quaisquer referências documentais e/ou historiográficas, à excepção da presumível torre de Seirrão (sítio 43), que segundo Figueiredo da Guerra (1911, 4) foi mandada construir por D. João I.

Os pequenos castelos de Covas (sítio 5) e do Couto dos Mouros (sítio 31), poderão correlacionar-se com senhorios locais que devem ter desempenhado um papel importante na estruturação do povoamento nos primeiros séculos da Idade Média, perdendo posteriormente essa importância face à afirmação dos poderes regionais de Chaves e de Montalegre, onde o poder régio centralizador, interessado na consolidação das fronteiras do emergente reino português, fez construir poderosos castelos e vilas novas muralhadas.

Registam-se ainda duas áreas de exploração mineira, de ouro no Poço das Freitas (sítio 16) e de ferro no Coto de Carvalhelhos.

Refira-se finalmente o provável povoado medieval abandonado de Paredes (sítio 2), onde se conserva a capela da Senhora das Neves, antiga igreja da extinta paróquia de Paredes, extinta no século XVI em consequência da devastadora peste de 1569.

O conjunto dos sítios e achados de época medieval, por escassos, detêm uma acrescida importância científica, podendo o seu estudo proporcionar dados para a compreensão do processo de transição do modelo de povoamento de matriz romana para o novo modelo de povoamento tardomedieval.

Refira-se, finalmente, o registo de quatro sítios (26, 54, 64 e 67) com gravuras rupestres tipo ‘cavinhas’, de cronologia indeterminada.



Boticas e Braga, Abril de 2005.

Luis Fernando de Oliveira Fontes

Francisco José Silva de Andrade

Apêndice I – Bibliografia

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 8, 2010

Alarcão 1988:

Jorge Alarcão, *Roman Portugal*, II, Aris & Philips LTD, Warminster, 1988.

Alarcão 2003:

Jorge de Alarcão - As estátuas de Guerreiros Galaicos como representações de príncipes no contexto da organização político - administrativa do Noroeste pré-Flaviano, *MADRIDER MITTEILUNGEN*, 44, Verlag Philip von Zabern, Mainz am Rhein, 2003, pp.116-126.

Alarcão 2004

Jorge de Alarcão - Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia, *REVISTA PORTUGUESA DE ARQUEOLOGIA*, 7, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2004, pp.193-216.

Alves 1910

Francisco Manuel Alves - *Memórias Arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, I, Porto, 1910, pp.1-14.

Amaral 1993

Paulo Amaral - *O povoamento romano no vale superior do Tâmega. Permanências e materialidades medievais e modernas*, (tese de mestrado policopiada), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1993.

Argote 1732 –1747

Frei Jerónimo Contador de Argote - *Memórias para a historia ecclesiastica de Braga*, 4 vls., Lisboa Occidental, Lisboa, 1732-1747.

Azevedo 1886

Pedro A. de Azevedo - Extractos arqueológicos das "Memórias Paroquiais de 1758", *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, II (10-11), Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1896, pp.257.

Azevedo 1898

Pedro A. de Azevedo - Extractos arqueológicos das "Memórias Paroquiais de 1758", *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, IV (1-6), Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1898, pp.135-320.

Azevedo 1899-1900

Pedro A. de Azevedo - Extractos arqueológicos das "Memórias Paroquiais de 1758", *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, V (9-10), Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1899-1900, pp. 304.

Baptista 1990

José Dias Baptista - Via Prima (A Via Imperial Romana de Braga a Astorga), *AQUAE FLAVIAE*, 3, Câmara Municipal de Chaves, Chaves, 1990, pp.135-182

Barradas 1956

A. Lerenio Barradas - Vias Romanas nas Regiões de Chaves e Bragança, *REVISTA DE GUIMARÃES*, LXVI, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, 1956, pp. 191.

Barreiros 1915

Fernando Braga Barreiros - Ensaio de inventário dos Castros do concelho de Montalegre, *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, 20, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1915, pp.211-213.

Barreiros 1919-1920

Fernando Braga Barreiros - Materiais para a arqueologia do Concelho de Montalegre, *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, 24, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1919-1920, pp.58-87

Capela e Borrageiro 2001

José Viriato Capela e Rogério Borralheiro (estudo introdutório e fixação do texto) - *Boticas nas Memórias Paroquiais de 1758*, Câmara Municipal de Boticas, Boticas, 2001.

Capella 1987

Martins Capella - *Miliários do Conventus Bracaraugustanos em Portugal* (ed. Fac-símile da edição de 1895, introdução de José Viriato Capela), Câmara Municipal de Terras de Bouro, Terras de Bouro, 1987.

Cardozo 1956

Mário Cardozo - A propósito da lavra do ouro na província de Trás-os-Montes durante a época romana, *REVISTA DE GUIMARÃES*, LXIV (1-2), Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, 1954, pp.113-141.

Cardozo 1960

Mário Cardozo - Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze, pertencentes ao Museu Martins Sarmiento, *REVISTA DE GUIMARÃES*, 70 (1-2), Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, 1960, pp.169-184.

Centeno 1987

Rui M. S. Centeno - *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192.*, Porto, 1987.

Costa 1968

João Gonçalves da Costa - *Montalegre e Terras do Barroso*, Montalegre, 1968.

Couto 1998:

Artur Monteiro do Couto - *Património Histórico de Uma Aldeia Transmontana SAPIÃOS*, Câmara Municipal de Boticas, Boticas, 1998.

Dias 1903

Eduardo Rocha Dias - *Noticias Archeológicas extraídas do "Portugal Antigo e Moderno" de Pinho Leal, com algumas notas e indicações bibliográficas*, Typografia Lallemennt, Lisboa, 1903.

Dionísio s/d

Sant'Ana Dionísio (coord.) - *Guia de Portugal*, V, Lisboa, s/d.

Esparza Arroyo 1980

A. Esparza Arroyo - Nuevos castros con piedras hincadas en el borde occidental de la Meseta, *SANP*, 2, 1980, pp.71-83

Fernandes 1968

A. de Almeida Fernandes - *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo, (separata do Arquivo do Alto Minho, XIV, XV e XVI), 1968.

Figueiredo 1892

A. Mesquita de Figueiredo - Informações Arqueológicas colhidas no "Dicionário Geográfico" de Cardoso, *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, II (6-7), Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1892, 162-165.

Fontes 1978

Pe. António Lourenço Fontes - *Comemorações do Milenário de S. Rosendo, Montalegre*, 1978, pp.13-33.

Fontes 1992

Luís Fernando de Oliveira Fontes - *Inventário dos sítios e achados arqueológicos no concelho de Boticas* (dact.), Braga, 1992.

Fortes 1902

José T. Ribeiro Fortes - Instrumentos do Bronze, *O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS*, I (7), Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1902, pp.102-106.

Garcia 1988-1991

José Manuel Garcia - *Religiões Antigas de Portugal, aditamentos e observações às religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos*, 4 Vols., Imprensa Nacional- Casa da Moeda, Lisboa, 1988-1991, pp.408/549.

Guerra 1982

Luis Figueiredo da Guerra – *Notícias históricas do concelho e vila de Boticas*, (recolha, organização e notas de José Pacheco Pereira), Câmara Municipal de Boticas, Boticas, 1982.

Harbinson 1968

Peter Harbinson - Castros with "pedras fincadas" in Trás-os-Montes, *TAE*, 20 (3-4), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1968, pp.385-389

Hubner 1871

Emilio Hubner - *Noticias Archeológicas de Portugal*, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1871, pp.103-105.

Junior 1958

Joaquim R. dos Santos Júnior - O Castro de Carvalhelhos, *TAE*, 16 (1-2), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1958, pp.25-62.

Júnior 1963

Joaquim R. dos Santos Júnior - Escavações no Castro de Carvalhelhos, *TAE*, 19(2), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1963, pp.187-193.

Júnior 1964

Joaquim R. dos Santos Júnior - Escavações no Castro de Carvalhelhos, *TAE*, 19 (3-4), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1964, pp.360-365.

Júnior 1966

Joaquim R. dos Santos Júnior - Duas campanhas de escavações no castro de Carvalhelhos (1965-1966), *TAE*, 20 (1-2), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1966, pp.181-190.

Júnior 1967-1968

Joaquim R. dos Santos Júnior - Quatro lanças de bronze de Lama Chã, *TAE*, XX (3-4), Sociedade portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1967/1968, pp.339-247.

Júnior 1971

Joaquim R. dos Santos Júnior - Escavações no Castro de Carvalhelhos (campanha de 1970), *TAE*, 22 (1), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1971, 72-75.

Júnior 1973

Joaquim R. dos Santos Júnior - As notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos, *TAE*, 22 (3), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1973, pp.207-219.

Júnior 1975

Joaquim R. dos Santos Júnior - Castro de Carvalhelhos, campanha de escavações em Agosto de 1975, *TAE*, 24 (4), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1975, pp.559-566.

Júnior 1977

Joaquim R. dos Santos Júnior - Castro de Carvalhelhos, campanha de 1976, *TAE*, 24 (2), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1977, pp.161-165.

Júnior 1978

Joaquim R. dos Santos Júnior - 27ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1977), *TAE*, 23 (2-3), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1978, pp.323-333.

Júnior 1980

Joaquim R. dos Santos Júnior - 28ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos (1979), *TAE*, XXIII (IV), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1980.

Júnior 1981

Joaquim R. dos Santos Júnior - 29ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos, *TAE*, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1981.

Júnior 1982

Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior - 30ª campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos - Agosto de 1981, *TAE*, 24(2), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1982, pp.249-264.

Júnior 1984:

Joaquim R. dos Santos Júnior - Trinta anos de escavações no Castro de Carvalhelhos (Boticas - Vila Real), *REVISTA DE GUIMARÃES*, 94, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães, 1984, pp. 411-424.

Júnior 1989

Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior - Notável ouriçado de pedras fincadas no Castro de Cunhas-Ardãos-Boticas, **BOLETIN AURIENSE**, 18-19, Museo Arqueológico Provincial, Orense, 1989, pp. 73-78.

Júnior et alii 1983

Avelino Miranda Júnior; Joaquim Norberto dos Santos; Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior - Castros do concelho de Boticas, **TAE**, 22 (3), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1983, 401-451.

Júnior et alii 1986

Avelino Miranda Júnior; Joaquim Norberto dos Santos; Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior - Castros do concelho de Boticas - II. Boticas 1986, **ANAIAS DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO**, LXVI (1-4), Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto, 1986, 5-96.

Kalb 1980

Philine Kalb - Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal, **GERMANIA**, 58, 1980, pp.25-115.

Lemos 2000

Francisco Manuel Salgueiro de Sande Lemos - A Via Romana entre Bracara Augusta e Asturica Augusta, por Aquae Flaviae (contributo para o seu estudo), **REVISTA DE GUIMARÃES**, 110, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 2000, pp.13-51.

Martins 1984a

J. B. Martins - *Levantamento arqueológico de Chaves, Boticas, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar* (dactilografado), Chaves, 1984.

Montalvão 1971a

A. Montalvão - *Visita a castros nos arredores de Chaves* (dactilografado), Chaves, 1971.

Montalvão 1971b

A. Montalvão - *Notas sobre Vias Romanas em Terras Flavienses*, Chaves, 1971, pp.5-27.

Paris 1903

P. Paris - Statues lusitaniennes de style primitif, **O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS**, 8, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1903, pp.1-8.

Pereira 1908

Félix Alves Pereira - Novo material para o estudo da estatuária e arquitectura do Alto Minho, **O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS**, 13, Lisboa, 1908, pp. 202-244.

Pereira 1915

Félix Alves Pereira - Novas figuras de guerreiros lusitanos descobertas pelo Dr. L. de Figueiredo da Guerra, **O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS**, 20, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1915, pp.1-16.

Pina 1942

José Luis de Pina - Museu, **REVISTA DE GUIMARÃES**, 52 (3-4), Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, 1942, pp.303.

Pinheiro 1895

José Henriques Pinheiro - *Estudo da Estrada Militar Romana de Braga a Astorga em que são determinadas todas as estações da referida via*, Imprensa Civilização, Porto, 1895.

Ponte 1984

Salette da Ponte - Fibulas de sítios a Norte do rio Douro, **LUCERNA**, 1984, pp.111-144.

Redentor 2000

Armando Redentor - Povoados fortificados com pedras fincadas em Trás-os-Montes, **CONINBRIGA**, 39, Instituto de Arqueologia FLUC, Coimbra, 2000, pp.5-51.

Redentor 2003

Armando Redentor - Pedras Fincadas em Trás-os-Montes (Portugal) *Chevaux-de-frise et fortificació en la premier edat del ferro europea*, GIP (Universitat de Lleida), Lleida, 2003, pp.135-154.

Rodriguez Colmenero 1987

António Rodriguez Colmenero - *Fontes Epigráficas, AQUAE FLAVIAE-I*, Câmara Municipal de Chaves, Chaves, 1987.

Rodriguez Colmenero et alii 2004

António Rodriguez Colmenero; Santiago Ferrer; Rúben D. Álvarez - *Miliários e outras Inscricións Viárias Romanas do noroeste Hispânico (Conventos Bracarense, Lucense e Asturicense)*, Conselho da Cultura Galega, seccion de Patrimonio Historico, Santiago de Compostela, 2004, pp.105-210.

Roldan Hervás 1975

José Manuel Roldan Hérvas - Itinerária Hispana, *Fuentes antiguas para el estudio de las Vías Romanas en la Península Ibérica*, DHA-U. de Valladolid, DHA - U. de Granada, Madrid, 1975.

Santos 1969

Maria Cristina Santos - Subsídios para o estudo arqueológico de Montalegre, Mealhada e Viseu, *ETHNOS*, 6, Lisboa, 1969, pp.201-218.

Sarmiento 1896

Francisco Martins Sarmiento - A propósito de Valábriga, *NOVA ALVORADA*, 5 (11), 1896.

Silva 1986

Armando Coelho Ferreira da Silva - *Cultura Casteja*, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Paços de Ferreira, 1986, 89-90.

Silva e Centeno 2000

Armando Coelho F. da Silva e Rui M. S. Centeno (coord.) - *Catálogo do Museu Rural de Boticas*, Câmara Municipal de Boticas, Boticas, 2000.

Teixeira 1939

Carlos Teixeira - Varia: Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel, *TAE*, IX (1-2), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, FCP, Porto, 1939, pp.126.

Teixeira 1996

Ricardo Jorge Coelho Marques Abrantes Teixeira - *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, (tese de mestrado policopiada), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1996.

Tranoy 1981

Alain Tranoy - *La Gallice Romaine: Recherches sur le nord-ouest de la peninsule ibérique dans l'antiquité*, 7, Difusion de Bocard (Maison des Pays Iberiques), Paris, 1981.

Vasconcellos 1895

José Leite de Vasconcellos - Notícias Várias, *O ARQUEOLOGO PORTUGUÊS*, I (5), Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa, 1895, pp.138-142.

Vasconcellos 1913

José Leite de Vasconcellos - *Religiões da Lusitânia*, 3, Lisboa, 1913.

Bibliografia não consultada, referenciada nos inventários do IPA, de SILVA 1986 e de SILVA e CENTENO 2000:

Cardozo 1942

Mário Cardozo - Uma notável peça de joalharia primitiva, *ANAIIS DA FACULDADE DE CIENCIAS DA FACULDADE DO PORTO*, 27:2, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Porto, 1942, pp.89-100.

Cardozo 1943

Mário Cardozo - *Algumas inscrições Lusitano-Romanas da região de Chaves*, Câmara Municipal de Chaves, Chaves, 1943, pp.72.

Cortez 1949

Fernando Russel Cortez - *Novos materiais para o estudo da Idade do Bronze de Trás-os-montes e Alto Douro*, Régua, 1949.

Dechelette 1913

Joseph Dechelette - *Manuel d' Archeologie Pré-historique Celtique et gallo-romain*, II, Librairie Alphonse Picard, Paris, 1913, pp.1102

Domerge 1987

Claude Domerge - *Catalogue des Mines et fonderies antiques de la Peninsule Iberique*, Difusion de Bocard, Madrid, 1987.

Domerge 1990

Claude Domerge - *Les mines de la Peninsule Ibérique dans l'antiquité Romaine*, École Française de Rome, Roma, 1990.

Martins 1980

J. B. Martins - Seara Velha-Memórias Antigas, *Notícias de Chaves*, Chaves 18/01/1980.

Martins 1984b

J. B. Martins - *Inventário dos sítios com interesse arqueológico do concelho de Chaves*, Chaves, 1984.

Martins 1984c

J. B. Martins - Ara votiva em Bobadela de Boticas, *NOTÍCIAS DE CHAVES*, Chaves, 03-02-1984.

Martins 1985

J. B. Martins - *Os castros do concelho de Chaves*, Câmara Municipal de Chaves, Chaves, 1985, pp.30.

Martins 1989

J.B. Martins - Concelho de Boticas. Zonas de interesse arqueológico, histórico e turístico, *NOTÍCIAS DE CHAVES*, Chaves, 25-08-1989, 1-9-1989.

Martins 1999

J. B. Martins - O Couto de Dornelas, *AQUAE FLAVIAE*, Câmara Municipal de Chaves, Chaves, 1999.

Queiroga 1992

Francisco M. V. Reimão Queiroga - *War and Castros. New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age*, thesis for the degree of Doctor, Oxford, 1992.

Rodriguez Colmenero et alii 1997

Antonio Rodriguez Colmenero; Firmino Aires; Enrique Alcorta - *Aquae Flaviae I.- Fontes Epigráficas da Gallaecia Meridional Interior*, Camara Municipal de Chaves, Chaves, 1997.

Sampaio 1929

José Rodrigues Liberal Sampaio - Castro de Nogueira de Barroso, *ERA NOVA*, 1929.

Apêndice II – Inventário

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 8, 2010



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 01

Relação

1. Identificação

Nome Povoado de Carregal / Poço das Freitas Topónimo Carregal / Poço das Freitas

Tipo de Sítio / Monumento Povoado Aberto

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Bobadela

Lugar 2

Sapelos

Freguesia 1 Bobadela

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 616.55

1 UTM (Y) 4621.75

Altitude 540

(X) 44408

(Y) 229894,5

Acessos Pela estrada municipal Bobadela - Ardãos (527). Depois de Nogueira, em direcção ao Alto da Pala, passando a ribeira do Vidoeiro.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992; Amaral 1993; Teixeira 1996

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl. 46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 001, 002, 003, 010, 011

Localizado entre a ribeira do Calvão e a corga do Vidoeiro, no cimo de um pequeno outeiro, na zona inicial do vale do rio Terva. Embora não se tenham detectado estruturas de relevo à superfície, encontraram-se inúmeros elementos pétreos afeiçãoados, parecendo alguns deles indiciar alguns alinhamentos. Foram detectados fragmentos de tegulae.

7. Interpretação

Considerando a proximidade com as minas antigas do Poço das Freitas, julgamos que se tratará de um habitat associado à exploração mineira.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século		
Milénio	Cronologia Relativa		Séc. II a.C., inícios do séc. V
Período Cultural	RI	Estilo Artístico	

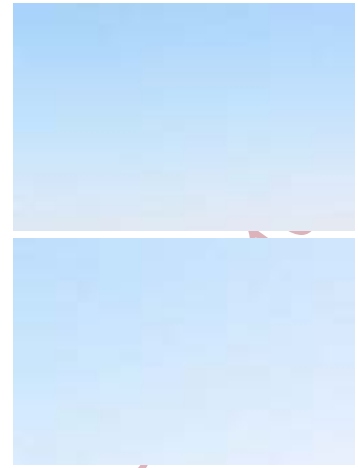
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vegetação
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de zona de protecção				
Proposta de Classificação	Admite-se classificação como IIP, associado ao Poço das Freitas.				

Local de Depósito

Observações Ameaça séria se porventura se autorizar a extracção de inertes (saibro). O interesse científico é particularmente determinado pela relação com a exploração mineira do Poço das Freitas.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito; Filões de quartzo

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Aluvial moderada/
Antrópica

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib. do Calvão e do Videiro

Uso da Água Uso geral e irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Restrito

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

15-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

14-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 02

Relação

1. Identificação

Nome Povoado da Senhora das Neves / Povo de Paredes
Topónimo Senhora das Neves / Povo de Paredes
Tipo de Sítio / Monumento Povoado Aberto
Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Ardãos
Freguesia 1 Ardãos
Coordenadas : 1 UTM (X) 618.15 (X) 45955
Lugar 2 Seara velha
Freguesia 2
1 UTM (Y) 4622.75 (Y) 230896,5
Altitude 540
Acessos Pela estrada 527, no sentido Ardãos/Seara Velha, seguindo pelo caminho municipal, atravessando a ribeira de Cunhas

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Guerra 1982; Martins 1984a ; Silva 1986; Fontes 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 **Escala** 1:25 000
Carta Geológica **Escala**
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6
Fotos 011, 012, 013, 014, 015
Carta geográfica 2 **Escala**
Ortofotomapa Orto fl.33-2 **Escala** 1:10 000
Escala 1:100 000

Nos campos adjacentes à capela da Senhora das Neves, que poderá ter sido um templo de fundação medieval, perto da confluência das ribeiras do Calvão e de Cunhas, foram detectados fragmentos de tegulae, dispersos por uma área com cerca de 1 ha. É notório o reaproveitamento de elementos pétreos nos muros que delimitam os terrenos adjacentes á capela. Assinale-se a identificação de um movente de uma mó circular num dos muros anteriormente referidos.

7. Interpretação

A existência de tegulae sugere a existência de uma ocupação anterior, de origem romana. Considerando a recente descoberta, nas proximidades, do grande povoado do Alto da Ribeira, deverá admitir-se a possibilidade de este sítio poder correlacionar-se com aquele, vindo a ser posteriormente cristianizado com a construção da capela. Martins 1984 e Silva 1986, classificaram o sítio erroneamente como castro. Aqui se localizaria a sede da antiga freguesia de Paredes, abandonada em 1569, possivelmente, devido a um surto de Peste (Guerra 1982,51).

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa Séc II a.C., Séc. XVI
Período Cultural RM	Estilo Artístico

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Não Existe
Interesse Científico	10	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de zona de protecção mínima.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Lomba

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos distrícos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib.do Calvão

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Silvicultura

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

15-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

14-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 03

Relação

1. Identificação

Nome Reigal / Chã de Lesenho Topónimo Reigal / Chã de Lesenho

Tipo de Sítio / Monumento Tumulus

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Campos

Lugar 2

Bostofrio

Freguesia 1 São Salvador do Viveiro

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 604.95

1 UTM (Y) 4612.1

Altitude 990

(X) 31753

(Y) 220389,5

Acessos Pela estrada R-311, virando no caminho municipal no sentido de Campos.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.45-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 017, 018, 019, 020, 511, 512, 513, 514

A NE do sopé do Castro do Lesenho, foram identificadas duas mamoadas de "tumuli" baixo, quase raso, com cerca de 8m de diâmetro, e depressão central quase imperceptível. Uma delas foi cortada pelo caminho, conservando-se um esteio "in situ". Luís Fontes (Fontes 1992), relata a existência de outros dois tombados, todavia já lá não se encontram, tendo provavelmente sido trasladados para outro local. Todo o conjunto se encontra ameaçado pela extração de saibro e por caminho carreteiro.

7. Interpretação

Sepulcro sob tumulus.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	N/B
	Estilo Artístico

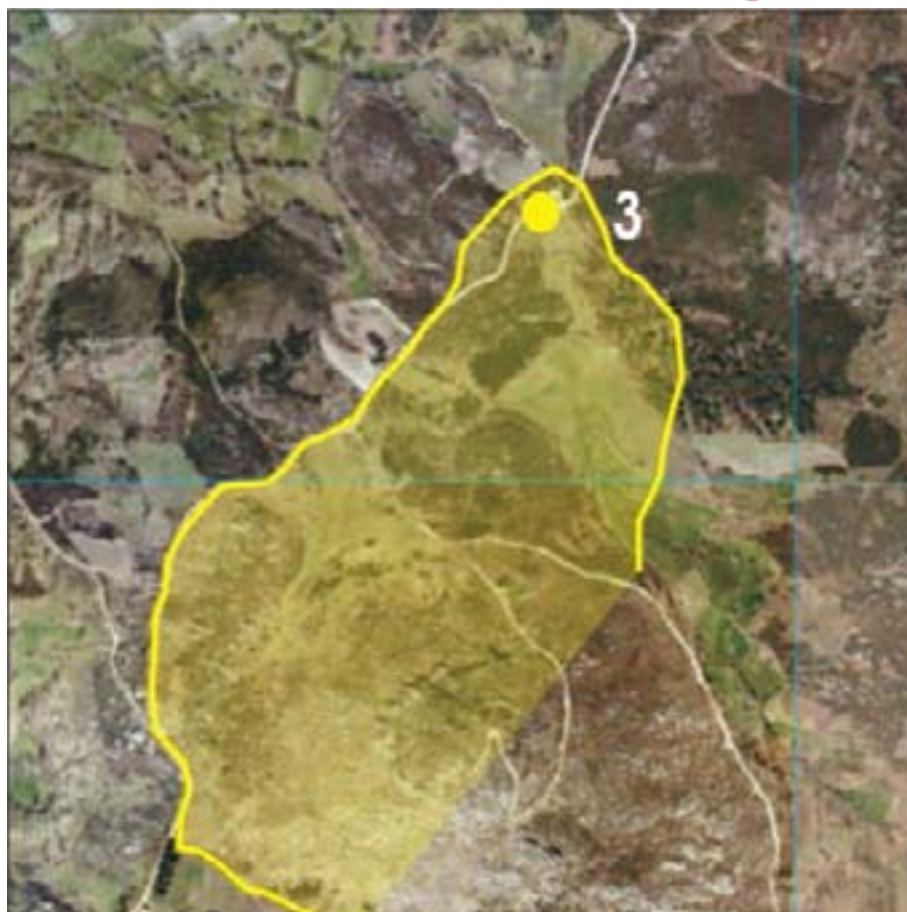
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Rede viária/areeiro
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Reduzido
Medidas de Valorização	Criação de uma zona de protecção. Suspensão da extracção de saibro.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações: Recomenda-se que seja abrangido pela área de protecção ao castro de Lesenho

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Chã

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corga do Fieiro

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Silvicultura

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

16-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

14-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 04

Relação

1. Identificação

Nome Castro do Lesenho Topónimo Lesenho

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Campos

Lugar 2

Covas do Barroso

Freguesia 1 São Salvador do Viveiro

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 231.6

1 UTM (Y) 519.6

Altitude 1050

(X) 31608

(Y) 219608

Acessos Pela estrada 311, virando no caminho municipal no sentido de Campos.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Hubner 1871; Sarmento 1896; Paris 1903; Pereira 1908; *Dechelle 1913; Vasconcellos 1913; Pereira 1915; Montalvão 1971; Guerra 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000; Capela e Borrageiro 2001

Informações Orais

Decretos de Classificação IIP - Dec. N°29/90, de 17-7-1990

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.59

Escala 1:25 000

Carta geográfica 2

Escala

Carta Geológica

Escala

Ortofotomapa

Orto fl.59-2

Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 021, 022, 023, 024, 025, 026, 027

Povoado fortificado de grandes dimensões, situado numa elevação cónica, abrangendo uma área de aprox. 9 ha. O acesso faz-se pela zona Norte virada ao planalto do Barroso, onde se pensa ter sido uma das entradas do povoado, tendo sido esta alvo de uma reconstrução por parte de J. Santos Júnior. Do lado Norte são bem visíveis três linhas de muralha concêntricas, que armam a encosta em largas plataformas, definindo no topo uma última plataforma, configurando uma espécie de "acrópole". É ainda de assinalar a existência de tramos interiores radiais. Embora tenha sido apontada uma entrada pela zona Sul, esta não foi identificada. Na zona Norte, mais desprotegida, juntam-se outros dois panos de muralha em forma de asa, armando dois patamares secundários. Identificam-se ainda dois penedos com arte rupestre a SE e a NE: o primeiro mesmo no sopé do Lesenho Grande e o segundo já bastante próximo do primeiro pano de muralha. As muralhas, espessas, apresentam um aparelho poligonal irregular, com miolo de calhaus, cascalho e terra. À superfície recolhem-se fragmentos de cerâmica manual, comum romana e de tegulae.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Este povoado do Lesenho foi romanizado e deveria constituir, como sugerem as suas dimensões, implantação geo-estratégica e as estátuas de guerreiros "galaico-romanos" aí recolhidas, um lugar central no quadro do povoamento da região. Alguns autores admitem mesmo que o povoado do Lesenho possa corresponder à sede do populi dos Equaesii (Alarcão 2003, Silva 1986).

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
	IF/R/SV
	Finais do I mil. a.C. Séc. VII

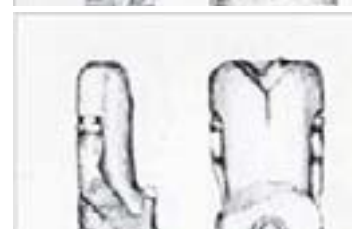
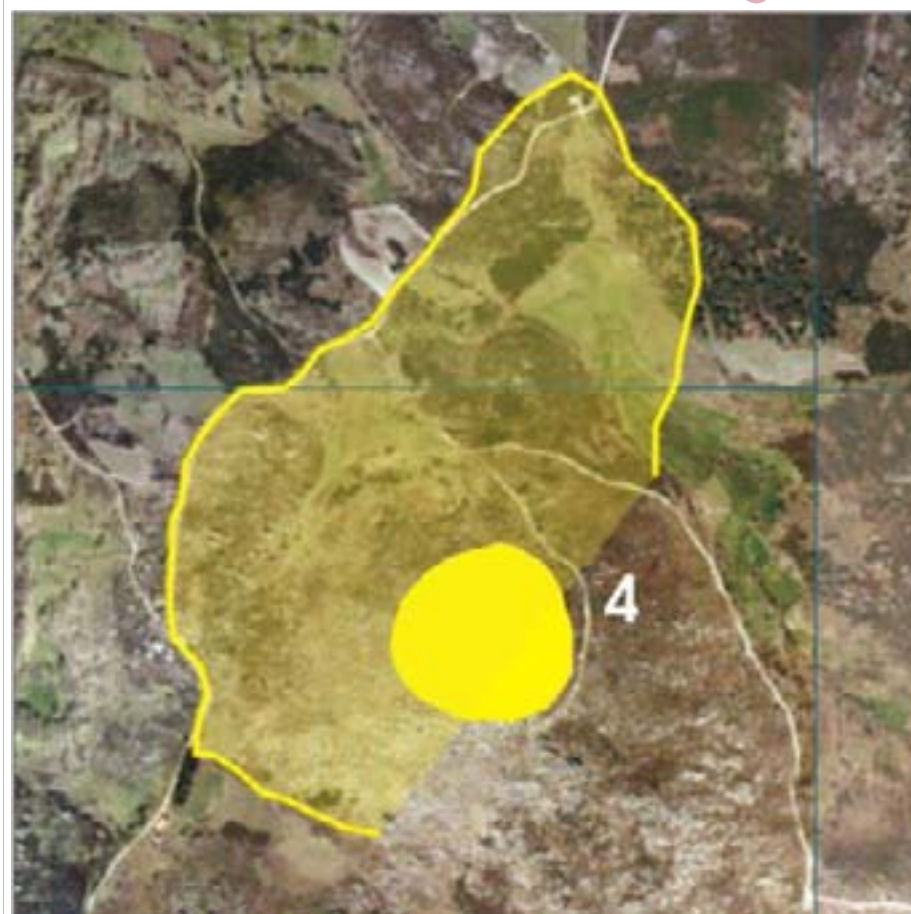
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Muito Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	18	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Estabelecimento de uma Zona Especial de Protecção, que deve alargar-se ao sopé e estender-se às proximidades da aldeia de Campos. Implementação de projecto de estudo e valorização, no quadro da candidatura dos castros a património da humanidade.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito	As estátuas dos guerreiros Galaico- Lusitanos encontram-se depositadas no Museu Nacional de Arqueologia. No Museu Rural de Boticas recolhem-se peças cerâmicas de várias formas, fabricos e cronologias (Silva e Centeno 2000, 19).
-------------------	---

Observações	O estradão de acesso à torre de vigia, danificou pontualmente as murallhas do castro. Se houver necessidade de melhorar o acesso, recomenda-se que se faça com aterros e não com desaterros.
-------------	--

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Cumeada

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Moderada

Hidrografia

Tipo de Água Afluente do corgo dos Lamais

Uso da Água Uso geral, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Excelente

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

16-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

14-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 05

Relação

1. Identificação

Nome Alto do Crasto Topónimo Alto do Crasto

Tipo de Sítio /Monumento Castelo

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Covas do Barroso

Lugar 2

Campos

Freguesia 1 Covas do Barroso

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 229.5

1 UTM (Y) 518.8

Altitude 790

(X) 29462

(Y) 218764

Acessos Pela estrada 311, virando pelo caminho municipal que dá acesso a Covas do Barroso.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior et alii 1986; *Martins 1989; Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.59 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.59-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 029, 030, 031, 032, 033, 034, 035

Cabeço rochoso em esporão, sobranceiro à aldeia de Covas do Barroso. Foram identificados no topo restos de muralha em aparelho ciclópico de granito, de pequeno perímetro, com uma área inferior a 1 ha. Foram igualmente identificados vestígios que parecem indicar alinhamentos perpendiculares à dita muralha e outros paralelos á mesma. O cimo do cabeço é formado por uma pequena acrópole rochosa, possuindo pequenas plataformas aplanadas, numa das quais se observa uma cavidade escavada na rocha. Não nos foi possível recolher quaisquer tipo de materiais.

7. Interpretação

Alguns autores classificam este sítio como povoado fortificado da Idade do Ferro, com base na recolha de cerâmica que classificam como característica dessa época. Outros autores propõe uma classificação como castelo roqueiro, com base na pequena dimensão do povoado e na classificação de fragmentos cerâmicos como de produções medievais. Nas visitas efectuadas não identificamos quaisquer restos cerâmicos, pelo que admitimos que possa corresponder a uma ocupação medieval.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa séc. X - séc. XV
Período Cultural IM	Estilo Artístico

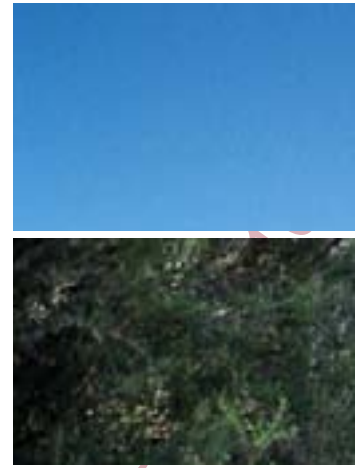
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Limpeza da vegetação arbustiva e delimitação de zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Antrossolos áricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Ribeira de Covas

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Silvicultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

16-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

14-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 06

Relação

1. Identificação

Nome Côtó dos Corvos Topónimo Côtó dos Corvos

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Alturas do Barroso

Lugar 2

Telhado

Freguesia 1 Alturas do Barroso

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 597.7

1 UTM (Y) 4618.8

Altitude 1200

(X) 25446

(Y) 227111

Acessos Pelo Caminho Municipal 520 que vai da estrada R-311 até Alturas do Barroso, passando por Lavradas.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.45-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 036, 037, 038, 039, 040, 041, 042

Elevação pedregosa onde se observam três linhas de muralhas em aparelho poligonal irregular de granito, que se desenvolvem paralelas pela vertente Este, aproveitando a penedia e armando a encosta em plataformas. Ocupa uma área aproximada de 3 ha. Dispersas pela superfície, observam-se abundantes pedras afeiçãoadas e recolhem-se raros fragmentos de cerâmica micéica indígena.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	IF
	Estilo Artístico

9. Conservação e Valorização

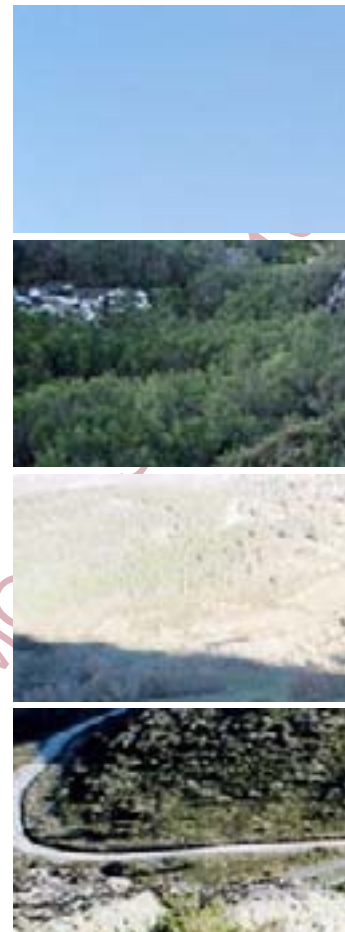
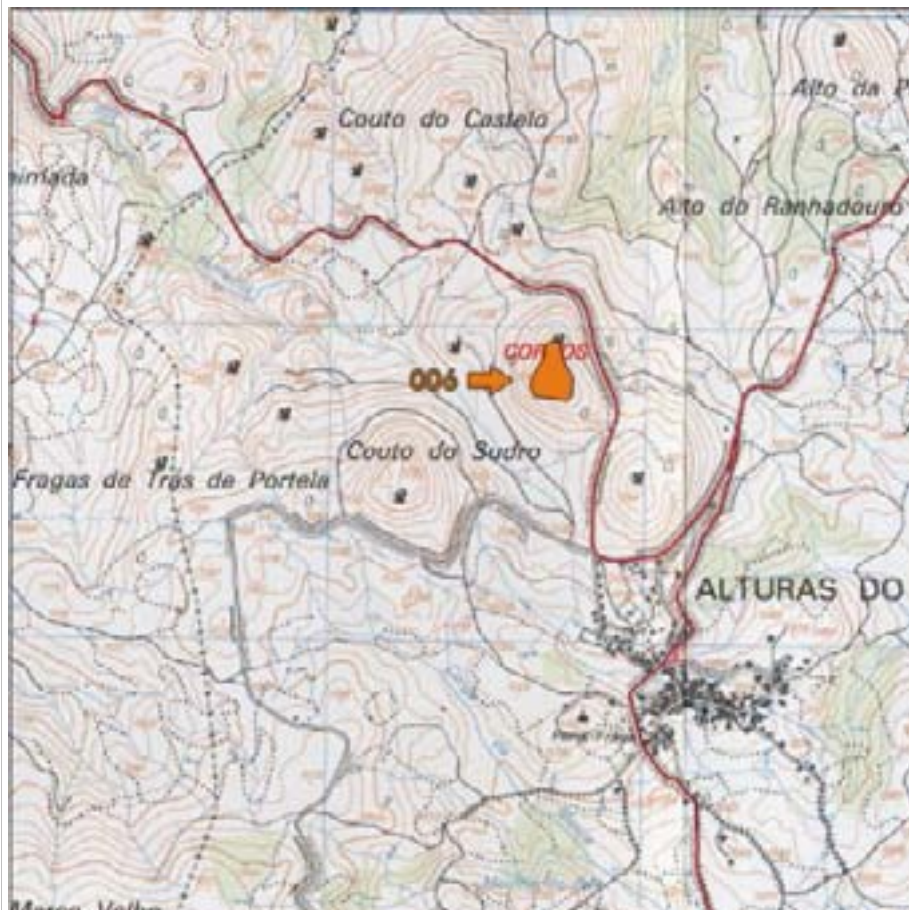
Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Delimitação de Zona de Protecção e medidas de recuperação e minimização dos danos sofridos na muralha.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

Recentemente foi iniciada a abertura de um estradão para recolha de matos, que provocou a destruição parcial de um troço de muralha. Os trabalhos foram suspensos, por iniciativa da CMB e IPA. Se for absolutamente imprescindível criar um acesso ao local, deve fazer-se com recurso a aterros.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corgados Ferreiros

Uso da Água Uso comum

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Excelente

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

16-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

14-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 07

Relação

1. Identificação

Nome Castro do Poio Topónimo Poio

Tipo de Sítio / Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Covas do Barroso Lugar 2 Antigo

Freguesia 1 Covas do Barroso

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 599.8

1 UTM (Y) 4610.3

Altitude 590

(X) 27438

(Y) 218577

Acessos Pela estrada 311, passando o rio Covas, virando no sentido de Covas do Barroso. Segue-se o acesso da mini hídrica.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.59 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.59-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 044, 045, 046, 047, 048, 049, 050, 051

Relevo em esporão, na margem esquerda da rib. do Couto, que o rodeia por três lados. Apresenta boas condições de defesa natural, excepto no lado NE, onde se refere a existência de um grande fosso, que não conseguimos confirmar, devido à densidade de vegetação e porque poderá estar aterrado. Esta mesma vegetação não facilitou a observação do espaço circuitado por várias linhas de muralha, numa área aproximada de 2 ha, identificando-se apenas alguns blocos afeiçãoados que teriam correspondido a habitações, embora a sua morfologia não fosse perceptível. Não se recolheram materiais cerâmicos. Implantado no fundo do vale, o sítio beneficia de boa acessibilidade natural.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não se identificaram indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF	Inícios do I mil a.C., fins do I mil a.C.

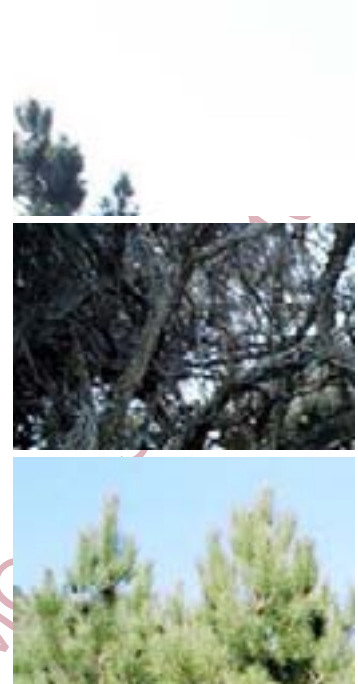
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Recomendável a limpeza da vegetação arbustiva e arbórea, e delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 10-25%, separação entre 10 e 35 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib. do Couto

Uso da Água Energia

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andade

Data

16-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

14-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 08

Relação

1. Identificação

Nome Povoado do Cemitério de Covas Topónimo Cemitério de Covas

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Aberto

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Covas do Barroso

Lugar 2

Romainho

Freguesia 1 Covas do Barroso

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 601.25

1 UTM (Y) 4609.95

Altitude 630

(X) 28929.5

(Y) 218179

Acessos Pela estrada R-311, passando o rio Covas, virando no sentido Covas, até ao centro da aldeia.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.59 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.59-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 052, 053

Terreno a NE do cemitério de Covas, em propriedade da casa paroquial de Covas do Barroso. Dispersos por uma área inferior a 1 ha, encontram-se elementos graníticos afeiçoados, reaproveitados, um dos quais parece ter feito parte de um bloco almofadado e recolhe-se cerâmica um pouco por todo o terreno (alguns elementos de tegulae e ímbrice e outros mais recentes).

7. Interpretação

Ocupação romana, sem que se consiga estabelecer a tipologia do aglomerado. A existência deste povoado poderá explicar o achado de um Au do imperador Constantino em Covas do Barroso, em 1880 (Guerra 1982, 37).

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século		
Milénio	Cronologia Relativa		Séc. II a.C., inícios do séc.V
Período Cultural	RI	Estilo Artístico	

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Reduzido	Potencial Valorização	Reduzido
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Alvéolo

Local de Implantação Linha de Água

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Antrossolos áricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rio Covas

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbórea

Terciária

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

17-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 09

Relação

1. Identificação

Nome Couto dos Mouros/Castro de Vilarinho Sêco **Topónimo** Couto dos Mouros/Castro de Vilarinho Sêco
Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado
Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilarinho Sêco **Lugar 2** S. Salvador do Viveiro
Freguesia 1 Alturas do Barroso **Freguesia 2**
Coordenadas : **1 UTM (X)** 599.8 **1 UTM (Y)** 4625.25 **Altitude** 960
(X) 27641 (Y) 223419,5
Acessos Pela estrada R-311, virando no caminho 1035 em direção a Vilarinho Sêco.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 **Escala** 1:25 000 **Carta geográfica 2** **Escala**
Carta Geológica CGP fl. 6 A **Escala** 1: 50 000 **Ortofotomapa** Orto fl.45-4 **Escala** 1:10 000
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 **Escala** 1:100 000
Fotos 043, 054, 055, 056, 057, 058, 080, 081, 082, 083

No promontório ocidental da serra das Alturas, sobranceiro à ribeira da Urzimeira, perto da aldeia de Vilarinho Sêco. É notória a presença de duas linhas de muralha, de aparelho poligonal irregular, que se desenvolvem principalmente na vertente SE. A muralha seria de grandes dimensões, apresentando-se já em estado de avançado derrube. Toda a encosta apresenta vestígios de derrubes. O povoado estender-se-ia por uma área de aproximadamente 2 ha. Ao longo da crista do relevo passa um pano de muralha, inflectindo quer a Norte, quer a Sul, pela encosta Este. Não foram detectados indícios de habitações pelo facto de a vegetação não permitir uma observação mais promenorizada. Também não foi possível proceder à recolha de cerâmica.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF	Inícios do I mil a.C., fins do I mil a.C.

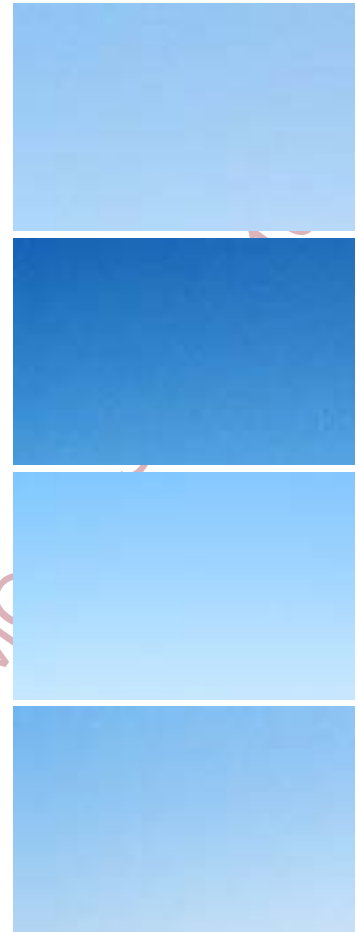
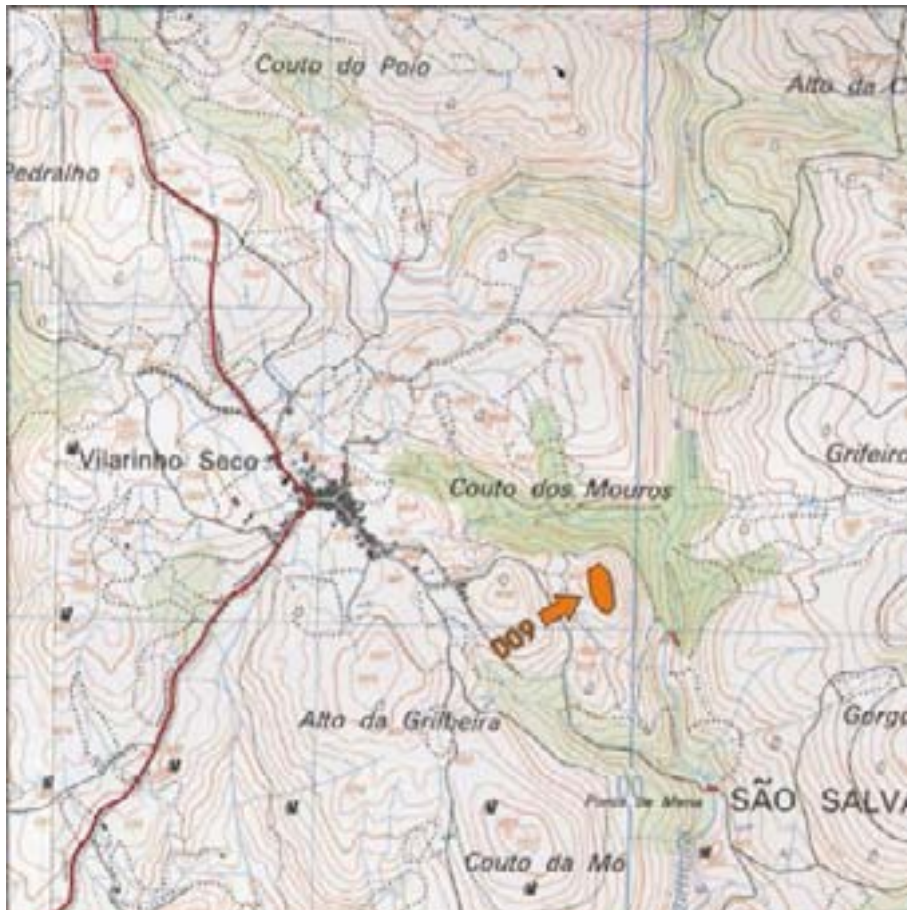
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Pastoreio
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Zonamento de protecção e limpeza.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações O local é percorrido por gados, que aí pastam.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água ribeira da Urzimeira

Uso da Água uso comum

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Excelente

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

17-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 10

Relação

1. Identificação

Nome Castro da Gestosa Topónimo Castro da Gestosa

Tipo de Sítio / Monumento Povoado Fortificado

Classificado

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Gestosa

Lugar 2

Vila Pequena

Freguesia 1 Dornelas

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 597.15

1 UTM (Y) 4612.7

Altitude 770

(X) 24867.5

(Y) 221031.5

Acessos Pela R-311, junto à ribeira da Gestosa, a poucos metros da estrada.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Azevedo 1898; Guerra 1982; Júnior 1982; Júnior et alii 1983; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; Fontes 1992; *Queiroga 2000; *Martins 1999; Silva e Centeno 2000; Capela e Borrageiro 2001

Informações Orais

Decretos de Classificação IIP- Dec. N° 29/90, de 17-7-1990

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45

Escala 1:25 000

Carta geográfica 2

Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 A

Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.45-4

Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 060, 061, 062, 063, 064, 065, 066, 067, 068, 069, 070, 071, 072, 073, 074, 075, 076, 083

Num esporão, sobranceiro à aldeia da Gestosa, bastante próximo da estrada R311, identifica-se um povoado fortificado de grandes dimensões, estendendo-se por uma área de aproximadamente 3 ha. Apresenta três linhas de muralhas ainda bem conservadas, de aparelho poligonal cuidado, encontrando-se as duas primeiras em excelente estado de conservação. Na plataforma inferior, encontram-se blocos afeiçoados, embora não seja possível identificar habitações; na zona nordeste foi identificada uma porta de acesso ao povoado, também em muito bom estado de conservação. Foi identificado um fosso, que "nascendo" do sector sul se estende pelo lado oriental do promontório. Devido à vegetação, não foi possível identificar com clareza a sua morfologia. No acesso ao último patamar foi identificada outra porta, com cerca de 2,5 metros de largura e já na plataforma identificam-se vestígios de habitações circulares. Foi recolhida escassa cerâmica micacea indígena. Não se identificou o denominado penedo da Certã, assinalando-se apenas uma cavidade na rocha no patamar superior, no centro do povoado, que pode ser fruto da erosão.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Embora a densa vegetação não permitisse a recolha de fragmentos cerâmicos que possam atestar ocupação romana, as fontes consultadas referem a romanização do local.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	IF/R
	Estilo Artístico

9. Conservação e Valorização

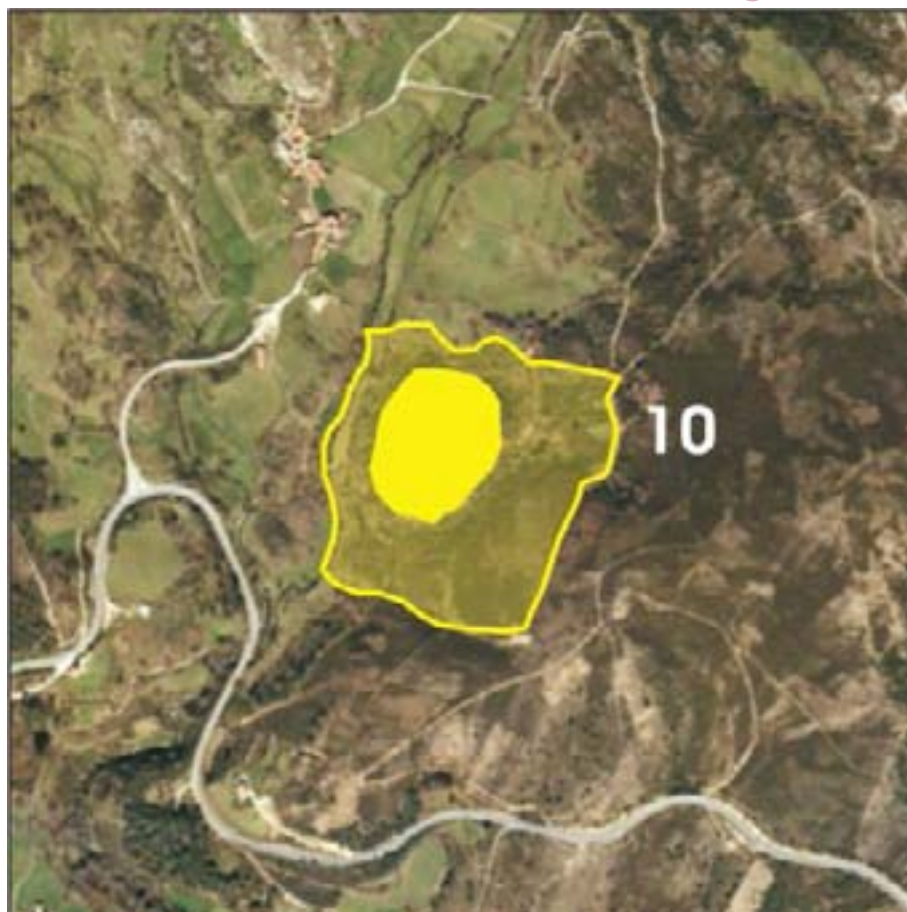
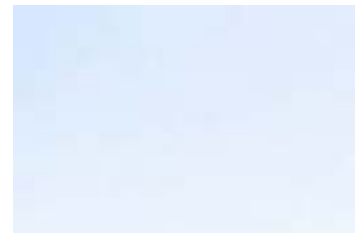
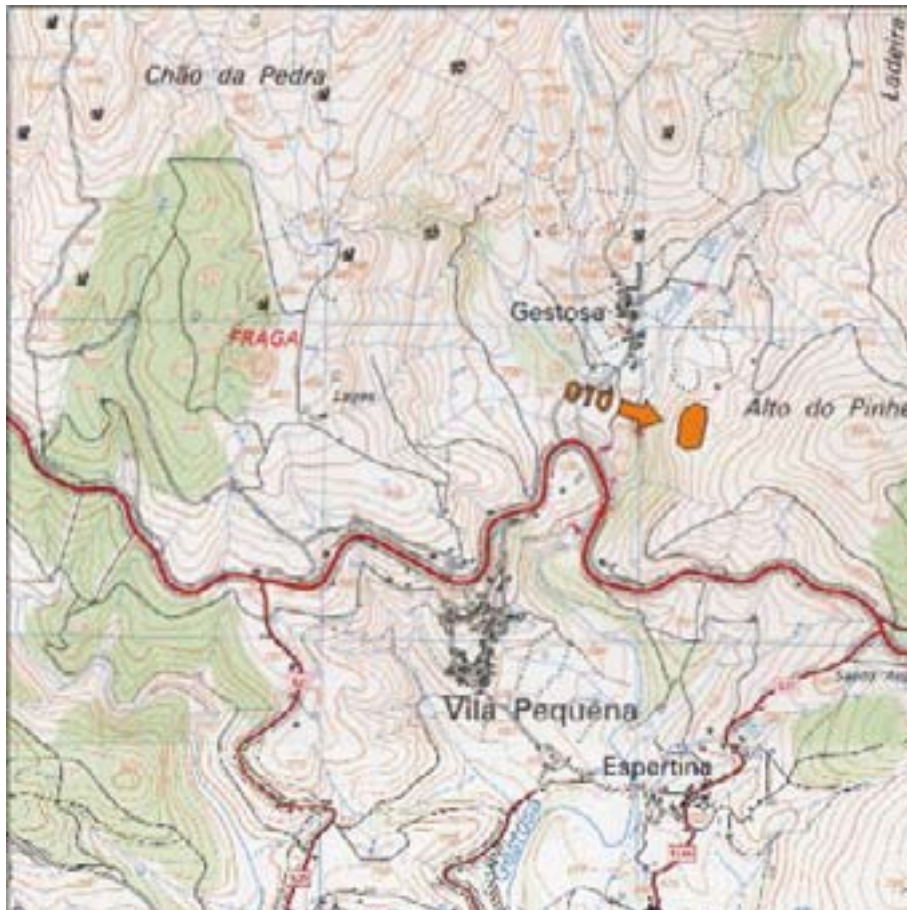
Estado de Conservação	Muito Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Pastoreio
Interesse Científico	18	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Projecto específico de estudo, restauro e conservação, delimitação de zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

O seu fácil acesso e localização junto da principal via de comunicação do concelho, fazem com que tenha um grande potencial turístico.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 25-50%, separação entre 4 e 10 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib^a da Gestosa

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

18-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 11

Relação

1. Identificação

Nome Castro do Brejo ou Cidadonha Topónimo Brejo ou Cidadonha

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Bobadela

Lugar 2

Nogueira

Freguesia 1 Bobadela

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 614.25

1 UTM (Y) 4626.75

Altitude 660

(X) 42060

(Y) 229880,5

Acessos Pela estrada N312, em direcção a Bobadela, passando, depois da aldeia em estradão que dá acesso à casa florestal.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Cardozo 1954; Júnior 1981; Guerra 1982; Júnior et al 1983; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 006, 008, 087, 089, 090, 091, 092, 220

Num esporão, no sopé da vertente este da Serra do Leiranco, localiza-se um pequeno povoado fortificado. É visível uma muralha circundante, com menos de 1 ha de perímetro, que devido a estar muito destruída, se configura quase como simples alinhamento. Conservam-se pequenos tramos de elementos do alicerce, que é constituído por aparelho ciclópico, encostado em diversos pontos à penedia existente. Foram encontrados raros fragmentos de cerâmica micácea indígena.

7. Interpretação

Povoado fortificado cuja ocupação, com base nos achados referenciados, se estende por um vasto período, abrangendo a Idade do Bronze, Idade do Ferro e o período romano. Esta cronologia é atestada pelas cerâmica manual, micácea indígena e fragmentos de tegulae (Fontes 1992), um machado de bronze e outro de pedra polida (dolerite) (Júnior et alii 1986), bem como o achado de moedas, uma roca de metal e um machado de bronze de dupla aselha (Júnior et alii 1983).

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa Meados do III mil.a.C., inícios do séc. V
Período Cultural B/F/R	Estilo Artístico

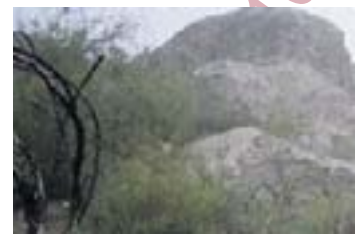
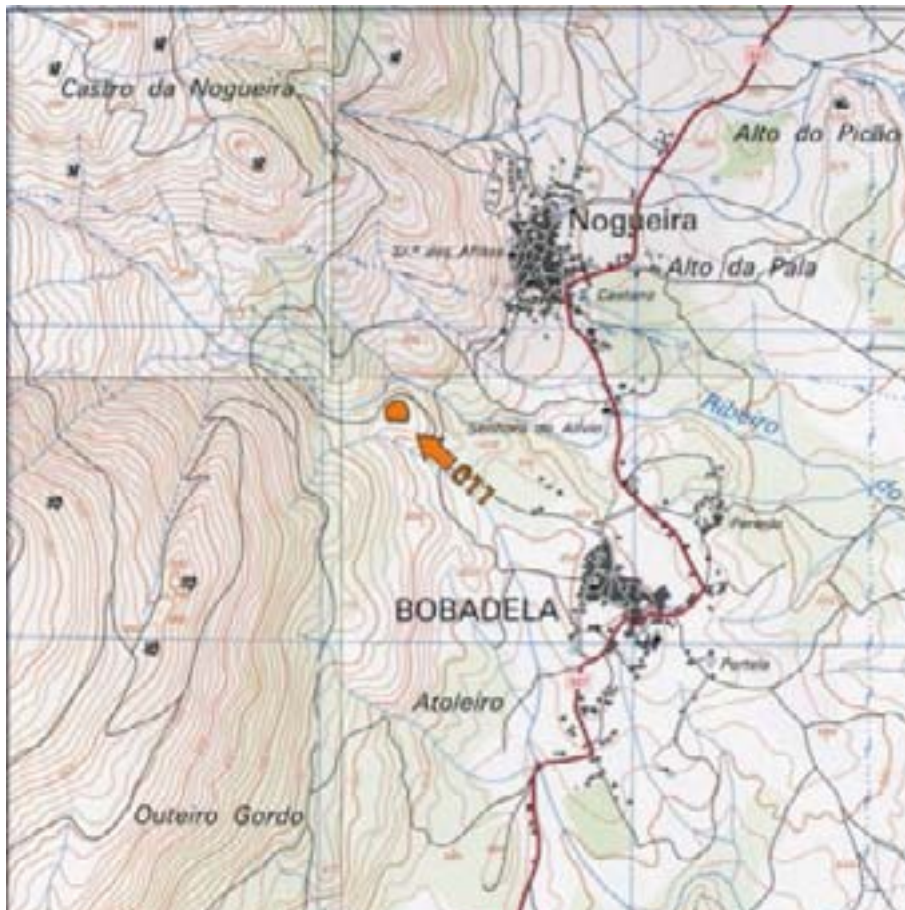
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de zona de Protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações É do conhecimento público que se recolheu pedra do castro para uso das populações vizinhas.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib. do Brejo

Uso da Água Uso comum, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

22-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 12

Relação

1. Identificação

Nome Sepulturas de Pássaros Topónimo Pássaros

Tipo de Sítio /Monumento Necrópole

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapiãos

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 613.7; 613.55 1 UTM (Y) 4618.95; 4618.95 Altitude 540; 560

(X) 41451.5; 41360 (Y) 227092.5; 227133

Acessos Pela estrada 102, passando pelo caminho do cemitério.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos *Martins 1989; Teixeira 1996; Couto 1998

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 093, 094, 095, 096, 097, 100, 101, 590

Entre o cemitério de Sapiões e o extremo nordeste da aldeia, identificam-se sepulturas escavadas no afloramento rochoso, com forma antropomórfica. Cinco das sepulturas estão localizadas no meio do caminho, estado quatro orientadas no sentido E/O e uma orientada no sentido NO/SO. Das primeiras quatro, uma tem a sua parte superior cortada pela estrada, outra tem o cruzeiro sobre si, outra é visível na sua totalidade medindo cerca de 1,80m de comprimento e cerca de 45cm de largura de ombros; a quarta, apresenta bastantes elementos pétreos sobre si. A quinta apresenta-se cortada longitudinalmente pela estrada, notando-se bem, na metade que resta, a zona do entalhe da cabeceira e um certo afunilamento na zona inferior. Identificou-se uma sexta sepultura relativamente distanciada destas últimas, nos terrenos junto à estrada N103, em bom estado de conservação, tendo cerca de 1,80m de comprimento e 50 cm de largura de ombros.

7. Interpretação

Necrópole de sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, de cronologia medieval (séculos XI-XIV).

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa Séc. XI, séc. XIV
Período Cultural MC/BM	Estilo Artístico

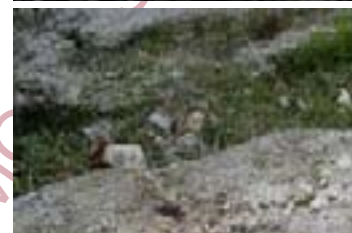
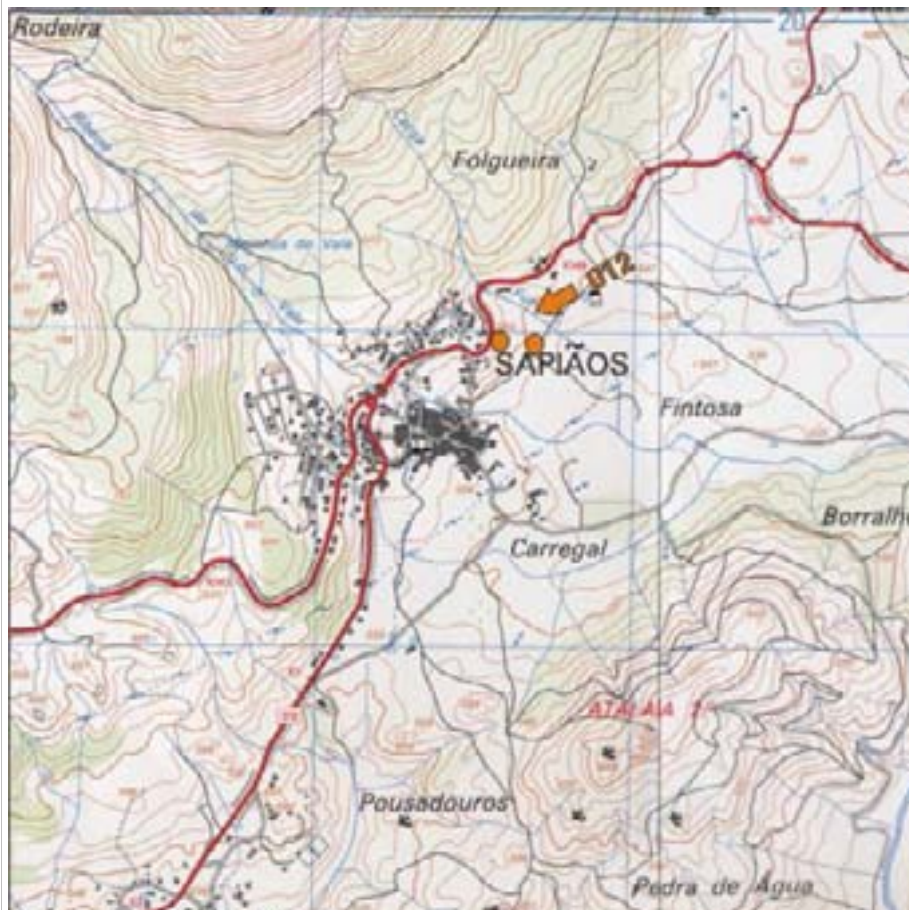
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Limpeza e arranjo da superfície, integrando as sepulturas, eventualmente com ajardinamento. Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Alvéolo

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo

Cond. Sedimentação

Cond. Erosão

Hidrografia

Tipo de Água Corga Funda

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via Portela

Orientação SO/NE

Aproveitamento Rodoviário

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

22-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 13

Relação

1. Identificação

Nome Povoado do cemitério de Sapiãos Topónimo Cemitério de Sapiãos

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Aberto

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapiãos

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 613.65

1 UTM (Y) 4619.05

Altitude 550

(X) 41433,5

(Y) 227229

Acessos Pela estrada N103, virando em direcção a Sapiãos, nos terrenos entre o cemitério e o limite NE da aldeia.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Guerra 1982; Fontes 1992; *Martins 1989; Teixeira 1996

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 098, 099, 102, 103

Entre o cemitério e a aldeia de Sapiãos, nas leiras de cultivo encontram-se vestígios de tégulae e cerâmica comum. A maior parte dos fragmentos foram recolhidos num terreno cultivado, junto à N103. Apesar de somente ter sido recolhida cerâmica nos terrenos próximos das sepulturas de pássaros, identificaram-se elementos afeiçoados na zona mais próxima do cemitério, estendendo-se por uma área de cerca de 5 ha.

7. Interpretação

Ocupação romana, sem que se consiga estabelecer a tipologia do aglomerado. Não é possível atestar a continuidade de ocupação exacta deste local na Idade Média, sendo apenas possível constatar a existência de uma necrópole nas proximidades deste assentamento, bem como da igreja velha de Sapiãos, que parece ser de fundação medieval. A aldeia de Sapiãos já aparece referenciada nas Inquirições de 1258. Somente uma análise de pormenor, com sondagens arqueológicas, permitiria comprovar uma continuidade de ocupação do local na época medieval.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C. inícios do séc.V

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de uma zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Alvéolo

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Luvisolos
crômicos/cambissolos dísticos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corga Funda

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Mau

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

22-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 14

Relação

1. Identificação

Nome Sarcófago de Seixas Topónimo Seixas

Tipo de Sítio /Monumento Achado Isolado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapiãos

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 614.5

1 UTM (Y) 4618.58

Altitude 520

(X) 41949

(Y) 226740

Acessos Pela estrada 103, virando em Sapiãos, pelo caminho municipal em direcção à Fintosa.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos *Martins 1989; Teixeira 1996; Couto 1998

Informações Orais Segundo um habitante de Sapiãos, o "caminho velho" onde se recolheu o sarcófago

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 104, 105, 106, 107, 145, 146

Sarcófago de granito, com cavidade antropomórfica, encontrado na margem de um caminho vicinal que conduz da aldeia à veiga agrícola. Actualmente está depositado na junta de freguesia de Sapiãos.

7. Interpretação

Sarcófago reaproveitado para bebedouro dos animais. Provavelmente foi retirado das proximidades do sítio de "Pássaros", tendo feito parte do mesmo conjunto.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século		
Milénio	Cronologia Relativa		séc. XI - XIV
Período Cultural	MC/BM	Estilo Artístico	

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Baixo	Factor de Risco	Não Existe
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Deveria ser incluído nas colecções do Museu Rural de Boticas, secção de arqueologia				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito Sede da junta de freguesia de Sapiãos.

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevô

Forma Específica de Relevô

Local de Implantação

Geologia

Substrato Geológico

Afloramentos

Edafologia

Tipo de Solo

Cond. Sedimentação

Cond. Erosão

Hidrografia

Tipo de Água

Uso da Água

Cobertura Vegetal

Primária

Secundária

Terciária

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção

Enquadramento da Paisagem

12. Observações

Por se tratar de um achado descontextualizado, não se preencheu o formulário relativo ao contexto ambie

Operador

Francisco Andrade

Data

22-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 15

Relação

1. Identificação

Nome Povoado do Alto da Ribeira Topónimo Alto da Ribeira

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Aberto

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Seara Velha

Lugar 2

Ardãos

Freguesia 1 Ardãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 619

1 UTM (Y) 4623,4

Altitude 550

(X) 46889

(Y) 231491,5

Acessos Pela estrada que dá acesso à capela da Senhora das Neves, seguindo pelo estradão paralelo à ribeira do Calvão.

4. Fontes e Referências

Inédito Sim

Manuscritos

Impressos Teixeira 1996; Capela e Borrageiro 2001

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121,122,123, 124

Nos terrenos adjacentes ao local com o topónimo de Alto da Ribeira, perto da ribeira do Calvão, identificou-se o que parece ser um povoado de grandes dimensões, que abarcaria uma área de cerca de 4 ha. É notório o reaproveitamento de elementos arquitectónicos nos muros que delimitam as propriedades existentes na zona, dos dois lados do estradão que passa paralelo à ribeira do Calvão. Foram identificados inúmeros fragmentos de tegulae e ímbrice, referenciando-se ainda, o achado de fragmentos de sigilata e fustes de coluna.

7. Interpretação

Ocupação romana, sem que se consiga estabelecer a tipologia do aglomerado, constatando-se apenas a sua grande dimensão. Ricardo Teixeira (1996), que lhe dá o nome de Susana, recolheu aí sigilatas dos séculos I-II e admite que este local possa corresponder a uma vila. Nas suas proximidades, a Norte, passaria uma variante da via romana Bracara a Asturica (via XVII).

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	séc I a.C., inícios do séc V

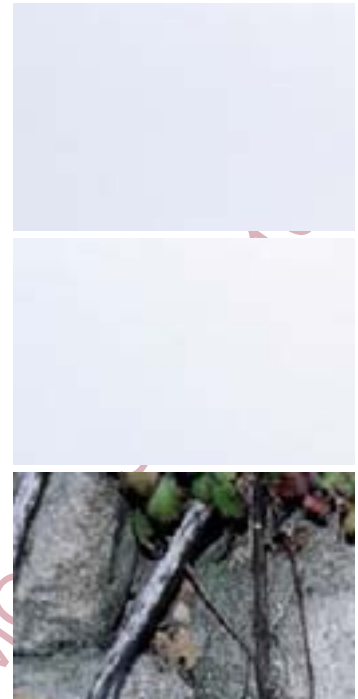
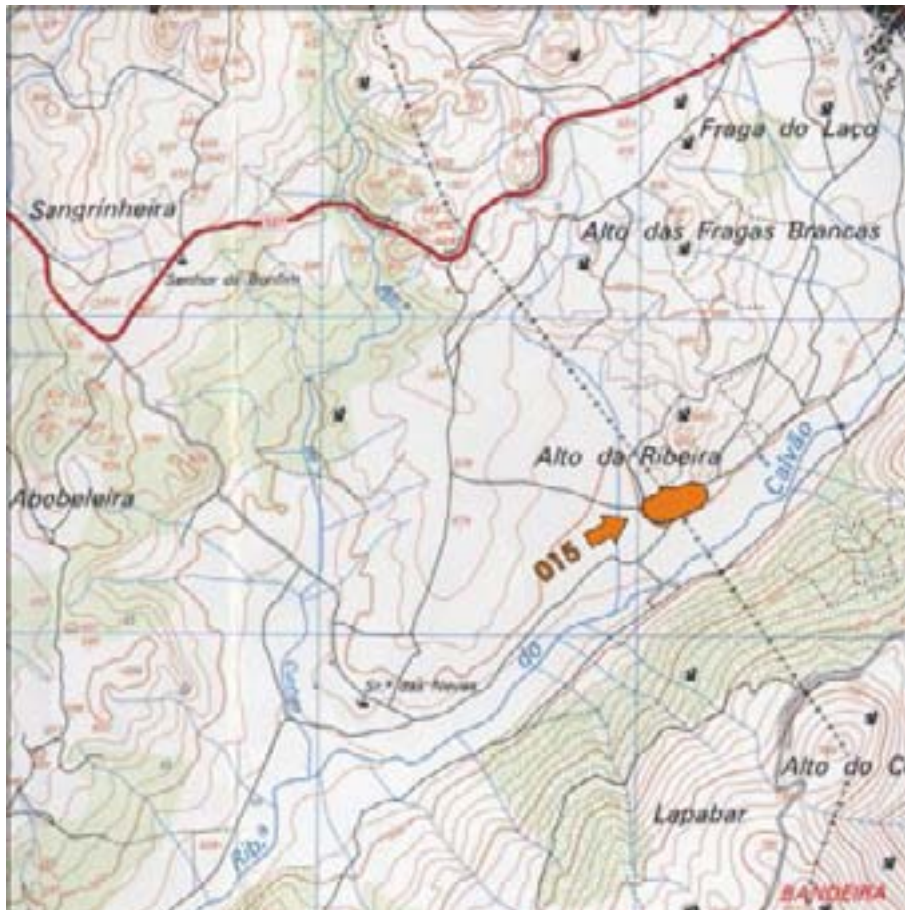
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de uma zona especial de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Vertente Superior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 10-25%, separação entre 10 e 35 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos distrícos

Cond. Sedimentação Aluvial ligeia

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Ribeira do calvão

Uso da Água Rega

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via vale da ribeira do calvão

Orientação SO/NE

Aproveitamento Carreteiro

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

23-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 16

Relação

1. Identificação

Nome Poço das Freitas Topónimo Poço das Freitas

Tipo de Sítio /Monumento Mina

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Bobadela

Lugar 2

Nogueira

Freguesia 1 Bobadela

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 616.95

1 UTM (Y) 4622.65

Altitude 540

(X) 44719.5

(Y) 230200.5

Acessos Pela estrada 103, virando no sentido Bobadela/Ardãos, passando à estrada 527. Passando Bobadela e Nogueira, virar à direita.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Argote 1732 - 47; Figueiredo 1892; Azevedo 1896; *Dias 1903; Teixeira 1939; Cardozo 1954; Costa 1968; Tranoy 1981; Guerra 1982; *Domerge 1987; Alarcão 1988; *Martins 1989; *Domerge 1990; Fontes 1992; Teixeira 1996; Capela e Borrageiro 2001

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000 Carta geográfica 2 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta Geológica CGP fl. 6 B Escala 1: 50 000 Ortofotomapa Orto fl.46-2/33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 Escala 1:100 000

Fotos 001, 002, 003, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 318, 319, 320, 32

Entre os ribeiros do Calvão e do Vidoeiro, são perceptíveis vestígios de grandes escavações a céu aberto, num eixo preferencialmente direccionado no sentido N/S, abarcando uma área de cerca de 70 ha. São igualmente evidentes entradas de galerias antigas com rasgos interiores para suporte de vigamentos ou escoras. Uma das zonas de exploração ficou alagada, tornando-se numa lagoa, que terá inspirado o nome do local "Poço das Freitas".

7. Interpretação

Exploração aurífera de grandes dimensões, que terá estado em actividade por um vasto período, nomeadamente no período romano, medieval e moderno. Admite-se também que possa ter conhecido exploração na Proto-História. A zona de extração abarca uma área que se prolonga no sentido N/S cerca de 1 Km e cerca de 800m no sentido Este-Oeste, sendo constituída por inúmeras cortas mineiras, galerias e escombreyras. Juntamente com as minas de Batocas, do Brejo e de Sapelos, integrariam o grande complexo mineiro do vale inicial do rio Terva. De acordo com informações orais, algumas das galerias poderão ser recentes.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa Séc. II a.C. séc XVIII
Período Cultural RMM	Estilo Artístico

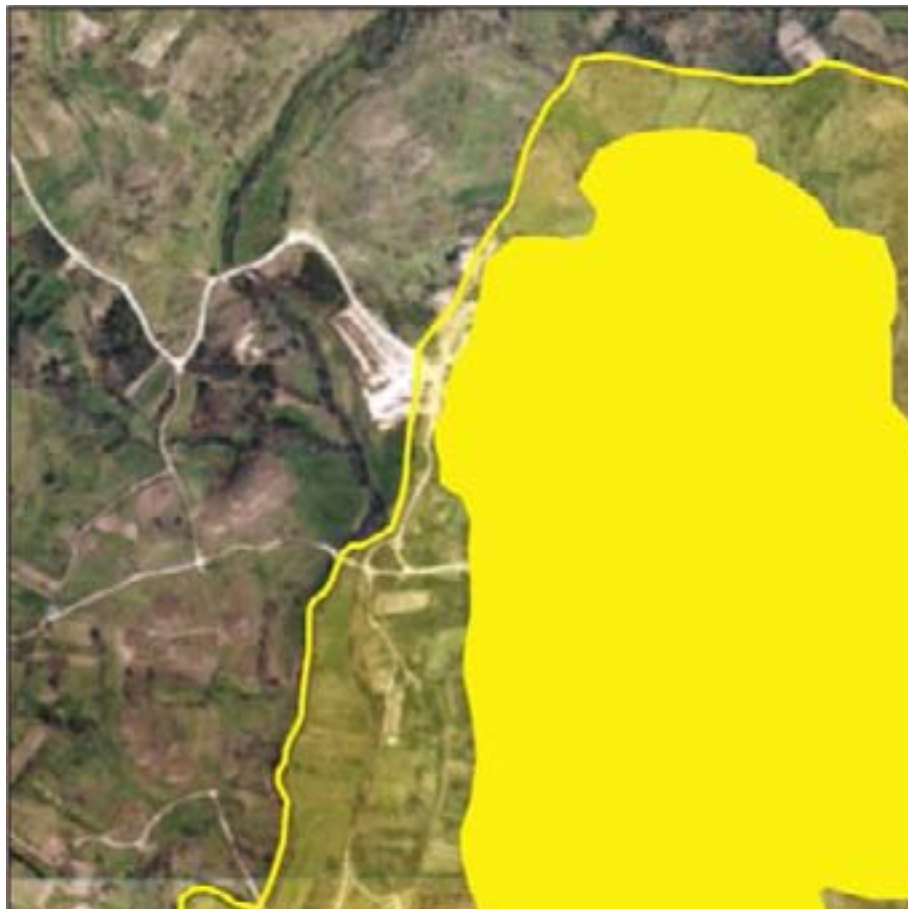
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Muito Bom	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Areeiro
Interesse Científico	18	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Criação de Zona Especial de Protecção, projecto de investigação e valorização.				
Proposta de Classificação	Imóvel de Interesse Público.				

Local de Depósito

Observações É necessário controlar as saibreyras que ficam nas imediações.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito, Filões de quartzo

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Aluvial moderada/
Antrópica

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib^a do vidoeiro e Rib^a do Calvão

Uso da Água Uso comum , extração mineira

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

24-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 17

Relação

1. Identificação

Nome Minas de Batocas Topónimo Batocas

Tipo de Sítio /Monumento Mina

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Ardãos Lugar 2 Nogueira

Freguesia 1 Ardãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 616.6 1 UTM (Y) 4623.9 Altitude 560

(X) 44374 (Y) 231919

Acessos Pelal estrada 527, depois de Ardãos, virar à direita entre a ribeira de Ardãos e da Sangrinheira, a aproximadamente 300 m da estrada Nacional.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Azevedo 1896; Guerra 1982; *Martins 1989; Capela e Borrageiro 2001

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143

Numa zona ocupada por um denso bosque de carvalhos, entre as ribeiras de Ardãos e de Sangrinheira, localiza-se uma extração mineira, designada de Batocas. Incide sobre um pequeno outeiro, na sua totalidade ocupado por cortas de mineração. Segundo o inventário do IPA, esta teria dimensões de cerca de 550m no sentido N/S e cerca de 260m no sentido E/O, abarcando uma área de cerca de 17 ha. A densidade de vegetação impediu a medição rigorosa da área, mas a observação da cartografia e da fotografia aérea proporcionaram medidas aproximadas. Também não se conseguiram recolher quaisquer materiais de superfície. Identificou-se um alinhamento de pedras sobreposto por um muro de limite de propriedade, sem que se consiga determinar a sua funcionalidade.

7. Interpretação

Exploração mineira (aurífera) a céu aberto, que estará inserida no grande complexo mineiro do vale inicial do rio Terva.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	séc. II a.C., inícios do séc.V

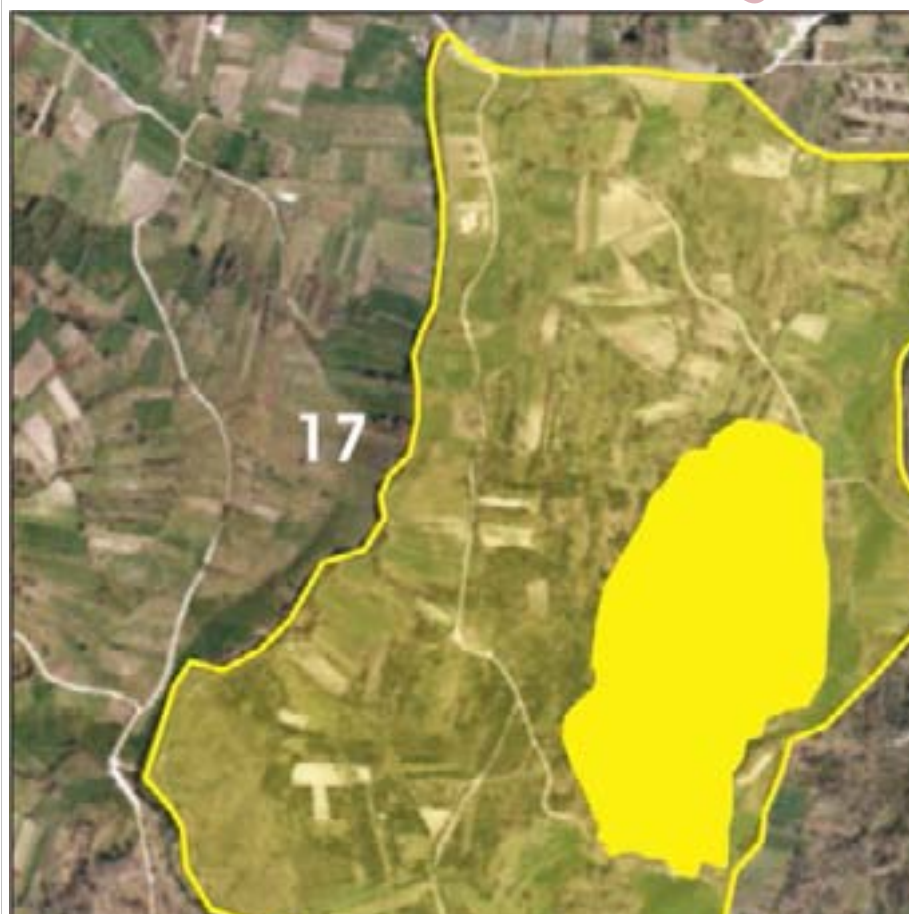
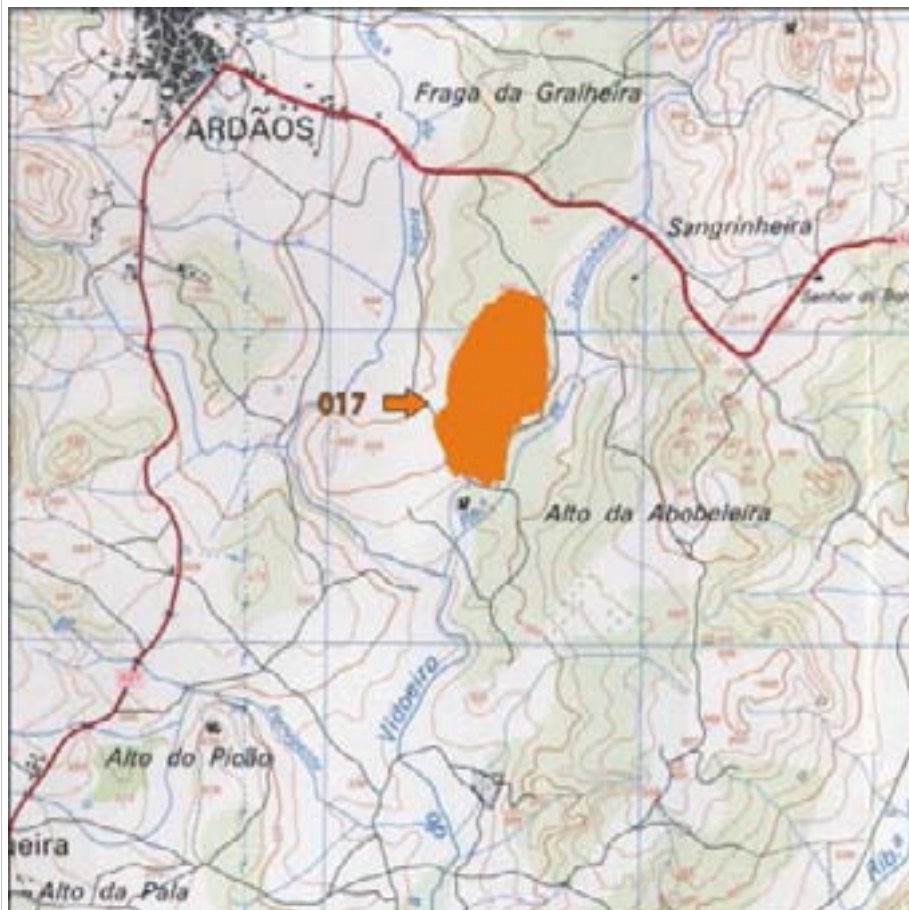
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção; integração num projecto de estudo e valorização com o Poço das Freitas.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos dístricos

Cond. Sedimentação Aluvial moderada/
Antrópica

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água ribeira de Ardãos e da Sangrinheira

Uso da Água rega, mineração

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Silvicultura

Secundário Agricultura

Terciário Pastorícia

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

24-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 18

Relação

1. Identificação

Nome Castro do Muro de Cunhas Topónimo Cunhas

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Seara Velha

Lugar 2 Ardãos

Freguesia 1 Ardãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 618.15

1 UTM (Y) 4625.1

Altitude 700

(X) 45941.5

(Y) 233153.5

Acessos Pela estrada 527, virando à esquerda no sentido Ardãos, Seara Velha.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Azevedo 1896; Guerra 1982; Martins 1984a; *Martins 1984b; Martins 1985; Júnior et alii 1986; Silva 1986; Fontes 1992; * Queiroga 1992; Teixeira 1996; Redentor 2000; Silva e Centeno 2000; Capela e Borrageiro 2001; Redentor 2003

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 394

Situado num promontório de morfologia cónica, perto de Seara Velha, no limite dos concelhos de Boticas e Chaves. O povoado tem duas linhas de muralhas, de aparelho poligonal irregular, que apresentam um acentuado derrube. O sistema de defesa é complementado por um campo de pedras fincadas, localizado vertente Norte do povoado. Na plataforma superior, identificaram-se vestígios notórios de uma habitação de planta sub-circular, bem como evidentes vestígios de blocos afeixoados que teriam feito parte de outras habitações. O povoado estende-se por uma área de cerca de 1ha. Foram detectados raros fragmentos de cerâmica micácea indígena.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF	Inícios do I mil a.C., fins do I mil a.C.

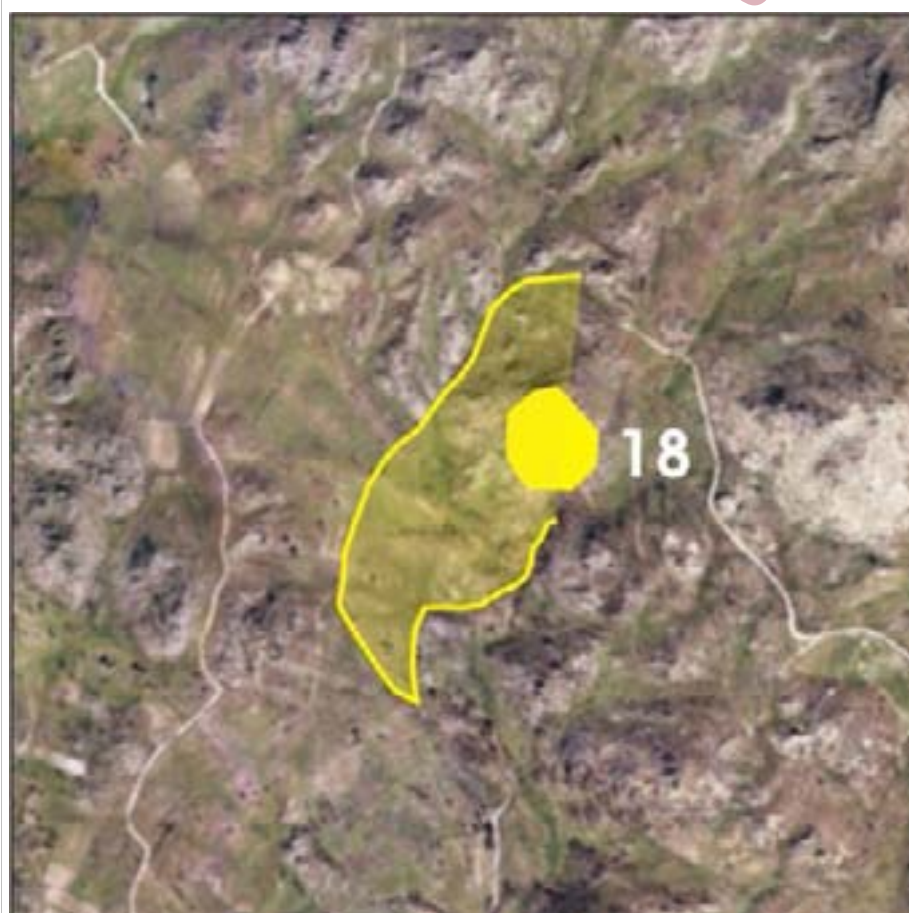
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Pastoreio
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção				
Proposta de Classificação	Imóvel de Interesse Público				

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Ribeira de Cunhas

Uso da Água uso geral, pastoreio

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

24-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 19

Relação

1. Identificação

Nome Castro do Muro ou Casas dos Mouros Topónimo Castro do Muro ou Casas dos Mouros

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapiãos

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 613.55

1 UTM (Y) 4619.35

Altitude 610

(X) 41309

(Y) 227445

Acessos Pela estrada N103, pouco depois de Sapiãos a cerca de 150m desta.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992;
*Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200

No sopé da serra do Leiranco, sobranceiro à N103, perto da aldeia de Sapiãos, no seu lado Norte, identificam-se vestígios de um povoado delimitado por uma poderosa linha de muralha, percebendo-se panos de aparelho poligonal sobre alicerces de aparelho ciclópico. Desenvolve-se pela encosta SE para o lado da estrada, apresentando zonas de derrube intenso. A muralha apresenta uma largura de aproximadamente 3,5m, abarcando uma área de aproximadamente 1 ha. No interior do recinto notam-se um ou outro elemento afeiçoado, não se tendo identificado vestígios notórios de habitações. Num afloramento granítico mais próximo da estrada, localiza-se a denominada Eira dos Mouros, que corresponde a um espaço sub-circular circundado por uma ciclópica parede de blocos graníticos fincados.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização. O recinto denominado de Eira dos Mouros, poderá constituir um redil para abrigo do gado. Ricardo Teixeira admite que este recinto poderá ser de época medieval.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF	Inícios do I mil a.C., fins do I mil a.C.

9. Conservação e Valorização

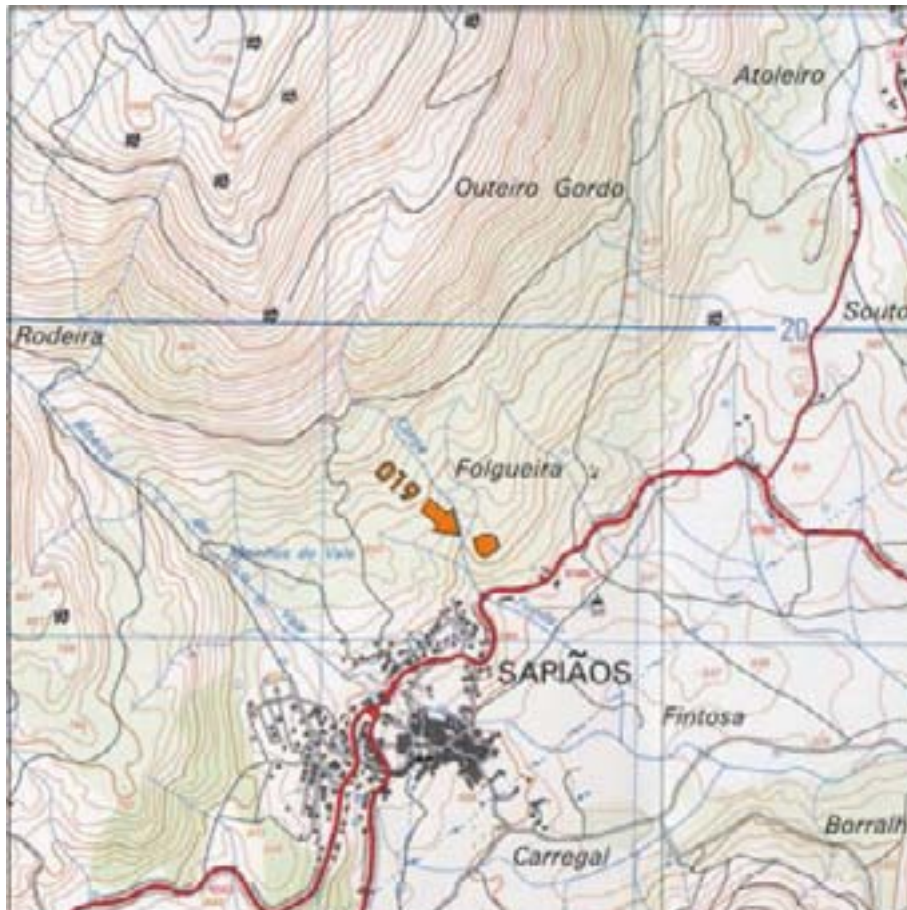
Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Pedreira
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Criação de zona de protecção e criação de condições para tornar o local visitável.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

Considerando a relativa imponente da estrutura defensiva, a especificidade da estrutura ciclópica da base e a proximidade da estrada, este povoado oferece grandes potencialidades de exploração turístico-cultural, desde que protegido, estudado e restaurado.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptossolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corga Funda

Uso da Água Uso Comum

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Herbácea

Terciária

Uso de Solo

Primário Silvicultura

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

29-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 20

Relação

1. Identificação

Nome Minas de Sapelos Topónimo Sapelos

Tipo de Sítio /Monumento Mina

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapelos

Lugar 2

Sapiãos

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 616.2

1 UTM (Y) 4620.3

Altitude 520

(X) 43956

(Y) 227398

Acessos Pela estrada 103, virando à direita, depois da saída de Sapelos

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica CGP fl. 6b Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 203, 216, 217, 218

No promontório onde está situado o castro de Sapelos, estendendo-se desde os fossos do povoado até à zona sobranceira à estrada N103, identificam-se enormes cortas alongadas. Na banda nascente do relevo também parece existirem cortas mineiras, já muito próximo do povoado, abrangendo o conjunto uma área de cerca de 7 ha. As cortas chegam a ter 3 metros de profundidade. Não foi recolhido qualquer tipo de cerâmica.

7. Interpretação

Exploração mineira (aurífera) a céu aberto, que se integra no grande complexo mineiro do vale inicial do rio Terva. É de ressaltar que por vezes as cortas mineiras são confundidas com o sistema defensivo do castro de Sapelos, pois sobrepõe-se parcialmente aos fossos deste.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C., início do séc. V

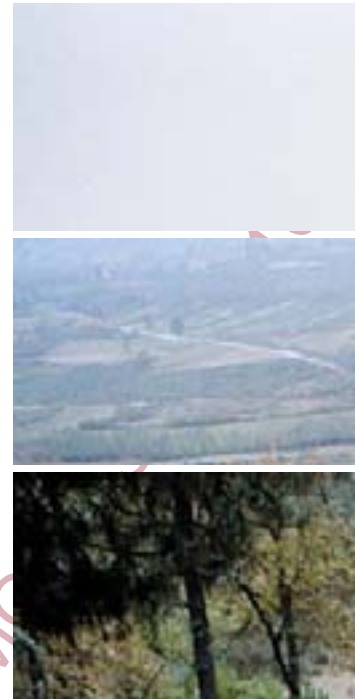
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vegetação
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção, integração num circuito de visita, com outros locais de extracção mineira.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevô Serra

Forma Específica de Relevô Esporão

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito, Filões de quartzo

Afloramentos 10-25%, separação entre 10 e 35 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Antópica moderada/Coluvial

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rio Terva

Uso da Água Uso comum, rega

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

29-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 21

Relação

1. Identificação

Nome Castro de Sapelos Topónimo Castro de Sapelos

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapelos

Lugar 2

Sapiãos

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 616.25

1 UTM (Y) 4619.2

Altitude 610

(X) 44001

(Y) 227356

Acessos Pela estrada N103, virando à direita depois a saída para Sapelos.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Azevedo 1899-1900; Vasconcellos 1913; Santos 1969; Montalvão 1971 a; Júnior et alii 1983; Martins 1984a; Silva 1986; Centeno 1987; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

Num promontório em esporão alongado, sobre a margem esquerda do rio Terva, identificam-se duas linhas de muralha, constituídas por elementos de granito e quartzito, que delimitam uma área de aproximadamente 3 ha. O local apresenta dois grandes fossos circundantes. No patamar superior encontram-se incipientes vestígios de habitações. A densa vegetação dificultou a recolha de cerâmica à superfície.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Este local terá tido um povoamento romano, que terá sido abandonado fruto da exploração mineira que se desenvolveu de forma intrusiva, relativamente a ele. A existência de cortas de extracção mineira, gera uma certa confusão interpretativa na medida em que se cruzam com o sistema de fossos

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF/R	Inícios do I mil a.C., inícios do séc. V

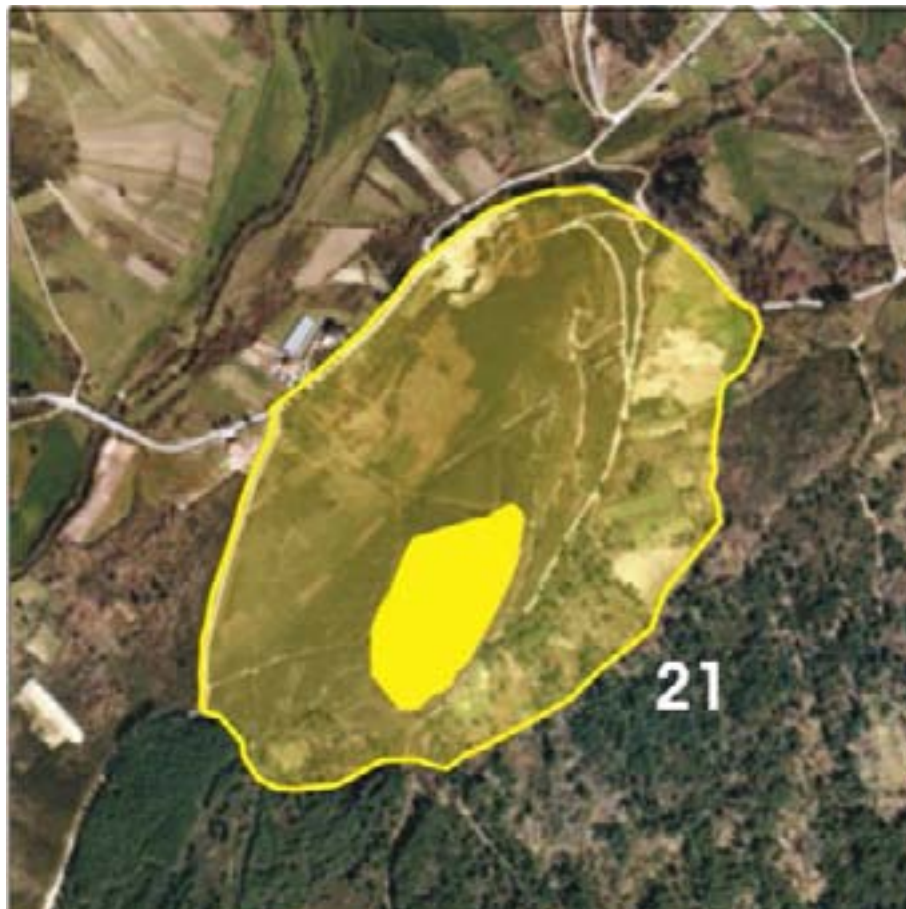
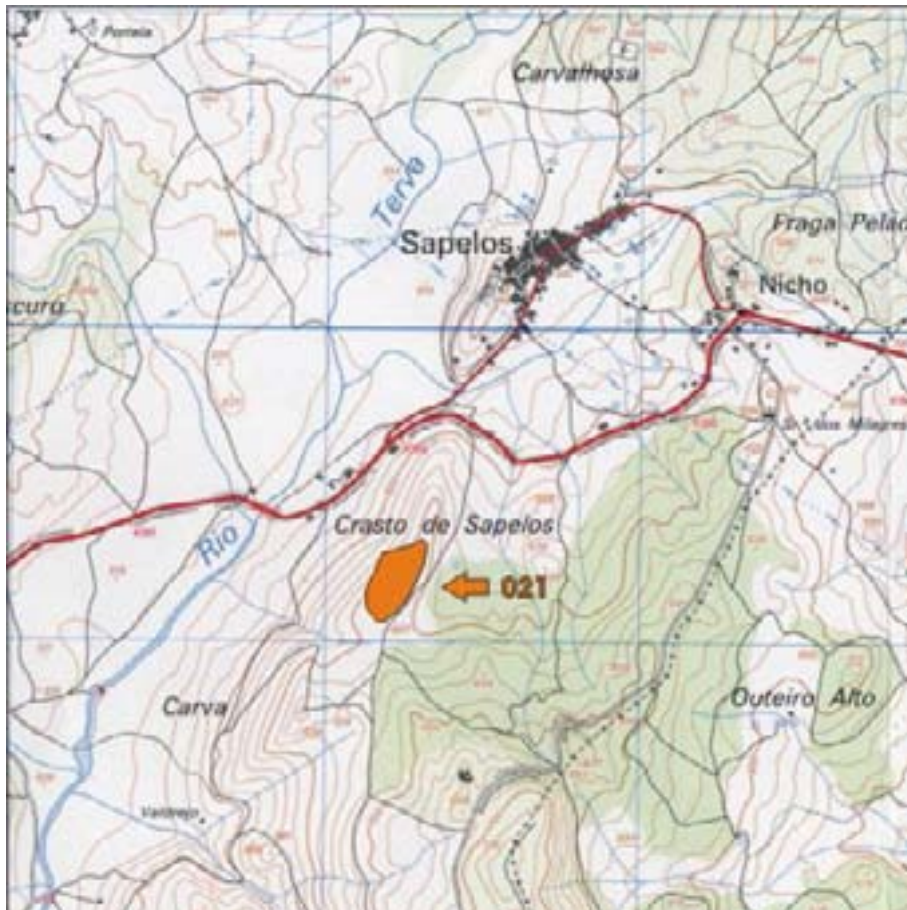
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vegetação
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações Observam-se algumas covas, dispersas, que parecem corresponder a escavações clandestinas de saque.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 10-25%, separação entre 10 e 35 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Antrópica intensa

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rio Terva

Uso da Água Uso geral, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

29-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 22

Relação

1. Identificação

Nome Castro da Nogueira Topónimo Castro da Nogueira

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Nogueira

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Bobadela

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 613.75

1 UTM (Y) 4622.55

Altitude 910

(X) 41566

(Y) 230720

Acessos Pela estrada 527 até Nogueira, entrando num estradão à esquerda no sentido Bobadela-Nogueira.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos *Sampaio 1929; Pina 1942; *Cortez 1949; Cardozo 1954; Kalb 1980; Júnior 1982; ; Martins 1984a; Ponte 1984; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; * Queiroga 1992; Teixeira 1996; Redentor 2000; Silva e Centeno 2000; Redentor 2003

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 004, 005, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233

Num esporão da vertente SE da serra do Leiranco, em posição proeminente e com boas condições naturais de defesa, identifica-se um sistema defensivo constituído por duas linhas de muralha. A mais elevada, que é também a melhor conservada, abarca a plataforma superior, que configura uma espécie de acrópole. A segunda linha, mais baixa, menos perceptível, apresenta derrubes intensos. O povoado abarcará uma área de cerca de 2 ha. Foi identificada inúmera cerâmica micácea indígena e comum romana. Na zona onde é o acesso é mais fácil, na vertente NO, situa-se um campo de pedras fincadas, na sua grande maioria tombadas.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF/R	Inícios do I mil a.C., inícios do séc.V

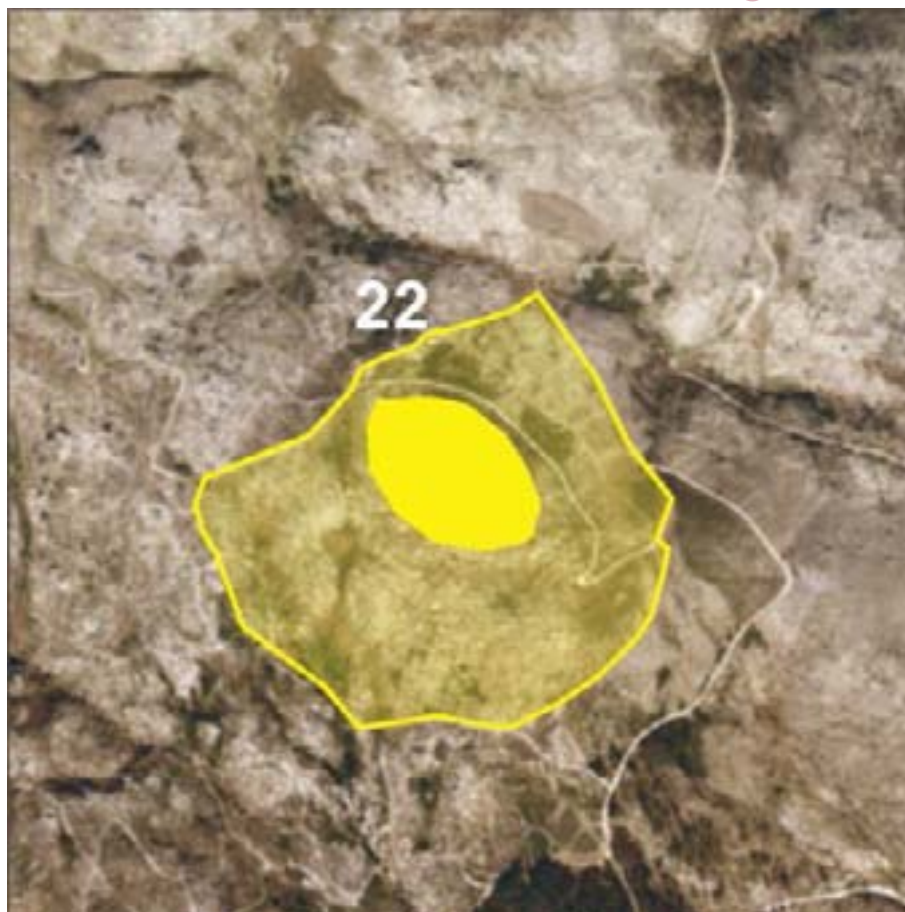
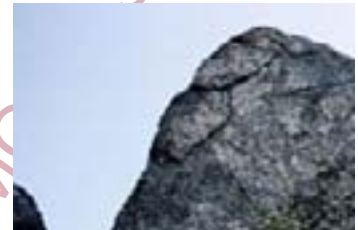
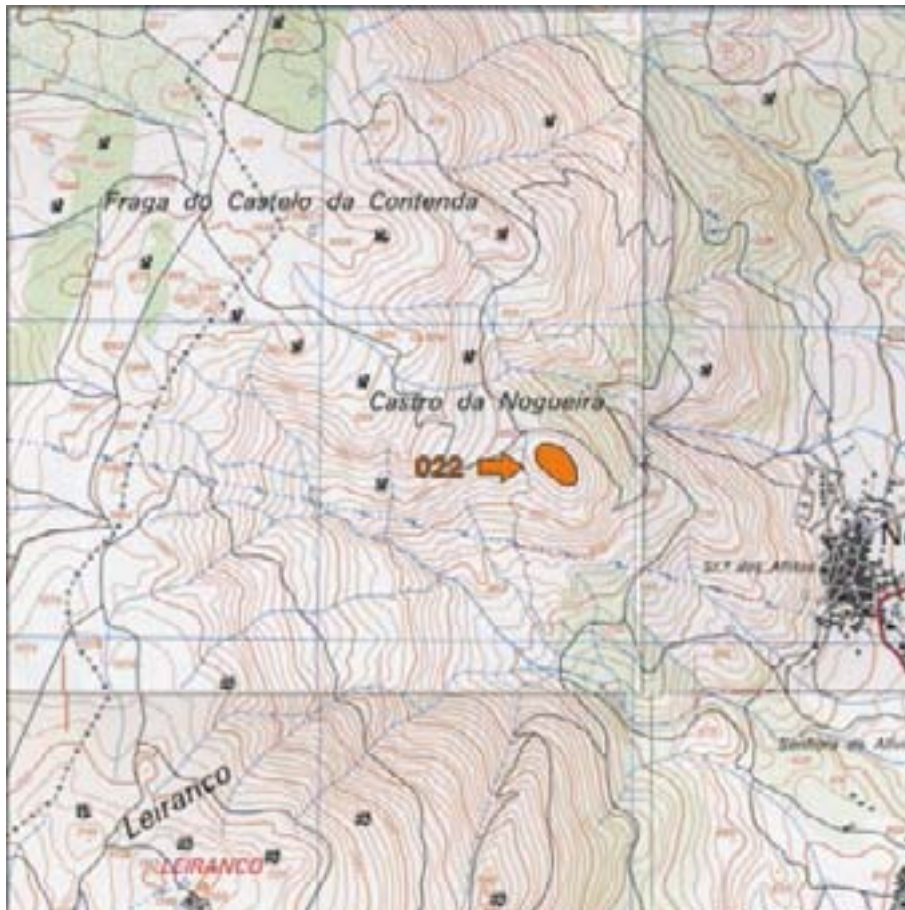
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Muito Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Pastoreio
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção e valorização do espaço.				
Proposta de Classificação	Imóvel de Interesse Público.				

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluente da ribeira do Videiro

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Excelente

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

29-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 23

Relação

1. Identificação

Nome Castro da Malhó Topónimo Castro da Malhó

Tipo de Sítio / Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Ardãos Lugar 2 Nogueira
Freguesia 1 Ardãos Freguesia 2
Coordenadas : 1 UTM (X) 614.5 1 UTM (Y) 4624 Altitude 680
(X) 42340 (Y) 232141
Acessos Pela estrada 527 em direcção a Ardãos, virando à esquerda no estradão depois da ribeira do Ferrugento.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Azevedo 1896; Guerra 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; Júnior 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000; Capela e Borrageiro 2001

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000 Carta geográfica 2 Escala
Carta Geológica Escala Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 Escala 1:100 000
Fotos 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 349

Num outeiro sobranceiro à ribeira do Ferrugento, a sudoeste da aldeia de Ardãos, identificam-se três linhas de muralha, sendo de destacar, pelo estado de conservação, a que se situa no patamar mais elevado, perto do cume. Estes três panos de muralhas são mais facilmente identificáveis na encosta sudoeste e este, sendo também aqui que se identificam restos de habitações. Na base da encosta SE localiza-se um possível fosso, que faria parte do sistema defensivo. Na encosta Oeste identificam-se vestígios do que parece ter sido um campo de pedras fincadas. O povoado abarca uma área de cerca de 1 ha.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	IF
	Estilo Artístico

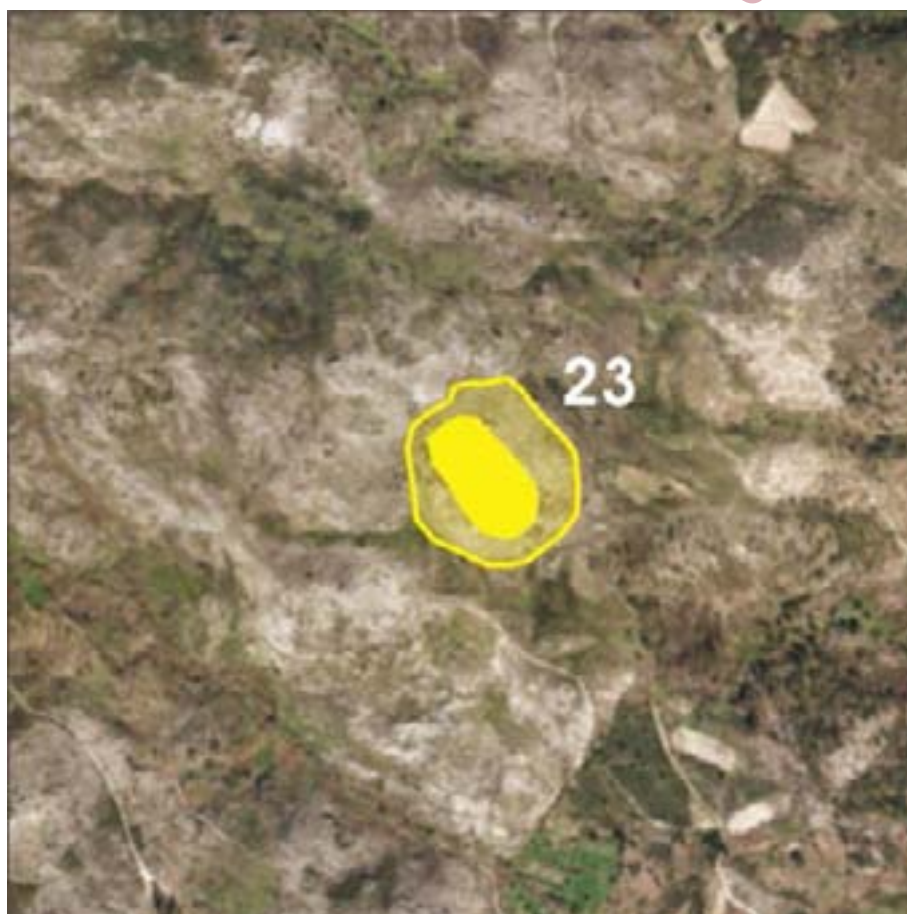
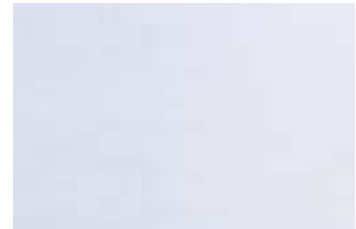
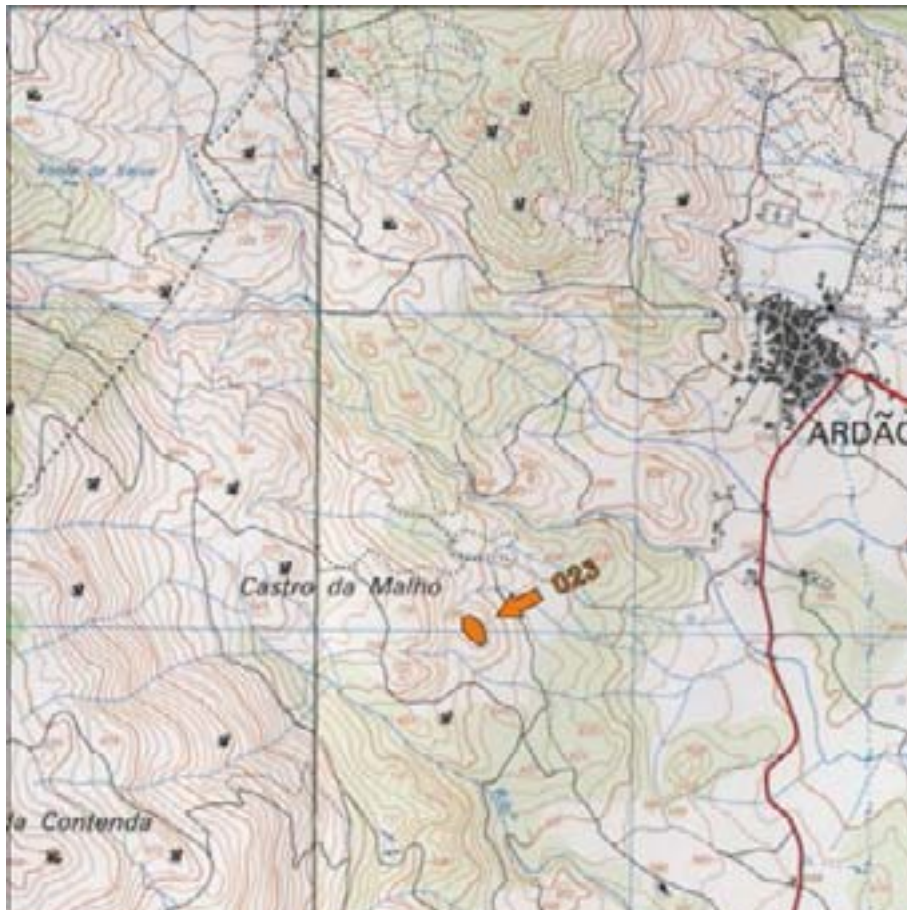
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Pastoreio
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de protecção e valorização do povoado.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações Pela qualidade e dimensão dos vestígios, este povoado justifica bem um projecto de estudo, conservação e restauro, potencializando o seu aproveitamento turístico-cultural, aliás facilitado pela boa acessibilidade.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib.^a do Ferrgento, afluentes da Rib.^a d

Uso da Água Uso comum

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

30-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 24

Relação

1. Identificação

Nome Castro da Murada da Gorda Topónimo Murada da Gorda

Tipo de Sítio / Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Ardãos Lugar 2 Antigo de Sarraquinhos

Freguesia 1 Ardãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 614.65 1 UTM (Y) 4626.05 Altitude 840

(X) 42525,5 (Y) 234204,5

Acessos Pela estrada 527, passando por um estradão que sai do alto da aldeia de Ardãos.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Azevedo 1896, Santos 1969; Guerra 1982; Júnior et alii 1983; Martins 1984a; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000; Capela e Borrageiro 2001

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254

Na Serra do Pindo, sobranceiro à ribeira das Cerdeirinhas, identifica-se um povoado fortificado com uma área de cerca de 1 ha. O sistema defensivo é constituído por uma linha de muralhas, percebendo-se pequenos troços que terminam na abundante penedia. Na zona NO do povoado existe um fosso que se encontra bastante entulhado. Também no lado ocidental, na zona mais a sul, foi identificada uma pequena muralha que parece configurar uma espécie de talude/ trincheira, protegendo esta zona mais acessível. É de destacar a ampla visibilidade sobre a paisagem. Não foram identificados vestígios de construções no patamar do interior do recinto. Não foi recolhida cerâmica.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	IF
	Estilo Artístico

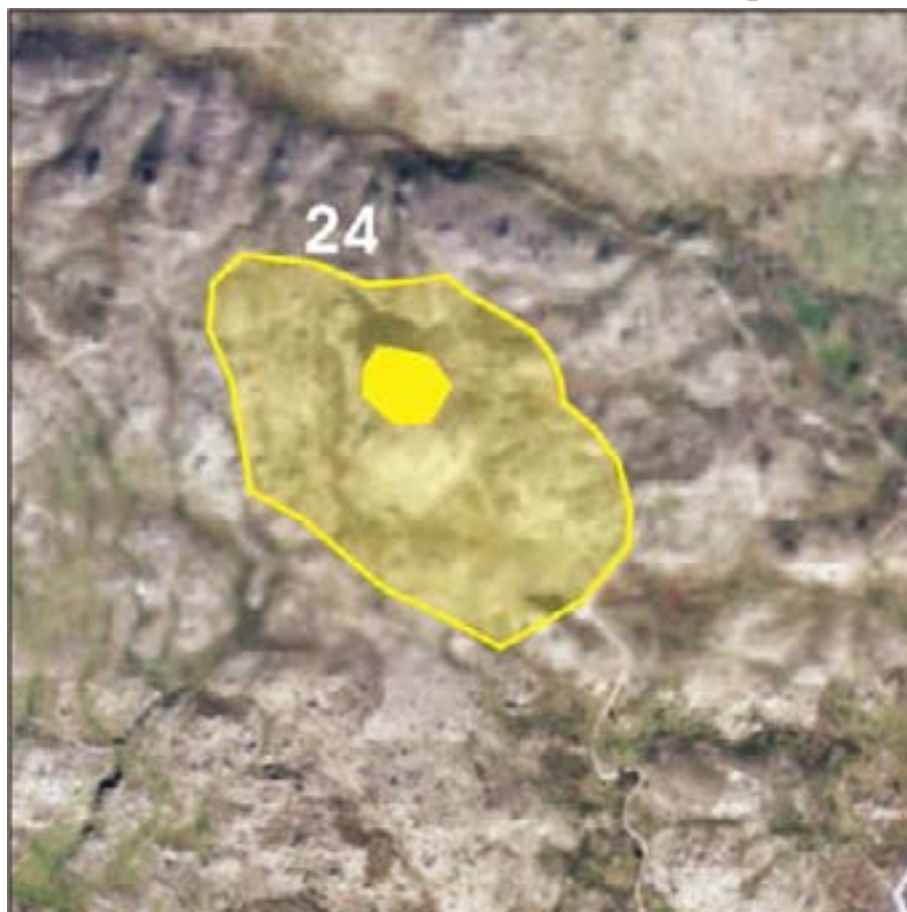
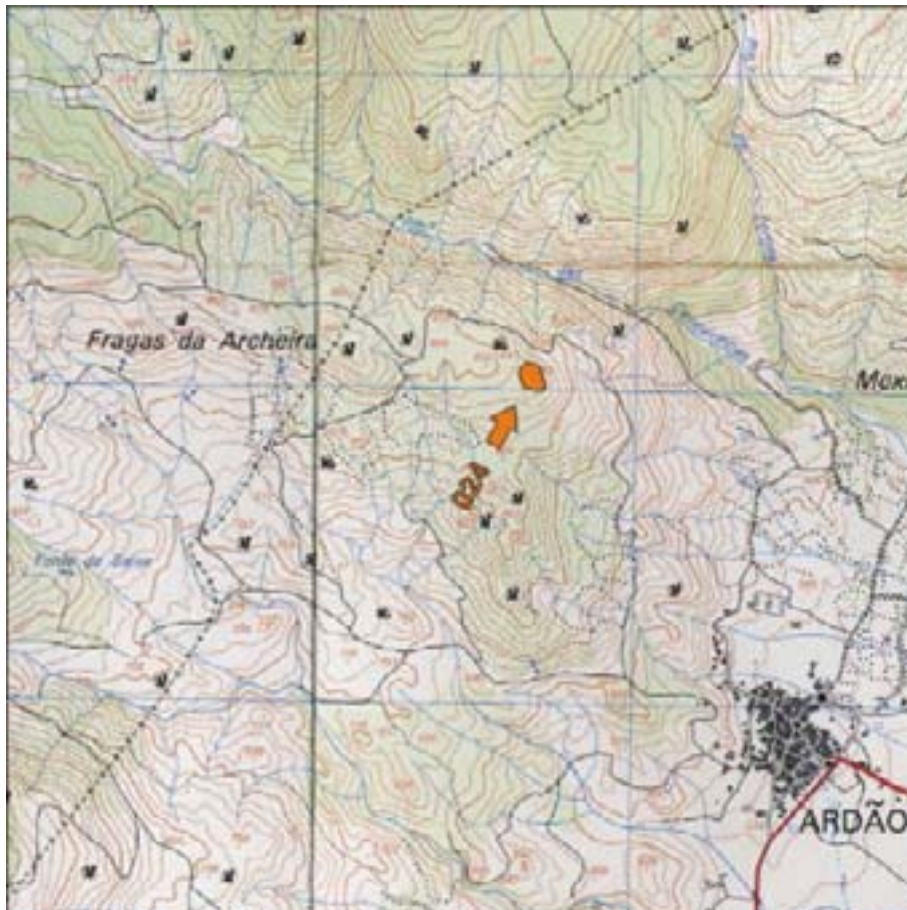
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Pastoreio
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptossolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib. Das Cerdeirinhas

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

30-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 25

Relação

1. Identificação

Nome Capela de S.Lourenço Topónimo Capela de S. Lourenço
Tipo de Sítio /Monumento Achado Isolado
Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Bobadela Lugar 2 Nogueira
Freguesia 1 Bobadela Freguesia 2
Coordenadas : 1 UTM (X) 614.85 1 UTM (Y) 4621.2 Altitude 610
(X) 42656,5 (Y) 229312,5
Acessos Pela estrada 527 em direcção a Bobadela, subindo até o cimo da aldeia.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Rodrigues Colmenero 1987; Fontes 1978; *Martins 1984c; Silva 1986; Garcia 1988-1991; * Martins 1989; Fontes 1992; Teixeira 1996; *Rodriguez Colmenero et all. 1997

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000 Carta geográfica 2 Escala
Carta Geológica Escala Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 Escala 1:100 000
Fotos 180, 181, 255, 256

Na capela de S. Lourenço, na aldeia de Bobadela, identificou-se uma Ara em granito, apresentando uma inscrição bastante erodida. A cavidade do fóculo apresenta-se bastante alargada.

7. Interpretação

Tratar-se-á de uma ara votiva, que tem sido interpretada como dedicada a Júpiter. Poderá indiciar a presença de um povoado romano nas proximidades. O alargamento do fóculo poderá ter decorrido da sua reutilização como pia baptismal.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa séc II
Período Cultural RIM	Estilo Artístico

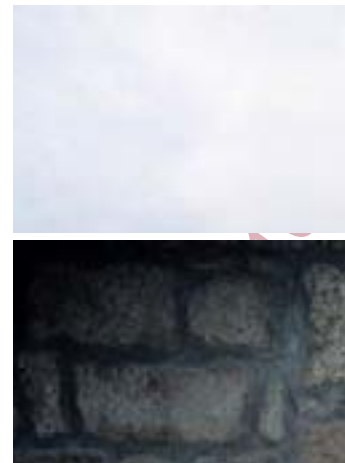
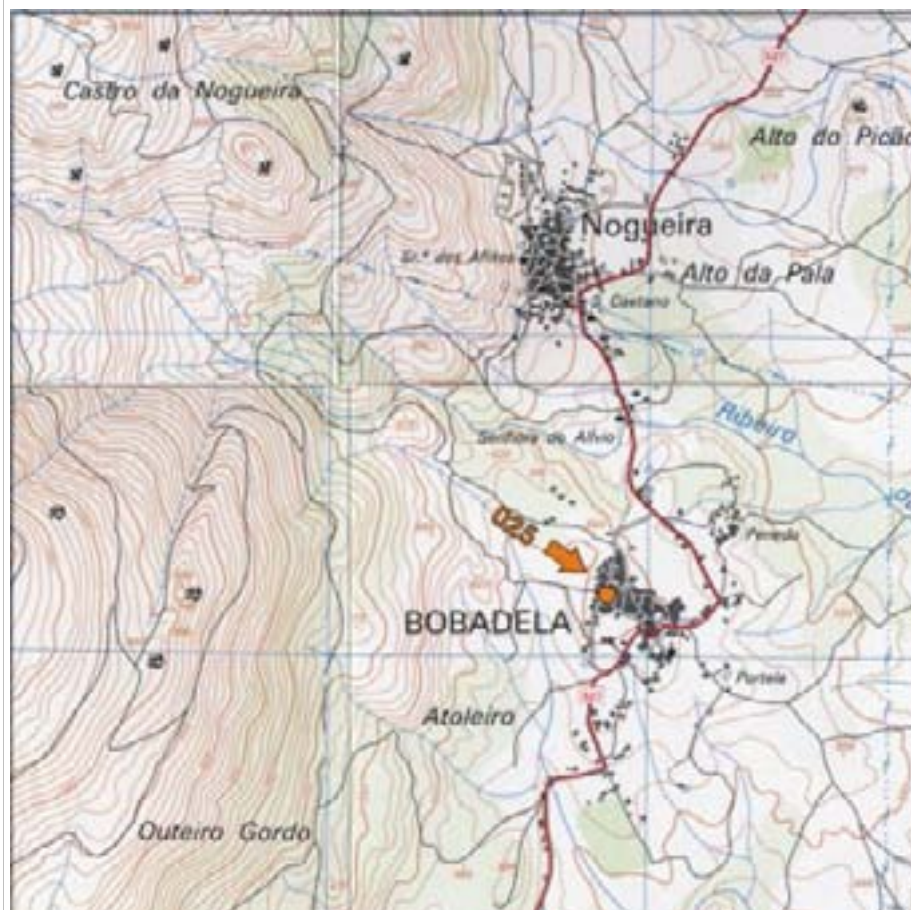
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Baixo	Factor de Risco	
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	A sua musealização seria uma forma de valorizar a ara.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações Segundo fontes consultadas, Rodriguez Colmenero, coloca esta ara na Igreja de Bobadela.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevô

Forma Específica de Relevô

Local de Implantação

Geologia

Substrato Geológico

Afloramentos

Edafologia

Tipo de Solo

Cond. Sedimentação

Cond. Erosão

Hidrografia

Tipo de Água

Uso da Água

Cobertura Vegetal

Primária

Secundária

Terciária

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção

Enquadramento da Paisagem

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

30-11-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 26

Relação

1. Identificação

Nome Gravuras de Barrenhas Topónimo Barrenhas

Tipo de Sítio /Monumento Arte Rupestre

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Nogueira

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Bobadela

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 614.25

1 UTM (Y) 4622.05

Altitude 690

(X) 42042

(Y) 230208

Acessos Pela estrada 527 em direcção a Nogueira, virando à esquerda no estradão, pouco antes de chegar à aldeia.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 257, 258, 259

A sudoeste do castro de Nogueira e a Noroeste do pequeno morro denominado de Barrenhas, num pequeno ponto elevado, conserva-se uma rocha com cerca de 4,40 cm de comprimento máximo e 2,70 cm de largura máxima, soerguido acima do solo entre 70 a 80 centímetros. Na face superior observam-se gravuras formadas por sulcos serpentiformes que se juntam em várias ramificações arboriformes, por vezes associadas a covinhas. O sulco é largo e profundo. As gravuras apresentam-se consideravelmente desgastadas.

7. Interpretação

Gravuras rupestres, cuja cronologia e contexto são desconhecidas.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa ?
Período Cultural	IND Estilo Artístico

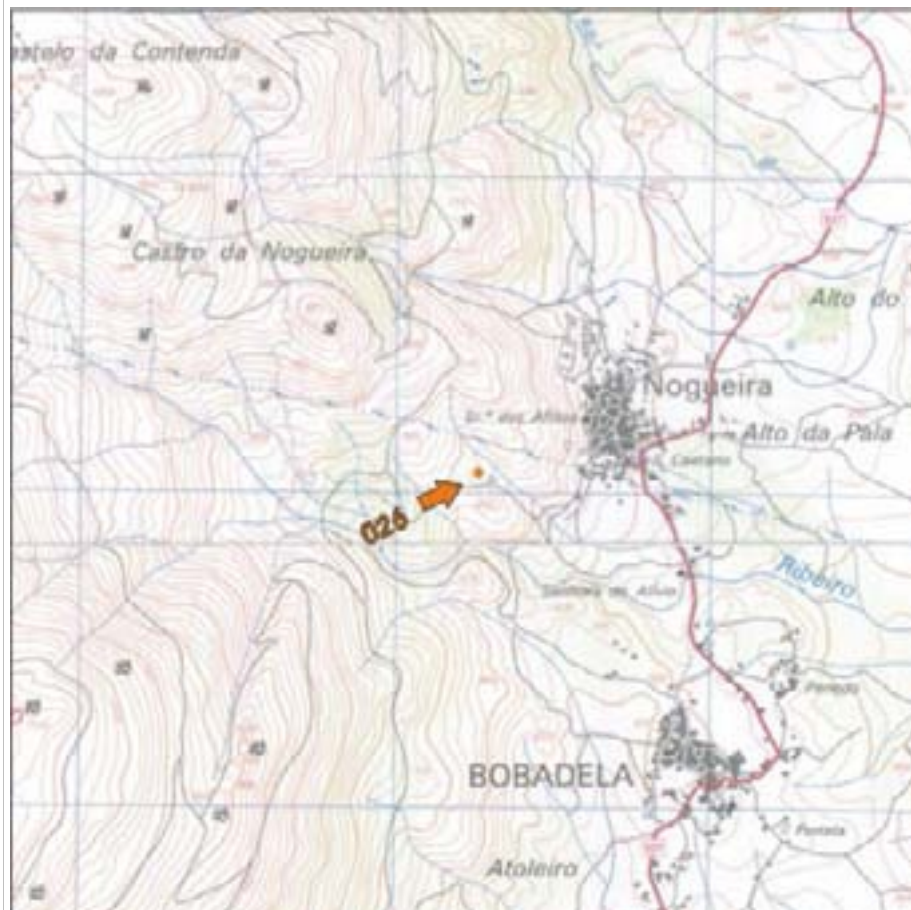
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Criação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações As rochas junto ao caminho apresentam evidentes vestígios de corte recente, podendo as gravuras estar em perigo.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluente da ribeira do Brejo

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

13-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 27

Relação

1. Identificação

Nome Castro do Muro ou da Cerca (Sapelos) Topónimo Castro do Muro ou da Cerca

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapelos

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 617.8

1 UTM (Y) 4622.1

Altitude 570

(X) 45629

(Y) 230209,5

Acessos Pela estrada Bobadela/Sapelos, virando depois do campo de futebol, pelo estradão. Localiza-se junto a um areeiro.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Azevedo 1896; Guerra 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

*Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33

Escala 1:25 000

Carta geográfica 2

Escala

Carta Geológica

Escala

Ortofotomapa

Orto fl.33-4

Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273

Num esporão, sobranceiro à ribeira do Calvão, conserva-se uma muralha que circunda o topo do relevo, apresentando uma forma aproximadamente elíptica. Esta corre quase sempre paralela a um fosso, visível apenas na zona mais a sul do povoado. Na zona Este, apenas se identifica uma ténue depressão. Na zona SO, identifica-se um segundo troço de muralhas de pedra quartzítica que serviria de reforço nesta zona mais desprotegida, estendendo-se por toda a zona Sul e abarcando toda a elevação. No patamar superior, foram identificadas algumas pedras afeioadas, todavia não são perceptíveis vestígios notórios de habitações. Também a segunda muralha seria reforçada por um fosso, todavia este encontrar-se-á entulhado. O conjunto abarca uma área de cerca de 1 ha. Não foram recolhidos materiais à superfície.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF/R	Inícios do I mil a.C., fins do I mil a.C.

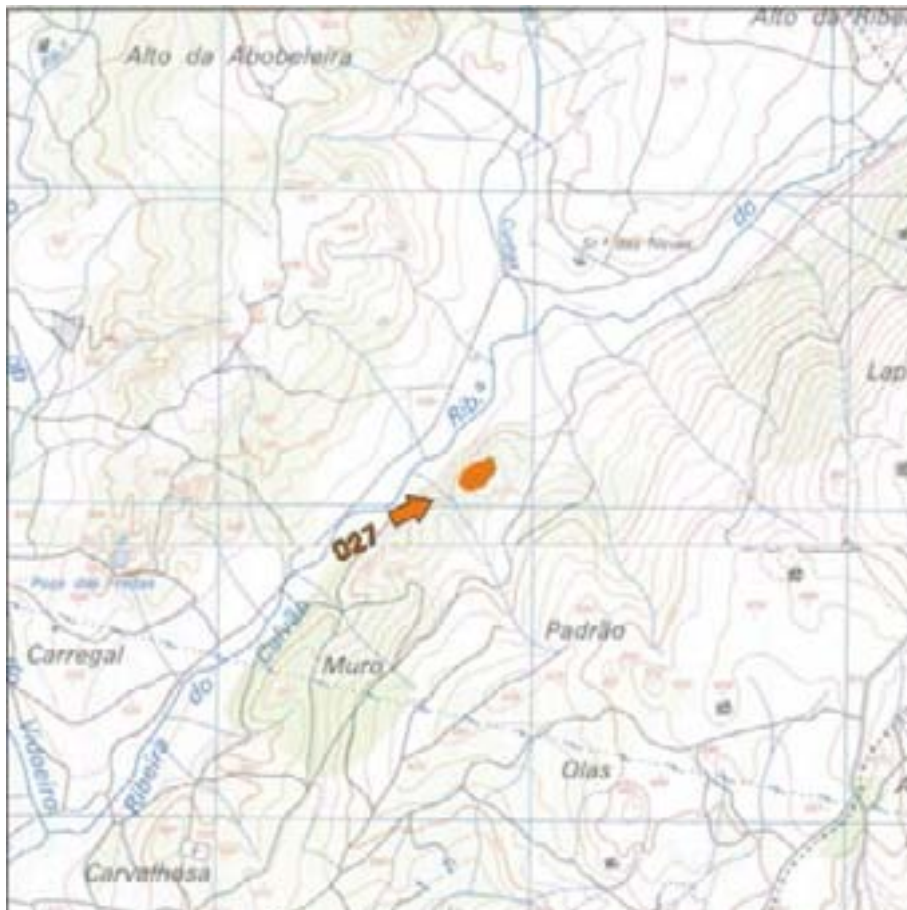
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Areeiro
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações É necessário controlar o areeiro que lhe fica nas redondezas.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 10-25%, separação entre 10 e 35 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib. do Calvão

Uso da Água Irrigação, uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

13-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 28

Relação 25

1. Identificação

Nome Padrão / Lapada (ou Lapavale) Topónimo Padrão / Lapada (ou Lapavale)

Tipo de Sítio /Monumento Achado Isolado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário Sr. Manuel Joaquim

Contacto Habitante de Sapelos

3. Localização

Lugar 1 Sapelos

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Ardãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 618.25

1 UTM (Y) 4621.95

Altitude 600

(X) 45992,5

(Y) 230172

Acessos Pela estrada que liga Bobadela a Sapelos, virando à esquerda, na direcção do campo de futebol no sentido da zona cujo topónimo é Padrão.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos *Cardozo 1943; Barradas 1956; Tranoy 1981; *Martins 1982; Rodríguez Colmenero 1987; Alarcão 1988; *Martins 1989; Baptista 1990; Fontes 1992; Teixeira 1996; *Rodríguez Colmenero et alii 1997; Lemos 2000

Informações Orais O Sr Manuel Joaquim de Sapelos, informou que originalmente estaria cerca de 4

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 260, 261, 262, 285, 296, 287

Fuste cilíndrico no qual foi escavado um sarcófago antropomórfico, recolhido a cerca de 80 metros do caminho de acesso a propriedades junto à zona cujo topónimo é de Lapavale, muito próximo da região com o topónimo de Padrão, e depositado no Museu da Região Flaviense. Percebem-se restos de inscrição.

7. Interpretação

Miliário pertencente à via romana que ligava Bracara Augusta a Astúrica Augusta por Aquae Flaviae. Foi reaproveitado como sarcófago de tipologia medieval. Apresenta a seguinte inscrição : IMP(eratori) CAE|s(ari)/AVGVS|O|//A| BRAC|ARA M.P.:/LXV. Como está mesmo no limite das freguesias de Ardãos e Sapiãos, deve admitir-se que terá servido, em algum tempo, como marco de limite de freguesias. De acordo com informações orais de Francisco Hilário, de Bobadela, esta "pedra do caixão" já esteve junto à ribeira do Calvão, em frente à capela de Nossa senhora das Neves, e era frequente movimentá-la de um local para outro.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa Séc. I séc. XV
Período Cultural RI/M	Estilo Artístico

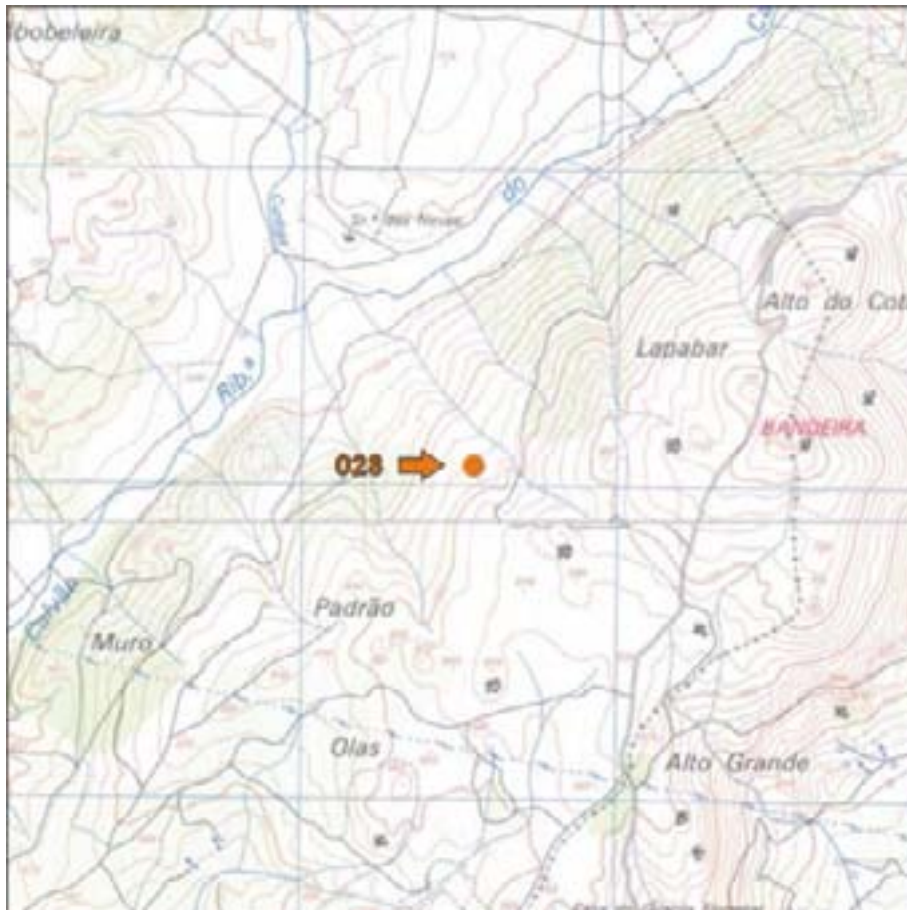
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação Bom	Classe de Risco Baixo	Factor de Risco
Interesse Científico 17	Valor Patrimonial Elevado	Potencial Valorização Elevado
Medidas de Valorização		
Proposta de Classificação		

Local de Depósito Museu da Região Flaviense (encontra-se depositado no armazém do mercado municipal)

Observações Pela sua importância merecia ser exposto, não sendo descabida a sua integração na secção de arqueologia do Museu Rural de Boticas

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevô

Forma Específica de Relevô

Local de Implantação

Geologia

Substrato Geológico

Afloramentos

Edafologia

Tipo de Solo

Cond. Sedimentação

Cond. Erosão

Hidrografia

Tipo de Água

Uso da Água

Cobertura Vegetal

Primária

Secundária

Terciária

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção

Enquadramento da Paisagem

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

13-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 29

Relação

1. Identificação

Nome Castro do Cabeço Topónimo Cabeço

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Granja

Lugar 2

Sapiãos

Freguesia 1

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 611.9

1 UTM (Y) 4628.3

Altitude 750

(X) 39671.5

(Y) 226456

Acessos Pela estrada N-103, aproximadamente no Km 146.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Azevedo 1898; Montalvão 1971; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986;
*Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000; Capela e
Borrageiro 2001

Informações Orais

Decretos de Classificação IIP- Dec. Nº 1/86, de 3-1-1986

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46

Escala 1:25 000

Carta geográfica 2

Escala

Carta Geológica

Escala

Ortofotomapa

Orto fl.46-1

Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 29

Num cabeço a meio da vertente Sul da Serra do Leiranco, dominando a ampla veiga sobre o rio Terva desde Bobadela até Boticas, ergue-se um povoado defendido por duas robustas muralhas circundantes, de aparelho poligonal irregular, antecedidas no lado NE por um fosso largo e fundo, com talude exterior. Nas plataformas interiores observam-se ruínas de casas de planta circular, algumas com pavimentos lageados e revelando nos troços de paredes visíveis o característico aparelho poligonal. Recolhem-se à superfície abundantes fragmentos de tegulae e ímbrice, e de cerâmica micácea indígena e comum romana. Na vertente SE deste castro, junto a uma saibreira, foram identificados vestígios de tegulae e de ímbrice. No sopé, na zona SO, foi encontrado um penedo granítico, com algumas gravuras. Tem cerca de 5 metros de comprimento por dois de largura. As gravuras são compostas por várias covinhas e alguns sulcos e estão gravadas numa superfície aplanada ligeiramente virada a Sul. É de notar que no inventário do IPA as gravuras estão individualizadas como Cabeço 2. O conjunto abarca uma área de cerca de 5 ha.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Apresenta indícios de romanização. O sítio arqueológico também apresenta gravuras rupestres que poderão estar relacionadas com o povoado. Foi já objecto de escavações arqueológicas, recolhendo-se aí uma moeda, um fragmento de mó e alguns fragmentos de chapa de bronze. A presença de fragmentos de tegulae e ímbrice no sopé do povoado poderá indiciar a extensão do povoado para fora das muralhas.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF/R	Inícios do I mil a.C., inícios do séc. V

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vandalismo
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção e projecto de valorização e investigação.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

Foi relatado que as populações, em virtude de ter havido notícia do aparecimento de moedas, vandalizaram o local. É necessário ter em atenção a extração de saibro.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluente da ribeira do Fontão

Uso da Água uso comum

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

14-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 30

Relação

1. Identificação

Nome Mina do Brejo Topónimo Brejo

Tipo de Sítio /Monumento Mina

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Bobadela

Lugar 2

Nogueira

Freguesia 1 Bobadela

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 614.65

1 UTM (Y) 4621.6

Altitude 600

(X) 42430

(Y) 229728,5

Acessos Pela estrada M- 527, em direcção a Bobadela. Depois da aldeia, por estradão florestal que dá acesso à casa do guarda florestal.

4. Fontes e Referências

Inédito Sim

Manuscritos

Impressos

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46

Escala 1:25 000

Carta geográfica 2

Escala

Carta Geológica

Escala

Ortofotomapa

Orto fl.46-2

Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 006, 008, 220, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 66

A Nordeste da aldeia de Bobadela, perto do caminho florestal que dá acesso à casa do guarda florestal, foram identificadas várias cortas mineiras de exploração a céu aberto, com orientações SO/NE, N/S, E/O. Os vestígios abarcam uma vasta área, de aproximadamente 13 ha, que vai desde perto da aldeia de Bobadela, até às proximidades do Castro do Brejo, até à ribeira do Brejo, chegando a passar a estrada que liga Bobadela a Nogueira, para Este. Junto ao estradão florestal, uma das cortas encontra-se cheia de água, sendo denominada de Lagoa do Brejo. Foi identificado um canal proveniente da ribeira do Brejo, que actualmente serve alguns moinhos, que se estende aproximadamente no sentido NO/SE, que poderá ter servido em tempos remotos para a exploração mineira. Junto aos moinhos que se localizam perto da lagoa do Brejo, foi identificado um grande muro, com mais de 1m de largura, que também poderá correlacionar-se com a extracção de minério.

7. Interpretação

Zona de exploração mineira, integrada no complexo que abarca toda a zona inicial do vale do rio Terva.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C. inícios do séc V

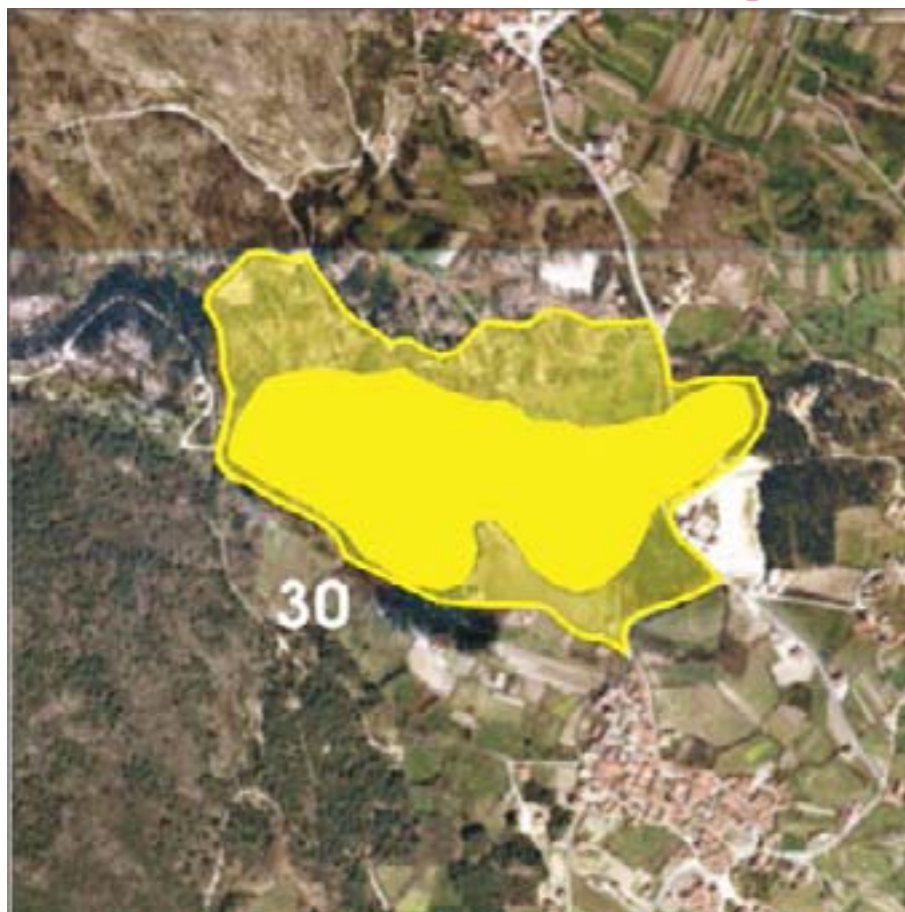
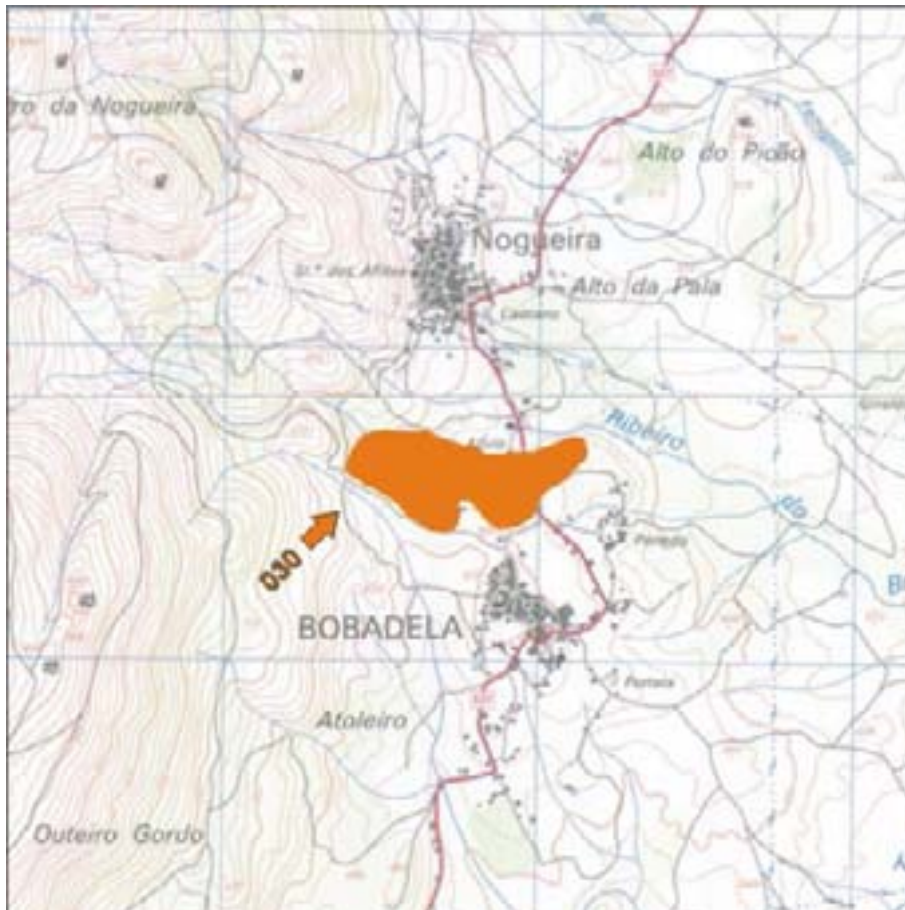
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de protecção, valorização em conjunto com as zonas de mineração próximas.			
Proposta de Classificação				

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 25-50%, separação entre 4 e 10 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos
úmbricos/cambissolos dístricos

Cond. Sedimentação Aluvial moderada/
Antrópica

Cond. Erosão Moderada

Hidrografia

Tipo de Água Ribeira do Brejo

Uso da Água Mineração, uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

04-03-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 31

Relação

1. Identificação

Nome Castelo de Couto dos Mouros Topónimo Couto dos Mouros

Tipo de Sítio /Monumento Castelo

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Boticas

Lugar 2

Granja

Freguesia 1 Pinho

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 612.4

1 UTM (Y) 4615.7

Altitude 520

(X) 40109

(Y) 223895

Acessos Pela estrada R-311, no sentido Boticas/ Pinho, junto ao parque industrial.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Montalvão 1971; Júnior 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986;
*Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317,

Num pequeno cabeço, nas proximidades do rio Terva, bastante próximo do futuro parque industrial de Boticas, conservam-se os vestígios de um perímetro muralhado, com cerca de 1 há e que no topo Sul incorpora uma estrutura circular, tipo torreão. As muralhas apresentam derrubes intensos, que se estendem pelas encostas viradas a Sul e a Oeste, por uma área de aproximadamente 1 ha. Toda a zona foi alvo de inúmeros cortes recentes de pedra. Na zona mais a Norte também se identificou um alinhamento da possível muralha. Não foram identificados fragmentos cerâmicos.

7. Interpretação

Determinados autores classificam este sítio como povoado fortificado da Idade do Ferro, referindo o achado de cerâmica micácea indígena. Nas visitas efectuadas não recolhemos quaisquer fragmentos cerâmicos, parecendo-nos que a sua ausência e a morfologia do sistema defensivo, bem como o seu reduzido tamanho, poderá antes corresponder a um local de ocupação medieval, do tipo castelo roqueiro.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IM	Finais do séc.X, séc. XV

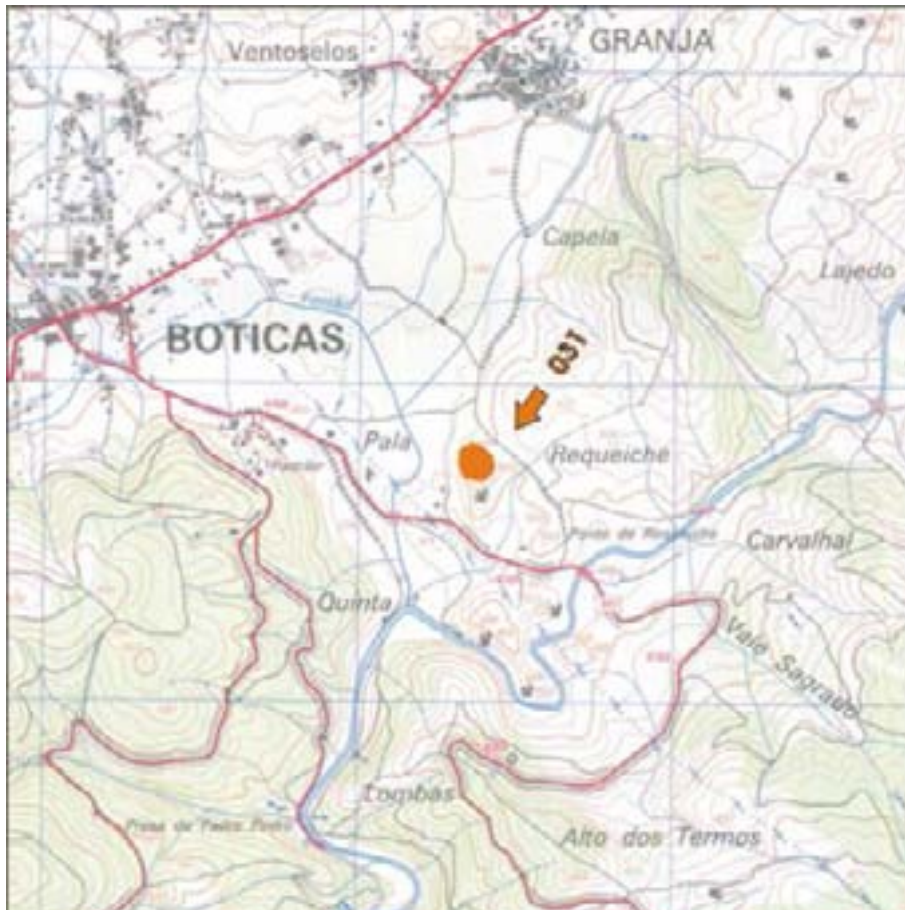
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Construção Civil
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações Cortes de pedra, como os feitos recentemente, poderão destruir gravemente este sítio. A zona industrial, bastante próxima do sopé do povoado, não deverá expandir-se na sua direcção.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos dístricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rio terva

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

15-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 32

Relação 33

1. Identificação

Nome Caminho de Ardãos/Pindo Topónimo Ardãos

Tipo de Sítio /Monumento Via

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Ardãos

Lugar 2

Arcos

Freguesia 1 Ardãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 613.65; 615.25 1 UTM (Y) 4625.25; 4624.85 Altitude 730; 600

(X) 41536; 43056 (Y) 233428; 232988

Acessos Pela estrada 527 até Ardãos, passando por estradão que sai do centro da aldeia no sentido NO.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Barradas 1956; Montalvão 1971b; Baptista 1990; Lemos 2000; Alarcão 2004; Colmenero et alii 2004

Informações Orais A população mais idosa de Ardãos, referiu este traçado como sendo o " caminho v

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 155, 156, 157, 158, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176

Entre a portela do Pindo (Arcos/ Montalegre) e Ardãos, conservam-se vestígios de pavimentos lajeados e marcas de rodados correspondentes a um antigo caminho, a par do actual estradão de terra batida, que o sobrepõe parcialmente. Na zona da Fraga do Fogo, um pouco abaixo do estradão actual e numa extensão considerável, observam-se inúmeras marcas de rodados, com sulcos muito profundos. Nas proximidades conserva-se um troço de calçada, sem marcas de rodados.

7. Interpretação

Caminho que se admite corresponder ao traçado de uma via romana que ligava Bracara Augusta a Asturica Augusta, por Aquae Flaviae, por se encontrar no enfiamento do troço de via que se reconhece atravessar o Pindo, vindo de Arcos. Variante Pindo - Ardãos - Seara Velha.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C./ inícios do séc. V

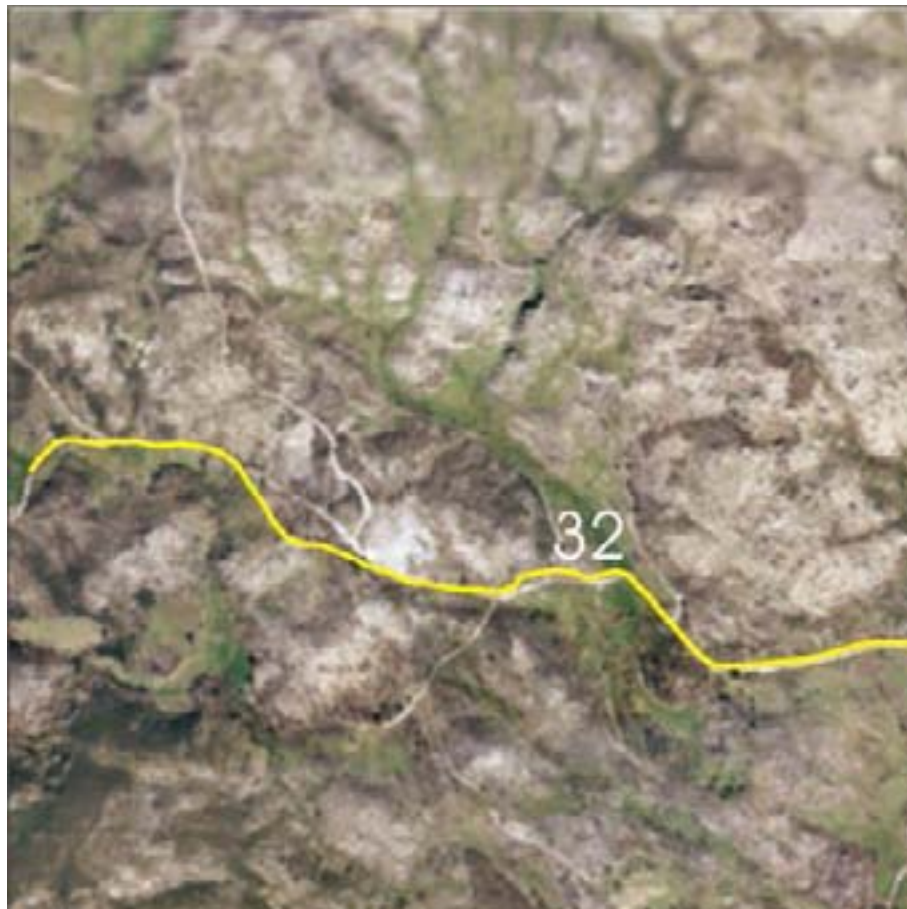
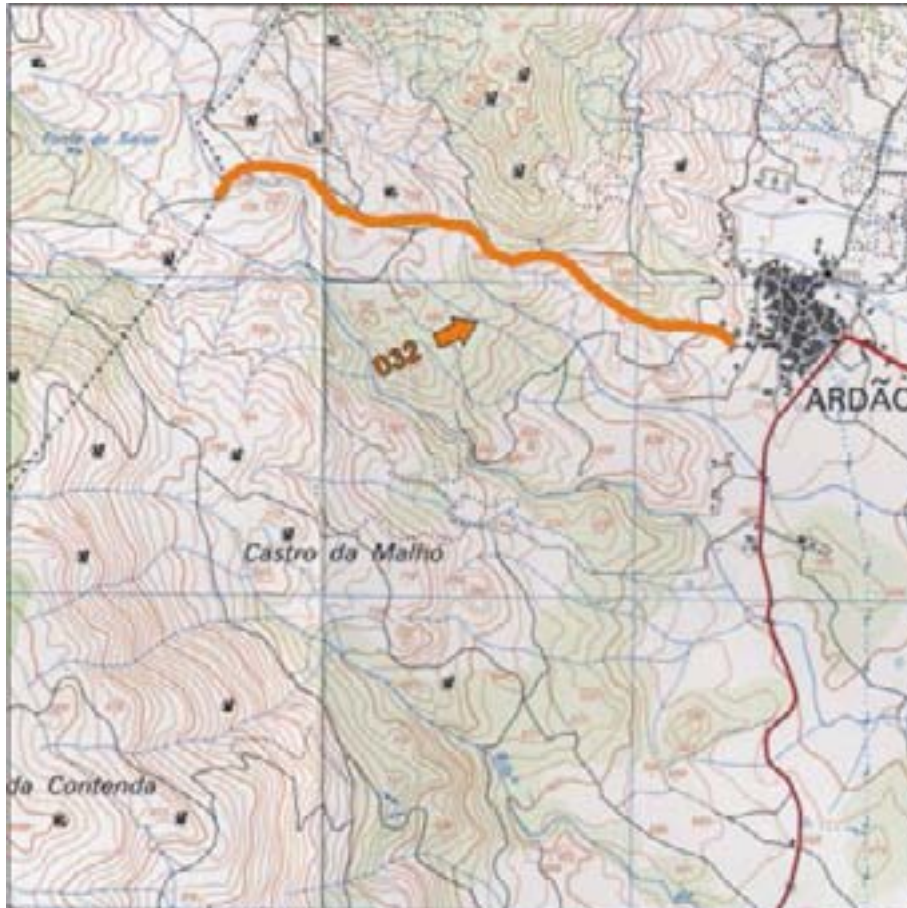
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Limpeza e sinalização no âmbito do projecto "Vias Augustas". Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações No ortofotomapa não se assinalou a zona de protecção, por dificuldade de representação. Recomenda-se que seja delimitada, no mínimo, uma banda de 10 metros para cada lado.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Encosta

Local de Implantação Vertente Inferior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluente da rib. Do Calvão

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via Portela

Orientação NO/SE

Aproveitamento Carreteiro

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Excelente

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

21-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 33

Relação 32

1. Identificação

Nome Caminho da Sangrinheira / Senhor do Bonfim Topónimo Sangrinheira, Sr do Bonfim

Tipo de Sítio / Monumento Via

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Ardãos

Lugar 2

Seara Velha

Freguesia 1 Ardãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 617.15; 617.55 1 UTM (Y) 4624.15; 4624.55 Altitude 580. 610

(X) 44953; 45341 (Y) 232318; 232302

Acessos Pela estrada 527, no sentido Ardãos / Seara Velha, no caminho à esquerda, antes do caminho para o santuário da Senhora das Neves.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Barradas 1956; Montalvão 1971b; Baptista 1990; Lemos 2000; Alarcão 2004; Colmenero et alii 2004

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33

Escala 1:25 000

Carta geográfica 2

Escala

Carta Geológica

Escala

Ortofotomapa

Orto fl.33-4

Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 174, 175, 177, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 338, 339

Depois de Ardãos, no sentido de Seara Velha, perto da zona com o topónimo Sangrinheira, depois da ribeira da Sangrinheira, conserva-se um caminho que passa entre propriedades agrícolas, ladeado pelos muros das mesmas. Numa zona de pequena subida, encontra-se um troço de calçada bem conservado, sem quaisquer vestígios de rodados. Pouco depois de terminar este troço de calçada, segue-se um caminho em terra batida. Em alguns afloramentos rochosos, notam-se algumas marcas de desgaste. Este troço termina junto da capela do Senhor do Bonfim, prolongando-se depois sob a estrada 527.

7. Interpretação

Caminho que se admite corresponder ao antigo traçado de uma via romana que ligava Bracara Augusta a Asturica Augusta, passando por Aquae Flaviae. Variante Pindo - Ardãos - Seara Velha.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C./ inícios do séc. V

9. Conservação e Valorização

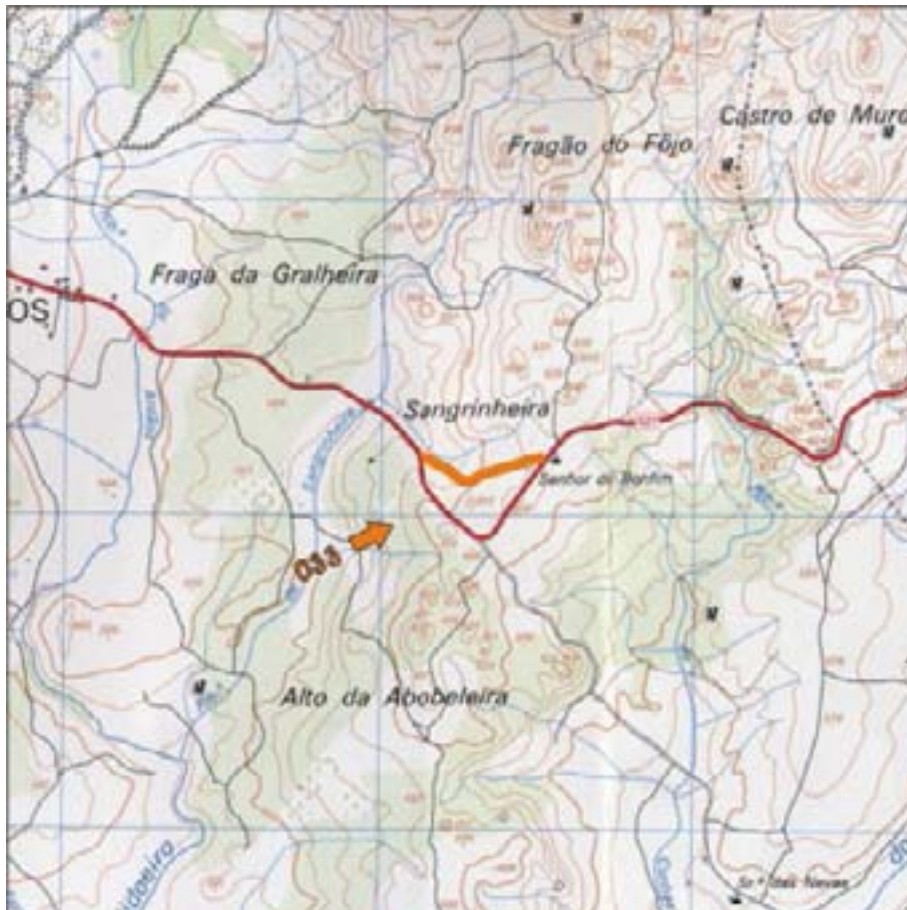
Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Limpeza e sinalização no âmbito do projecto "Vias Augustas". Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

Deve controlar-se a expansão dos campos agrícolas, para não sobreponem o traçado. No ortofotomapa não se assinalou a zona de protecção, por dificuldade de representação. Recomenda-se que seja delimitada, no mínimo, uma banda de 10 metros para cada lado.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Alvéolo

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib. da Sangrinheira

Uso da Água Irrigação, uso comum

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Silvicultura

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

21-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 34

Relação 33

1. Identificação

Nome Caminho do Fragão do Fôjo Topónimo Fragão do Fôjo

Tipo de Sítio /Monumento Via

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Seara Velha

Lugar 2

Ardãos

Freguesia 1 Ardãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 617.75; 618.35 1 UTM (Y) 4624.3; 4624.45 Altitude 610; 620

(X) 45600; 46147 (Y) 232424; 232593

Acessos Pela estrada 527, no sentido Ardãos Seara Velha, poucos metros depois do Sr do Bonfim.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Barradas 1956; Montalvão 1971b; Baptista 1990; Lemos 2000; Alarcão 2004; Colmenero et alii 2004

Informações Orais Um pastor de Seara Velha informou que este era o caminho antigo que ligava a Ch

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353

Depois do Senhor do Bonfim, junto ao topónimo Fragão do Fôjo, conserva-se um caminho que passa em terrenos agrícolas, em estradão de terra batida, contornando uns pequenos promontórios a meia encosta. À medida que se vai subindo, identifica-se uma calçada, com uma ou outra marca de desgaste nos lados do caminho. Este caminho prossegue pelo concelho de Chaves, ligando já aí à estrada 527. Nas proximidades do caminho, foi identificado o marco divisório do concelho. Nas zonas mais baixas os terrenos são um pouco alagadiços.

7. Interpretação

Caminho que se admite corresponder ao antigo traçado de uma via romana que ligava Bracara Augusta a Asturica Augusta, por Aquae Flaviae. Variante Pindo - Ardãos - Seara Velha.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C., inícios do Séc. V

9. Conservação e Valorização

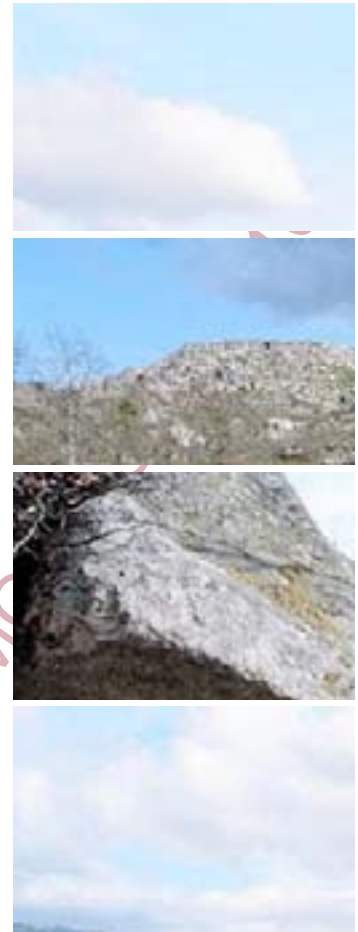
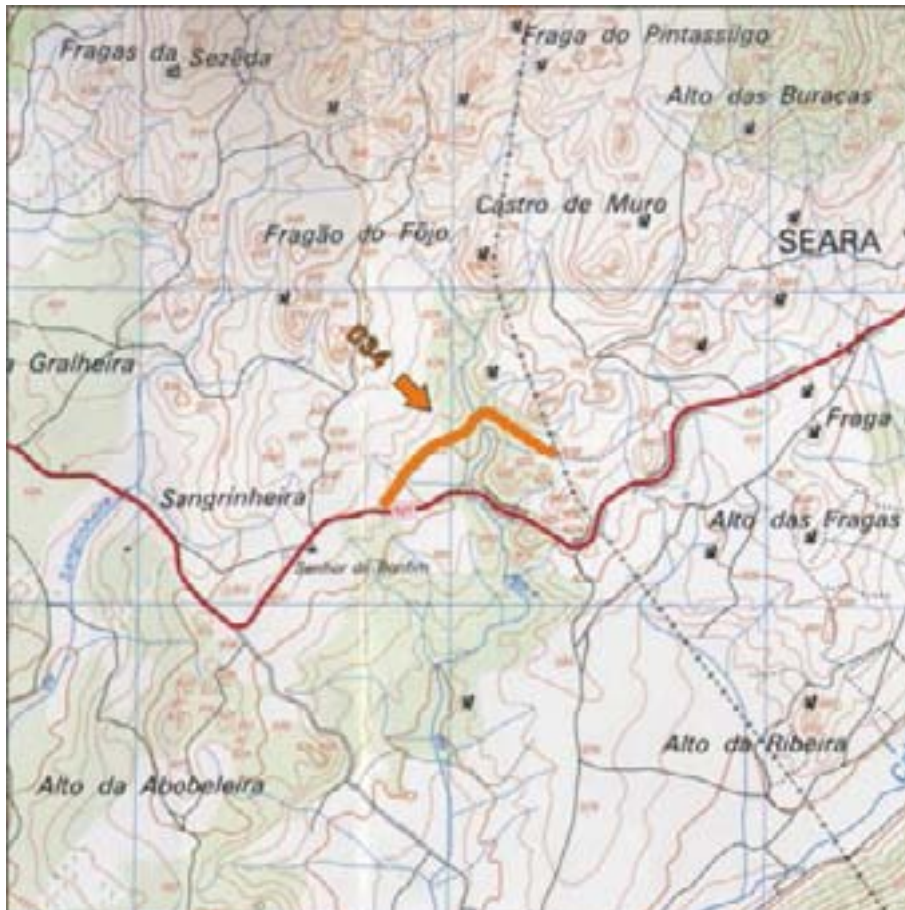
Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Limpeza e sinalização no âmbito do projecto "Vias Augustas". Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

No ortofotomapa não se assinalou a zona de protecção, por dificuldade de representação. Recomenda-se que seja delimitada, no mínimo, uma banda de 10 metros para cada lado.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Vertente Inferior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Ribeira de Cunhas

Uso da Água Uso Geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário Agricultura

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

21-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 35

Relação 36

1. Identificação

Nome Caminho da Malhó Topónimo Malhó

Tipo de Sítio /Monumento Via

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Nogueira

Lugar 2

Ardãos

Freguesia 1 Ardãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 613.4; 615.55 1 UTM (Y) 4624.55; 4623.4 Altitude 750;560

(X) 41249; 43339 (Y) 233006; 231352

Acessos Por estradão de terra batida em Arcos, Montalegre.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Teixeira 1996; Alarcão 2004; Colmenero et alii 2004

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.33-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 159, 160, 161, 178, 179, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 36

Desde a portela do Pindo (Arcos/ Montalegre), descendo pela vertente SE da Serra do Leiranco, conserva-se uma palataforma bem definida, com largura aproximada de 4m, no seu troço inicial recoberta com matos densos que impedem a sua circulação. Prosseguindo na descida da vertente, pouco antes de chegar à Malhó, identifica-se novamente este patamar, sendo evidentes os vestígios de desgaste dos rodados. Continua no sentido SO, até chegar a uma zona de propriedades privadas, sendo aqui difícil de seguir o caminho, devido ao facto de os terrenos serem muito algadiços e a vegetação ser muito densa. Reencontra-se o traçado novamente no sopé do castro da Malhó, observando-se marcas de desgaste na rocha. Atravessa propriedades privadas, numa zona onde houve um corte recente de árvores, seguindo sempre no sentido SO. Faz depois uma descida mais acentuada do que no restante percurso, passando por propriedades agrícolas, até se interromper junto a uma casa isolada, à margem da estrada Nogueira / Ardãos.

7. Interpretação

Traçado que se admite corresponder ao antigo traçado da via romana, que ligava Bracara Augusta a Asturica Augusta por Aquae Flaviae. Variante Pindo - Malhó - Poço das Freitas - Sapelos - Senhora dos Milagres.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc II a.C., inícios do Séc. V

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vegetação
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Limpeza e sinalização no âmbito do projecto "Vias Augustas". Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações No ortofotomapa não se assinalou a zona de protecção, por dificuldade de representação. Recomenda-se que seja delimitada, no mínimo, uma banda de 10 metros para cada lado.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Encosta

Local de Implantação Vertente Inferior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos/cambissolos dístricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes da ribeira do Vidoeiro

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário Silvicultura

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

21-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 36

Relação 35

1. Identificação

Nome Caminho por ribeira do Vidoeiro Topónimo rib^a do Vidoeiro

Tipo de Sítio /Monumento Via

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Nogueira

Lugar 2

Sapelos

Freguesia 1 Bobadela

Freguesia 2 Ardãos

Coordenadas : 1 UTM (X) 615.55: 616.6 1 UTM (Y) 4623.2: 4621.05 Altitude 560: 530

(X) 433352; 44142 (Y) 231346; 229582

Acessos Pela estrada 527, no sentido Bobadela/Ardãos, junto a uma casa isolada, entre estas duas aldeias.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Teixeira 1996; Alarcão 2004; Colmenero et alii 2004

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.33 Escala 1:25 000 Carta geográfica 2 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta Geológica Escala Ortofotomapa Orto fl.33-4/46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 Escala 1:100 000

Fotos 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 394, 395, 396, 39

Caminho antigo que atravessa a bacia do rio Terva, aqui ao longo da ribeira do Vidoeiro, paralela ao poço das Freitas. Presentemente já não se conservam muitas marcas de rodados, excepto um pequeno troço, antes de chegar à zona denominada de Giraldo. A partir desta zona, já não se encontram mais vestígios de rodados, encontrando-se o caminho em terra batida. Nos dois cruzamentos de caminhos que se seguem, encontraram-se três alminhas, uma no primeiro cruzamento, e duas no entroncamento junto ao pontão que atravessa a ribeira do Calvão. Nesta zona está em construção uma ponte para servir a estrada alcatroada que estabelecerá a ligação Sapelos/Nogueira.

7. Interpretação

Traçado que se admite corresponder ao antigo traçado da via romana, que ligava Bracara Augusta a Asturica Augusta por Aquae Flaviae. Variante Pindo - Malhó - Poço das Freitas - Sapelos - Senhora dos Milagres.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C., séc V

9. Conservação e Valorização

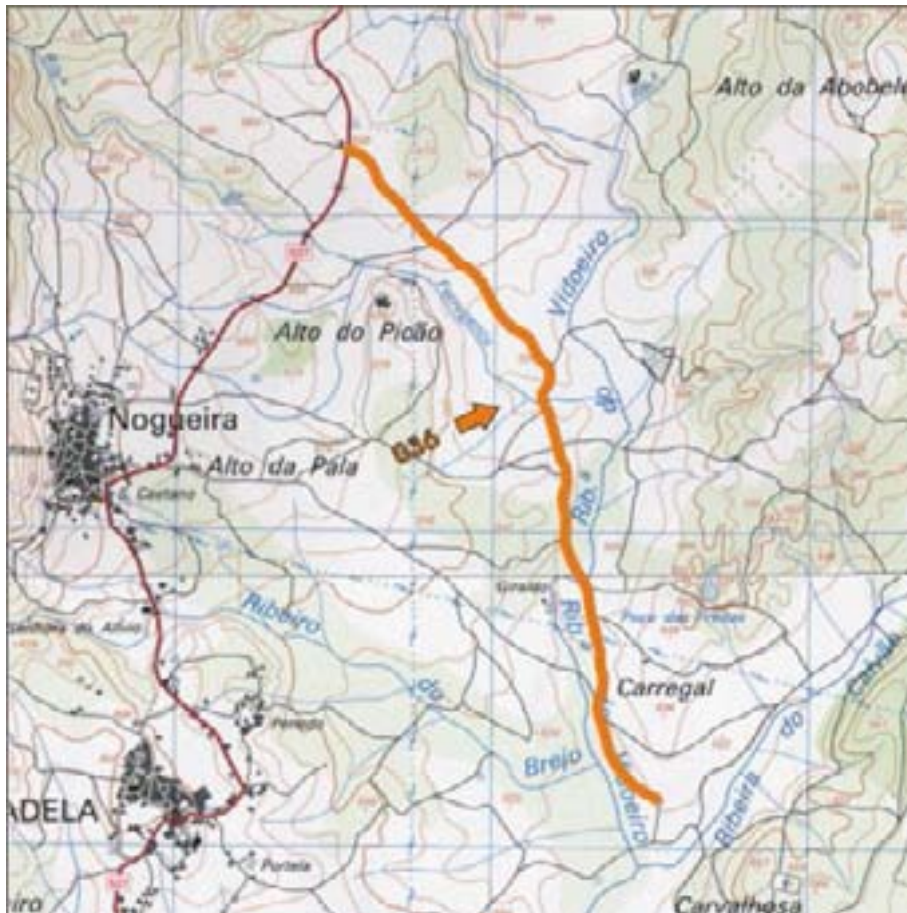
Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Limpeza e sinalização no âmbito do projecto "Vias Augustas". Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

Na zona onde atravessa a ribeira do Calvão, está a ser construída uma nova estrada que está a destruir o traçado. No ortofotomapa não se assinalou a zona de protecção, por dificuldade de representação. Recomenda-se que seja delimitada, no mínimo, uma banda de 10 metros para cada lado.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Alvéolo

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos distrícos

Cond. Sedimentação Aluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rib. Do Videiro e rib. Do Calvão

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

22-12-2004

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 37
Relação 36

1. Identificação

Nome Caminho da Carvalhosa/Sapelos Topónimo Carvalhosa/Sapelos

Tipo de Sítio /Monumento Via

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapelos

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 616.65; 616.55 1 UTM (Y) 4620.7; 4620.35 Altitude 520; 530

(X) 44419.5; 44437, (Y) 228822.5; 228478

Acessos Pela estrada Bobadela/ Sapelos, antes de chegar a Sapelos.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Teixeira 1996; Alarcão 2004; Colmenero et alii 2004

Informações Orais A população Sapelos informou que o caminho para Chaves, passava pela zona do

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 642, 643, 644, 645, 646, 647

A Sul da estrada que estabelece ligação entre Sapelos e Bobadela, e a Norte da aldeia de Sapelos, na zona do Vale do rio Terva, conserva-se um caminho em terra batida, ladeado pelos muros das propriedades adjacentes. Não foram identificados quaisquer vestígios de rodados ou desgaste. Todo o traçado se estende por uma zona plana, sendo a pendente bastante reduzida.

7. Interpretação

Traçado que se admite corresponder ao antigo traçado da via romana, que ligava Bracara Augusta a Asturica Augusta por Aquae Flaviae. Variante Pindo - Malhó - Poço das Freitas - Sapelos - Senhora dos Milagres.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C., inícios do séc. V

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Limpeza e sinalização no âmbito do projecto "Vias Augustas". Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações No ortofotomapa não se assinalou a zona de protecção, por dificuldade de representação. Recomenda-se que seja delimitada, no mínimo, uma banda de 10 metros para cada lado.



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 38

Relação

1. Identificação

Nome Ara de Sapelos Topónimo Sapelos

Tipo de Sítio /Monumento Achado Isolado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapelos

Lugar 2

Nicho

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 616.55

1 UTM (Y) 4620.15

Altitude 550

(X) 44329

(Y) 228278

Acessos Pela estrada N-103, no sentido Sapiãos-Redondelo, virando à esquerda em Sapelos.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos *Martins 1984c; Rodríguez Colmenero 1987; Garcia 1988-1991; *Martins 1989; Fontes 1992; Teixeira 1996; *Rodríguez Colmenero et alii 1997

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 182, 415, 416

A bibliografia referencia a existência de uma ara votiva em granito, na capela da aldeia de Sapelos. Alguns moradores referiram que estava colocada junto à ombreira da porta principal. Foi inicialmente recolhida para o Museu da Região Flaviense e posteriormente trasladada para o Museu Rural de Boticas, onde se encontra depositada. No topo apresenta uma cavidade profunda. Está epigrafada numa das faces, lendo-se: I(ovi) O(ptimo) M(aximo).

7. Interpretação

Trata-se de uma ara votiva romana, dedicada ao deus Júpiter, que terá sido reaproveitada como pia de abluções, facto atestado pelo aumento considerável da cavidade do fóculo. Será proveniente de um povoado das proximidades.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C., inícios do séc. V

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização					
Proposta de Classificação					

Local de Depósito	Museu Rural de Boticas
-------------------	------------------------

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevô

Forma Específica de Relevô

Local de Implantação

Geologia

Substrato Geológico

Afloramentos

Edafologia

Tipo de Solo

Cond. Sedimentação

Cond. Erosão

Hidrografia

Tipo de Água

Uso da Água

Cobertura Vegetal

Primária

Secundária

Terciária

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção

Enquadramento da Paisagem

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

10-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 39
Relação 37

1. Identificação

Nome Caminho da Senhora dos Milagres Topónimo Sr^a dos Milagres

Tipo de Sítio /Monumento Via

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Nicho

Lugar 2

Sapelos

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 617.45; 616.55 1 UTM (Y) 4620.75; 4620.35 Altitude 600;530

(X) 45239;45291 (Y) 227783; 227705

Acessos Pela estrada R103 até ao Nicho, virando no sentido da Sr^a dos Milagres.

4. Fontes e Referências

Inédito Sim

Manuscritos

Impressos Teixeira 1996; Alarcão 2004; Colmenero et alii 2004

Informações Orais A população mais idosa de Sapelos informou que o caminho antigo que dava acess

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000 Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 Escala 1:100 000

Fotos 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426

Depois de chegar à capela da Sra dos Milagres, perto do limite do concelho com Chaves, há um caminho em terra batida que atravessa diversas propriedades agrícolas. Os muros limítrofes das propriedades ladeiam o caminho. Não foram identificados quaisquer vestígios de calçada ou rodados. O caminho em Boticas mantém aproximadamente a mesma cota, continuando em Chaves por um suave declive em direcção a Redondelo.

7. Interpretação

Traçado que se admite corresponder ao antigo traçado da via romana, que ligava Bracara Augusta a Asturica Augusta por Aquae Flaviae. Variante Pindo - Malhó - Poço das Freitas - Sapelos - Senhora dos Milagres.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc. II a.C., inícios do séc.V

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Limpeza e sinalização, no âmbito do projecto "Vias Augustas ". Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações No ortofotomapa não se assinalou a zona de protecção, por dificuldade de representação. Recomenda-se que seja delimitada, no mínimo, uma banda de 10 metros para cada lado.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Alvéolo

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água rio Terva

Uso da Água Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbórea

Terciária Arbustiva

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via Portela

Orientação NO/SE

Aproveitamento Rodoviário

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

10-01-2005

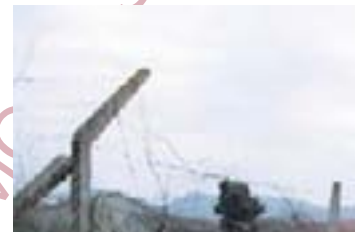
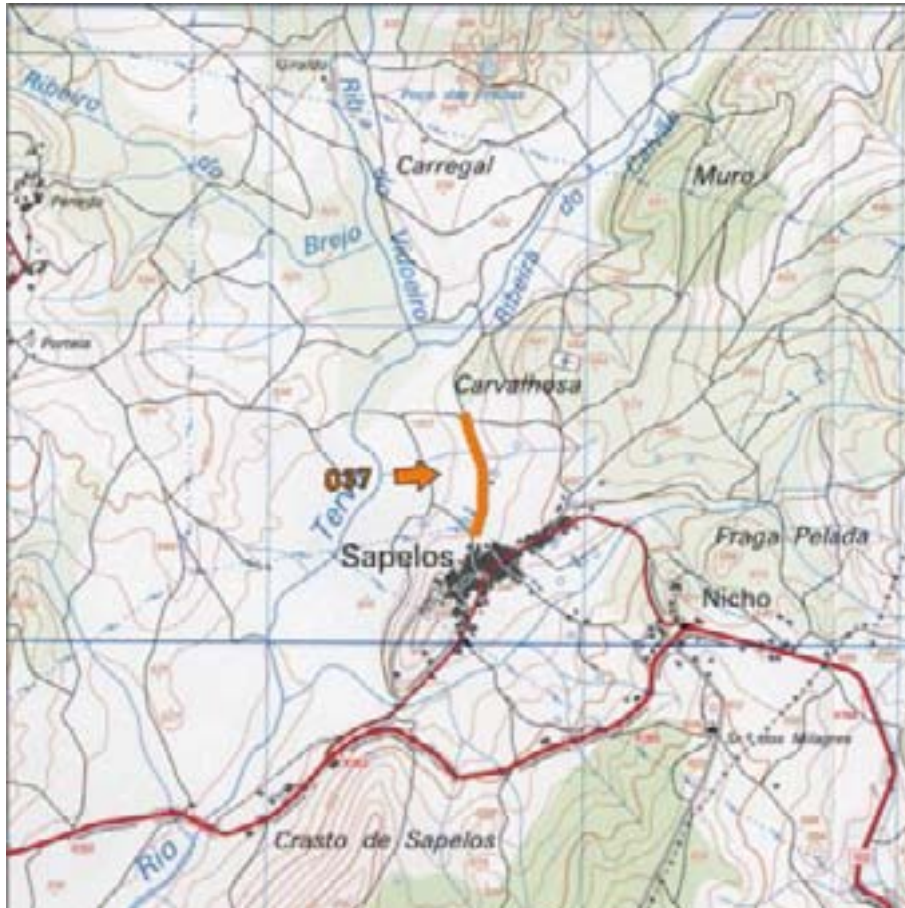
Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Alvéolo

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Luvisolos
crômicos/cambissolos dísticos

Cond. Sedimentação Aluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rio Terva

Uso da Água Uso geral, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Silvicultura

Terciário

Inculto

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

01-03-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 40

Relação

1. Identificação

Nome Outeiro do Pardo Topónimo Outeiro do Pardo

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Boticas Lugar 2 Pinho
Freguesia 1 Boticas Freguesia 2
Coordenadas : 1 UTM (X) 612.55 1 UTM (Y) 4615.05 Altitude 490
(X) 40297 (Y) 223236
Acessos Pela estrada R-311, na direcção de Pinho, junto ao parque industrial.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior et alii 1983; Martins 1984a; Silva 1986; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000 Carta geográfica 2 Escala
Carta Geológica Escala Ortofotomapa Orto fl.46-4 Escala 1:10 000
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 Escala 1:100 000
Fotos 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444

Outeiro na margem direita do rio Terva, localizado num relevo em esporão. O local encontra-se bastante descaracterizado, não sendo perceptíveis com clareza as linhas de muralha. Há todavia indícios de dois panos de muralha circundantes de pequeno perímetro, que se estenderiam por uma área de aproximadamente 1 ha. Uma das linhas localiza-se junto à cumeada, outra junto ao sopé de uma pequena elevação que se situa na zona Norte do esporão. Esta elevação na zona Norte proporciona um controlo sobre o acesso pela zona de maior vulnerabilidade. De facto, toda esta zona é ocupada por um grande derrube onde são encontradas mós tipo "cella". Nesta zona percebe-se a existência de um patamar mais ou menos aplanado, sendo provável a existência de uma muralha de reforço.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Numa ilustração publicada por Santos Júnior et alii (1983), entre diversa cerâmica micácea indígena, distingue-se um fragmento de tegulae, comprovando a ocupação romana do local.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa Meados do III mil. a.C., I mil a.C.
Período Cultural IF/R	Estilo Artístico

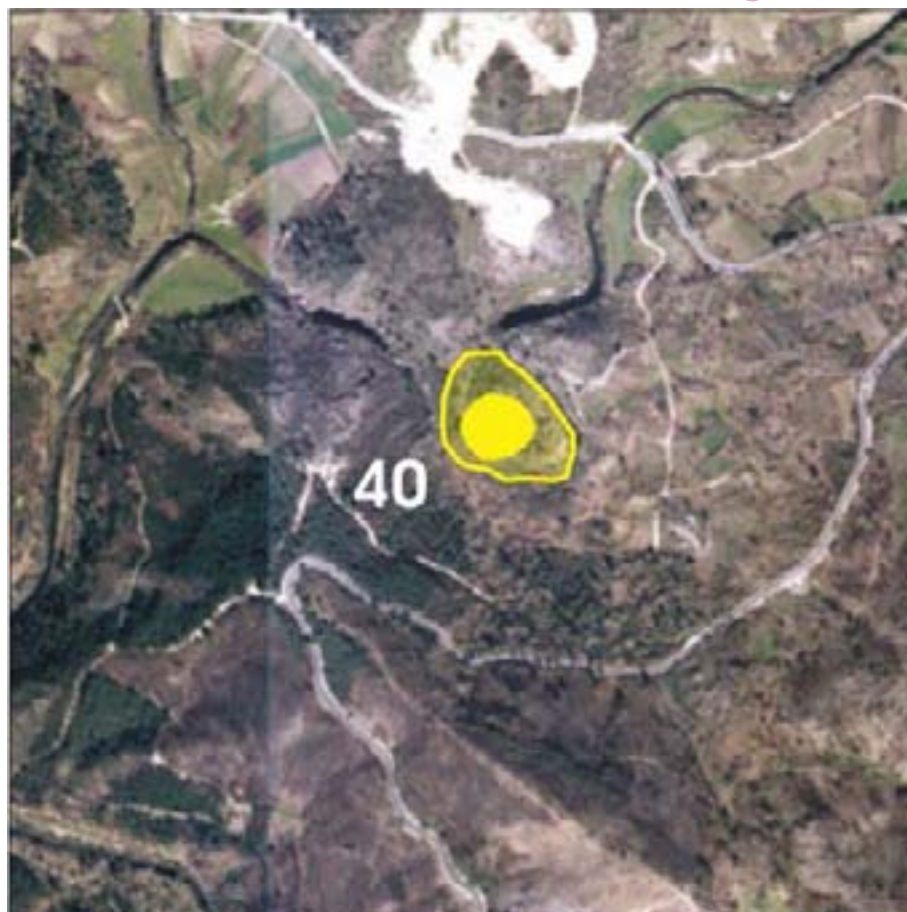
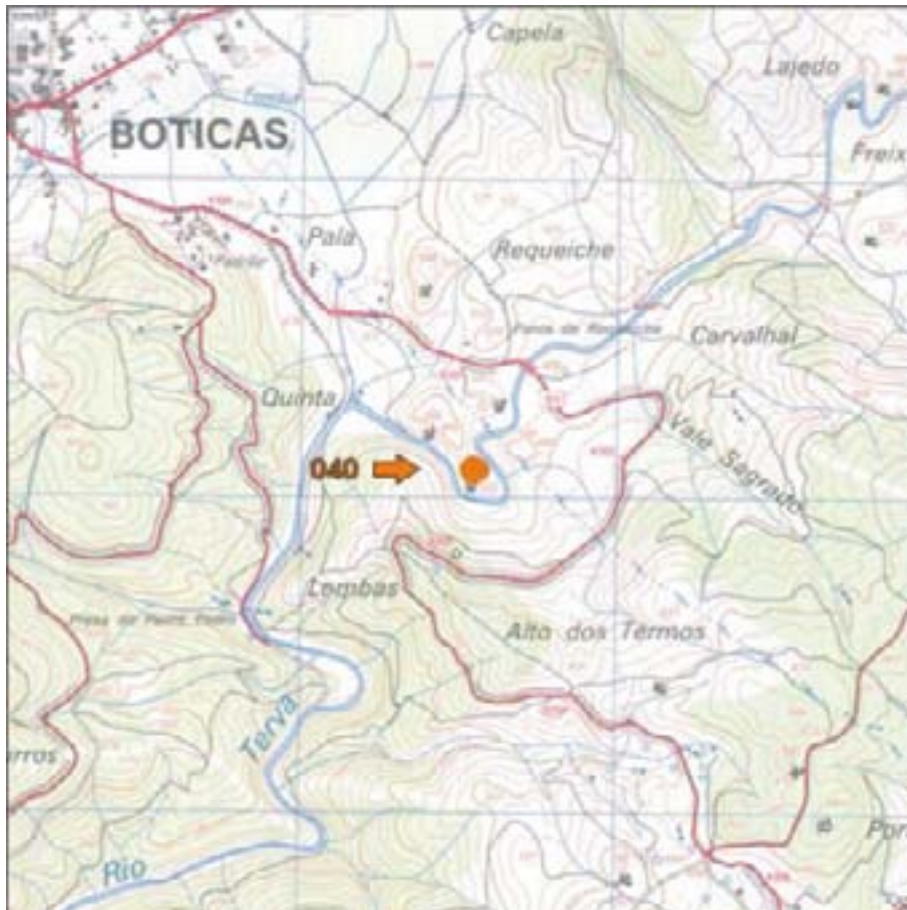
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de zona especial de Protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rio Terva

Uso da Água Irrigação, uso comum

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

11-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 41

Relação

1. Identificação

Nome Castro do Mouril Topónimo Castro do Mouril

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Arcossó

Lugar 2

Pinho

Freguesia 1 Pinho

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 615.75

1 UTM (Y) 4612.4

Altitude 390

(X) 43477.5

(Y) 220551.5

Acessos Pela estrada R-311, passando Pinho, virar à direita, cerca do Km 108.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior et alii 1983; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Teixeira 1996; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46

Escala 1:25 000

Carta geográfica 2

Escala

Carta Geológica

Escala

Ortofotomapa

Orto fl.46-4

Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 648, 649, 650, 651

Num relevo em esporão, sobranceiro o rio Tâmega, conservam-se, bem visíveis nos lados Oeste e Sudoeste, ruínas de duas linhas de muralha. Um fosso, com uma profundidade considerável, é igualmente visível nesta zona, parecendo estender-se para a zona N. Neste lado Norte identificam-se dois pequenos taludes e, num afloramento granítico, gravuras constituídas por diversas covas, algumas agrupadas sugerindo a representação da palma de uma mão, tal como relatou Santos Júnior (Júnior et alii 1983). Dispersos pelo terreno observam-se aglomerados de pedras e alguns alinhamentos, que poderão corresponder a vestígios de habitações. Na zona Este foi identificado um lagar, escavado na rocha. Todo o conjunto abarca uma área de aproximadamente 4 ha. Não foram recolhidos fragmentos de cerâmica, o que se compreende pela densa vegetação existente.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização. O sítio arqueológico engloba também um rochedo com gravuras e um lagar escavado na rocha, podendo o primeiro não estar associado ao povoado. O segundo poderá ser de uma época posterior.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF	Inícios do I mil a.C., fins do I mil a.C.

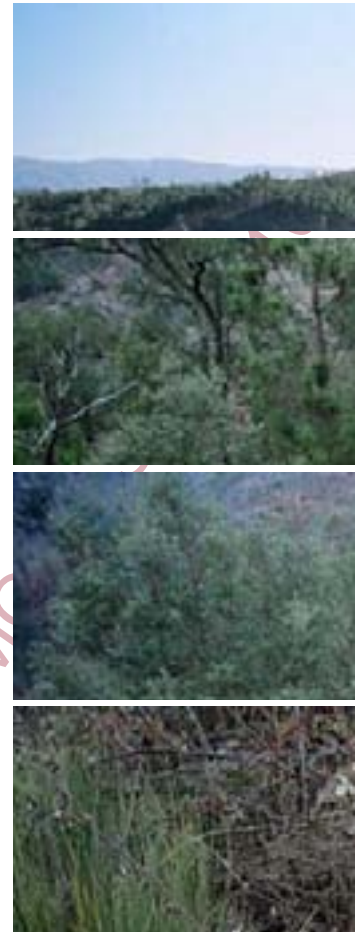
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevô Serra

Forma Específica de Relevô Encosta

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Xisto

Afloramentos 10-25%, separação entre 10 e 35 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos dístricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Rio Tâmega

Uso da Água Uso comum, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

11-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 42

Relação

1. Identificação

Nome Povoado de Lage/Prados Topónimo Lage/Prados

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Aberto

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Pinho Lugar 2 Valdegas
Freguesia 1 Pinho Freguesia 2
Coordenadas : 1 UTM (X) 614.65 1 UTM (Y) 4613.5 Altitude 530
(X) 42336,5 (Y) 221697,5
Acessos Pela estrada R-311 até Pinho, virando depois da Aldeia no sentido de Lage.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos *Martins 1989; Teixeira 1996

Informações Orais Os habitantes de Pinho que têm propriedades nesta zona informaram que ainda rec

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000 Carta geográfica 2 Escala
Carta Geológica CGP fl. 6 B Escala 1: 50 000 Ortofotomapa Orto fl.46-4 Escala 1:10 000
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 Escala 1:100 000
Fotos 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478

A cerca de 500 m da aldeia de Pinho, numa zona de suave encosta, identificam-se bastantes elementos pétreos afeiçoados, bem como fragmentos de tegulae, reaproveitados nos muros das propriedades, quase todas ocupadas por vinhas. Um pouco mais a Sul dessa zona de vinhas, numa zona baldia com bastante vegetação arbustiva, encontram-se alguns vestígios de sepulturas antropomórficas, encontrando-se a sua grande maioria destruídas e/ou fragmentadas. Perto desta zona encontra-se um derrube de consideráveis dimensões. O conjunto de vestígios estende-se por uma área de 6 ha.

7. Interpretação

Ocupação romana, sem que se consiga estabelecer a tipologia do aglomerado. Este local também conheceu uma ocupação na Idade Média, como atesta a presença de sepulturas antropomórficas escavadas na rocha.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RM	Séc. II a.C. Séc. XV

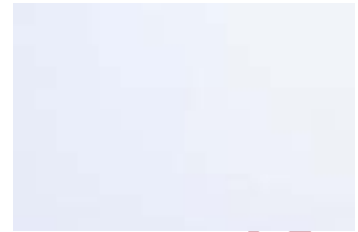
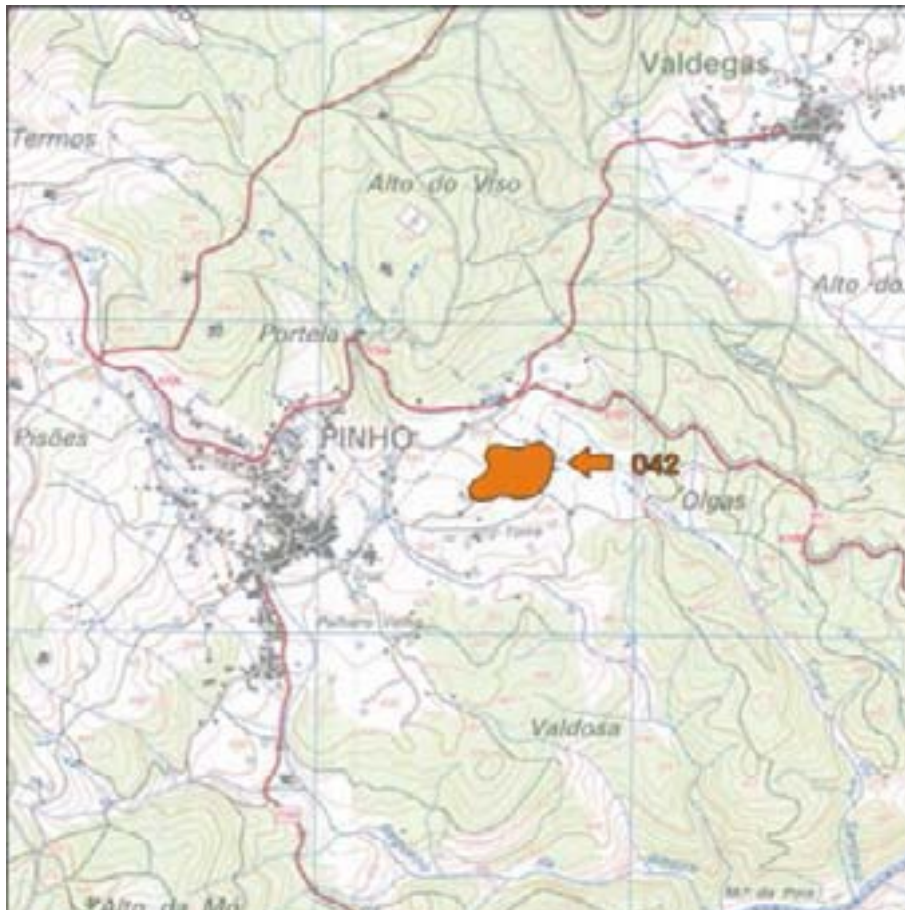
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Encosta

Local de Implantação Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos distrícos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corgo do Sampaio

Uso da Água Irrigação, uso comum

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Herbácea

Terciária Arbustiva

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

11-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 43

Relação

1. Identificação

Nome Torre de Seirrãos Topónimo Torre de Seirrãos

Tipo de Sítio /Monumento Atalaia

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Seirrãos

Lugar 2

Quintas

Freguesia 1 Beça

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 609.9

1 UTM (Y) 4615.5

Altitude 720

(X) 37152

(Y) 223701,5

Acessos Pela estrada R-311, no sentido Boticas-Quintas. Depois de Quintas, virar à esquerda, pela EM 1038 em direcção à aldeia de Seirrãos.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos *Dias 1903; Guerra 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-3 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 479, 480, 481, 482, 483, 484, 523, 524

Num pequeno outeiro no extremo Norte da aldeia de Seirrãos, no final da rua denominada de "rua da Torre", identificam-se diversos entalhes rectangulares e quadrangulares e variadas marcas ao longo da superfície rochosa, desenhando um pequeno perímetro em torno de uma plataforma elevada.

7. Interpretação

Trata-se de uma atalaia tardo-medieval, com um posicionamento geo-estratégico privilegiado, dominando a veiga de Boticas e cobrindo a portela de passagem ao Vale do rio Beça. O local encontrar-se-à bastante descaracterizado, em virtude da utilização dos elementos pétreos nos bairros circuncantes. Estes vestígios corresponderão à torre que D. João I mandou erguer uma em Seirrãos, no primeiro quartel do século XV (Guerra 1982,24).

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século		
Milénio	Cronologia Relativa		Séc. XIV Séc. XV
Período Cultural	BXM	Estilo Artístico	

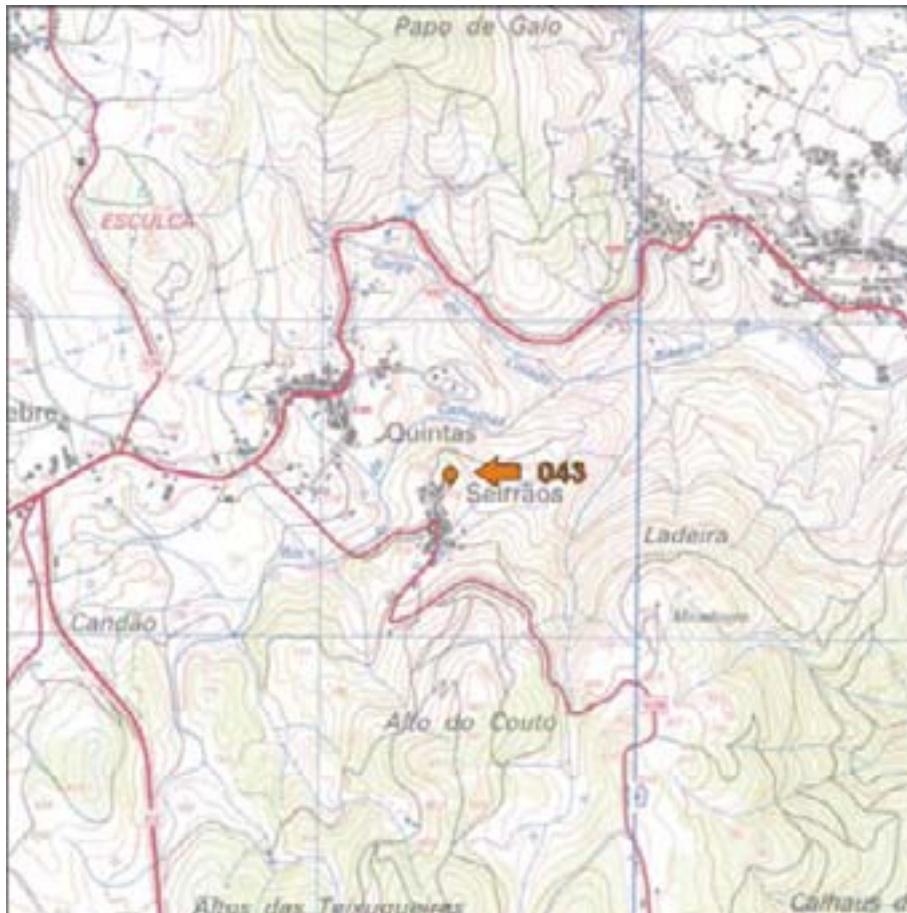
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Construção Civil
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de Protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluente da rib^a da Piouca

Uso da Água uso comum, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via Portela

Orientação NO/SE

Aproveitamento Carreteiro

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

12-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 44

Relação

1. Identificação

Nome Castro de Carvalhelhos ou Castelo dos Mouros Topónimo Carvalhelhos

Tipo de Sítio / Monumento Povoado Fortificado

Classificado

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Carvalhelhos

Lugar 2

Vilarinho da Mó

Freguesia 1 Beça

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 605.6

1 UTM (Y) 4617.35

Altitude 860

(X) 33339

(Y) 225547

Acessos Pela estrada R-311, virando na EM 520 no sentido de Carvalhelhos, depois pela EM 520-1 até ao centro da aldeia. A partir daí, em estradão que dá acesso ao povoado.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior 1958; Júnior 1963; Júnior 1964; Júnior 1966; Costa 1968; Fernandes 1968; Harbinson 1968; Júnior et alii 1983; Júnior 1984; Martins 1984a; Ponte 1984; Silva 1986; Centeno 1987; Fontes 1992; *Queiroga 1992; *Redentor 2000; Silva e Centeno 2000; Redentor 2003

Informações Orais

Decretos de Classificação Dec. Nº 38491, de 6-11-1951

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46

Escala 1:25 000

Carta geográfica 2

Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 B

Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.46-1

Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 529, 533, 534

Num pequeno outeiro em esporão, na margem direita do rio Beça, sobranceiro às caldas de Carvalhelhos, encontra-se o denominado "Castro de Carvalhelhos ou Castelo os Mouros". O povoado possui um imponente sistema defensivo constituído por duas linhas de muralha com rampas interiores de acesso, complementado por dois fossos de grandes dimensões e um campo de pedras fincadas bastante bem preservado, situado a SO. A defesa do povoado é complementada por um paredão paralelo ao ribeiro e uma vala a anteceder o primeiro fosso do lado Este. O povoado, com todo o sistema defensivo, tem uma área de menos de 3 ha. Nas plataformas do interior do recinto conservam-se restos de construções de planta circular e rectangular postas a descoberto no decorrer das inúmeras escavações aqui realizadas por Santos Júnior. Uma porta do povoado localiza-se do lado SO do mesmo. Foi recolhido inúmero espólio durante as escavações anteriormente referenciadas, nomeadamente cerâmica, moedas e fíbulas, etc.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Apresenta indícios de romanização. Se se aceitar a identificação que Almeida Fernandes (1968) faz de Beça com o pagus Beresi do 'Paroquial Suevo', deve colocar-se a hipótese do castro de Carvalhelhos ter continuado ocupado entre os séculos V e VII.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF/R/SV	Inícios do I mil a.C., inícios do séc. VII

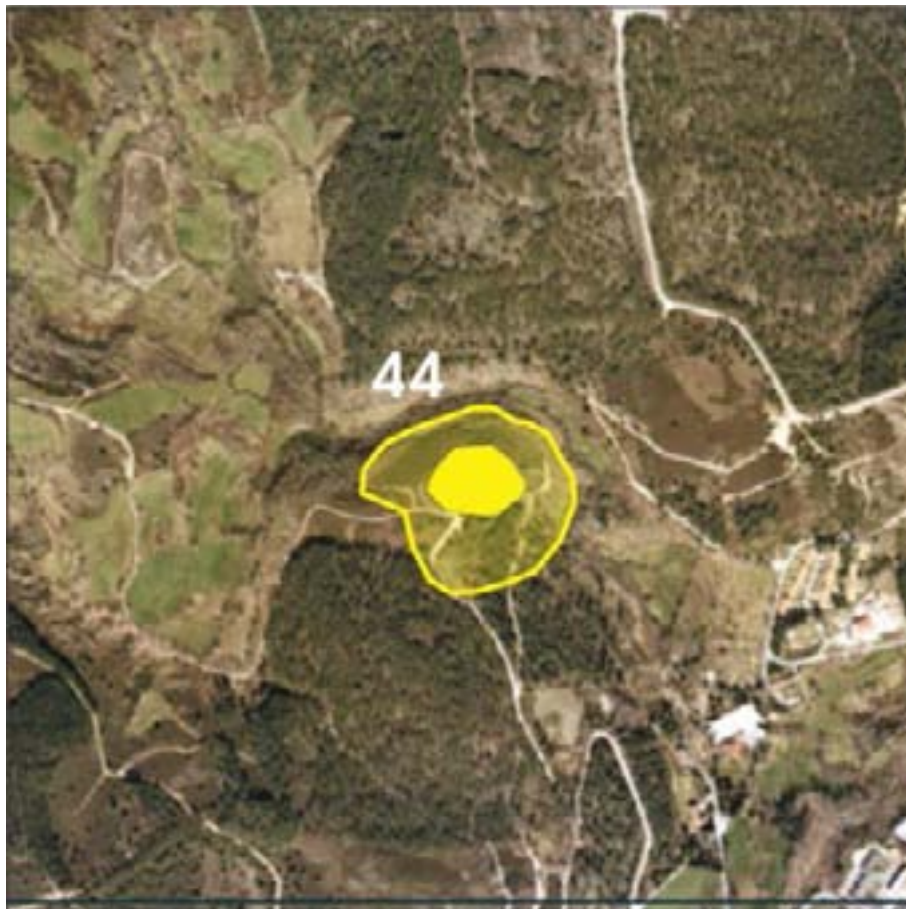
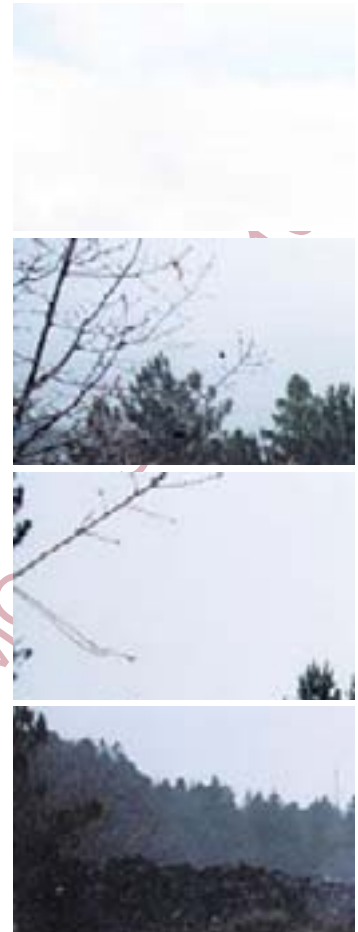
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Muito Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vegetação
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Manutenção regular do espaço, de modo a melhorar as condições de visita do mesmo. Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 10-25%, separação entre 10 e 35 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Moderada

Hidrografia

Tipo de Água ribeira das Lameiras

Uso da Água uso comum, termal

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

12-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 45
Relação 46

1. Identificação

Nome Veiga 1 Topónimo Veiga

Tipo de Sítio /Monumento Tumulus

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilar Lugar 2 Carvalho

Freguesia 1 Vilar

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 604

1 UTM (Y) 4614.65

Altitude 960

(X) 31688

(Y) 222946

Acessos Pela estrada R-311, virando na EM que dá acesso a S.Salvador do Viveiro.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 A Escala 1:25 000

Ortofotomapa Orto fl.45-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 498, 499, 500, 501

A Sul da estrada municipal que estabelece a ligação entre a R- 311 e S. Salvador do Viveiro, identifica-se uma 'mamoá', com cerca de 20m de diâmetro e uma altura máxima de aproximadamente 2m. Alguns elementos da couraça pétrea são bem visíveis. Não foi identificado qualquer esteio e a depressão central é muito ligeira.

7. Interpretação

Sepulcro sob tumulus. Integra a chamada necrópole da Veiga de Vilar.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	N/B
	Estilo Artístico

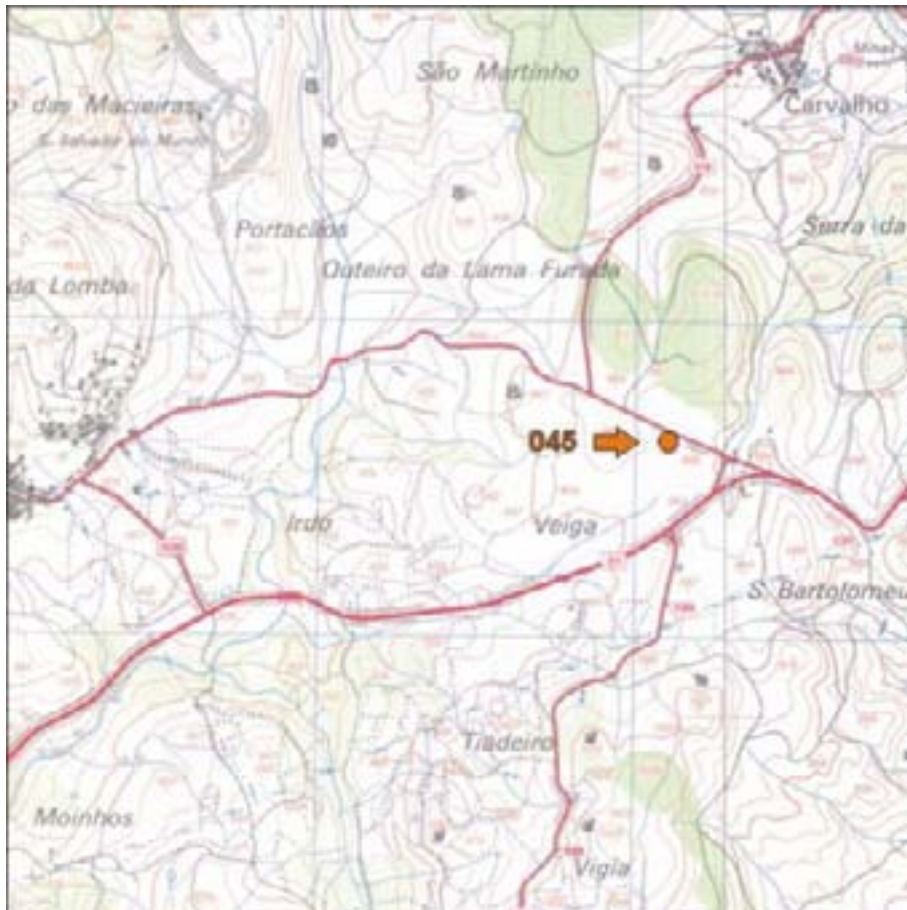
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de Protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Planalto

Forma Específica de Relevo Chã

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Covas

Uso da Água uso Geral, moagem

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

17-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 46

Relação 45

1. Identificação

Nome Veiga 2 Topónimo Veiga

Tipo de Sítio /Monumento Tumulus

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilar Lugar 2 Carvalho

Freguesia 1 Vilar

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 604

1 UTM (Y) 4614.65

Altitude 960

(X) 31688

(Y) 222946

Acessos Pela estrada R-311, virando na EM que dá acesso a S. Salvador do Viveiro.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 A Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.45-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 502, 503, 504

Numa zona ocupada por densa vegetação arbustiva, identifica-se uma ligeira elevação que poderá corresponder a uma 'mamoia' e alguns elementos pétreos que poderão ter feito parte da couraça da mesma. Tem um diâmetro de aproximadamente 8,90m. Não foi identificada depressão central.

7. Interpretação

Sepulcro sob tumulus. Integra a chamada necrópole da Veiga de Vilar.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	N/B
	Estilo Artístico

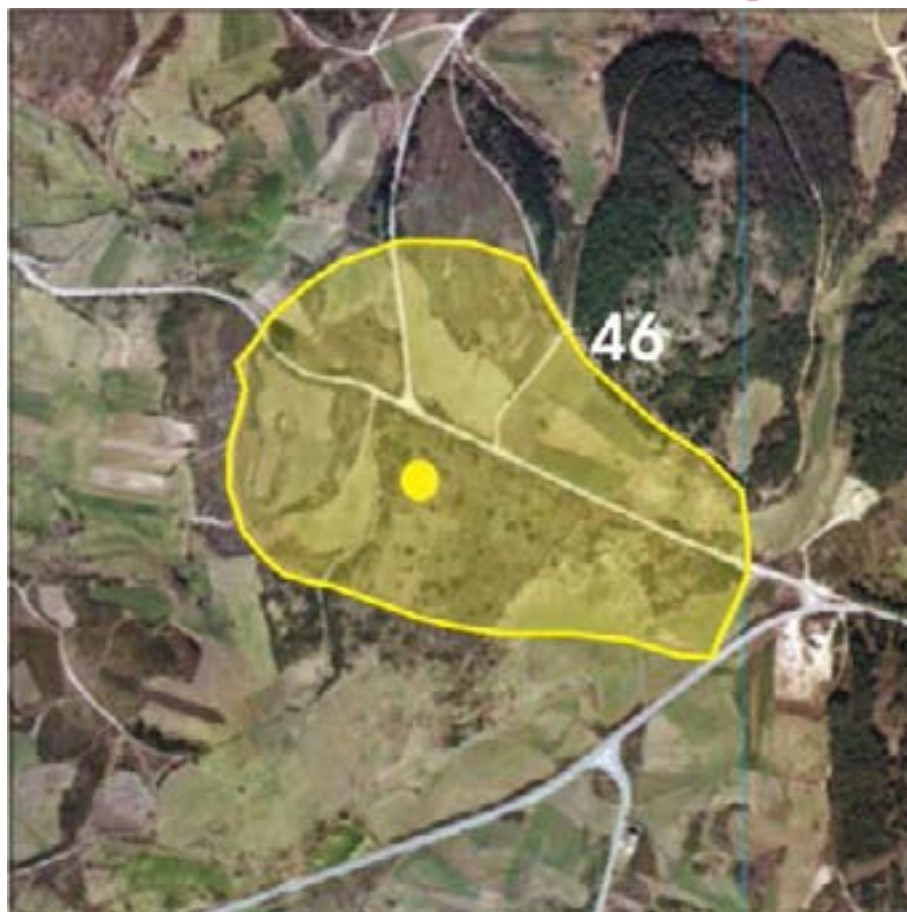
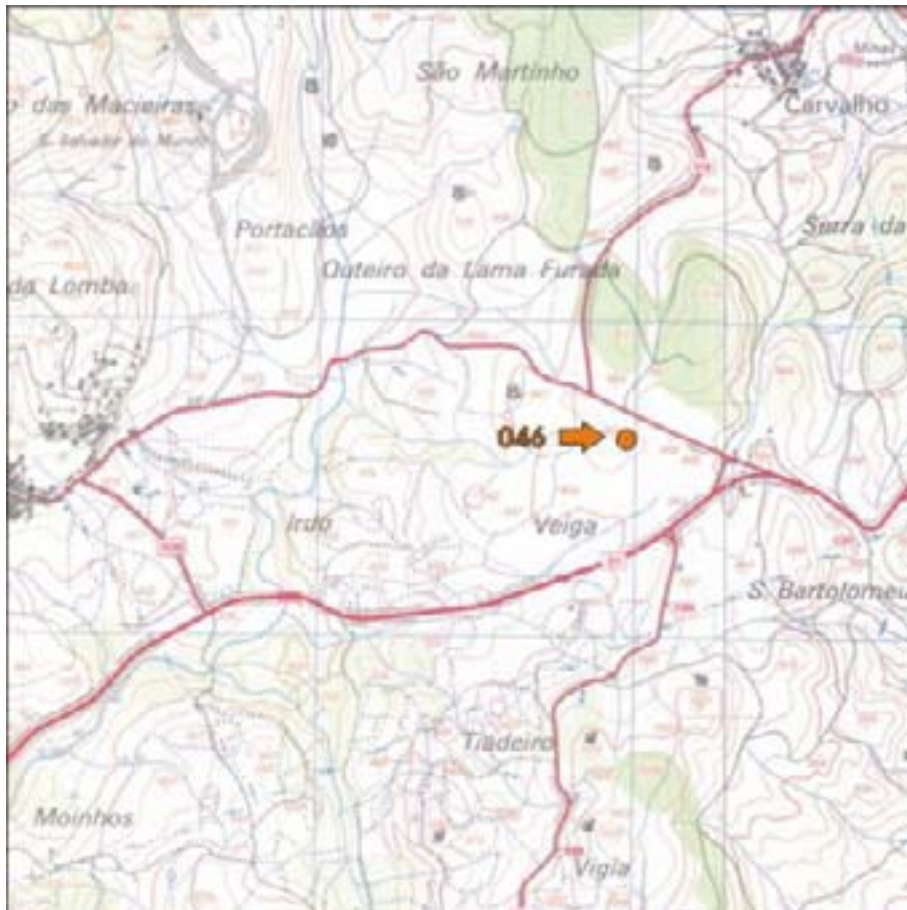
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Reduzido	Potencial Valorização	Reduzido
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de Protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Planalto

Forma Específica de Relevo Chã

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Covas

Uso da Água Uso Geral, moagem

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Silvicultura

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

17-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 47
Relação 46

1. Identificação

Nome Veiga 3 Topónimo Veiga

Tipo de Sítio /Monumento Tumulus

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilar Lugar 2 Carvalho

Freguesia 1 Vilar

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 604

1 UTM (Y) 4614.65

Altitude 960

(X) 31688

(Y) 222946

Acessos Pela estrada R-311, virando na EM que dá acesso a S.Salvador do Viveiro.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 A Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.45-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 494, 495, 496, 497

Situada na veiga de Vilar, junto ao caminho que estabelece a ligação entre a R-311 e S.Salvador do Viveiro. A 'mamoá' corresponde a uma pequena elevação onde se notam algumas pedras que fariam parte da couraça. Identificou-se uma depressão central de pouca profundidade. Possui uma altura máxima de 40 a 50 cm. Possui um diâmetro de 11,40m, tendo sido cortada num dos lados. A densa vegetação que a cobre (carqueja e urze), impossibilita uma adequada percepção. Nos terrenos agricultados foi encontrada cerâmica manual. Não se observou qualquer esteio.

7. Interpretação

Sepulcro sob tumulus. Integra a chamada necrópole da Veiga de Vilar.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	N/B
	Estilo Artístico

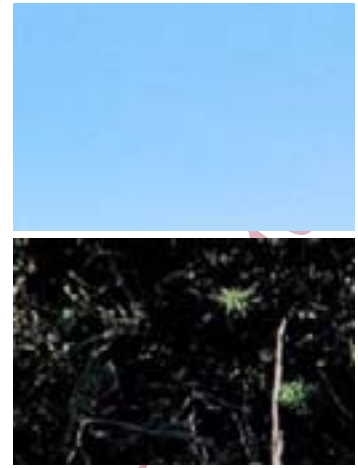
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Reduzido
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Planalto

Forma Específica de Relevo Chã

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Covas

Uso da Água Uso geral, moagem

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

17-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 48

Relação 47

1. Identificação

Nome Veiga 4 Topónimo Veiga

Tipo de Sítio /Monumento Tumulus

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilar Lugar 2 Carvalho

Freguesia 1 Vilar

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 604

1 UTM (Y) 4614.65

Altitude 960

(X) 31688

(Y) 222946

Acessos Pela estrada R-311, virando na EM que dá acesso a S. Salvador do Viveiro.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 A Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.45-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 505, 506

Junto ao entroncamento entre a EM que liga a R-311 a S. Salvador do Viveiro e um estradão florestal, do outro lado do caminho onde se situa a mamoa 3 da Veiga, encontra-se outra estrutura tipo 'mamoas', rasa. Observa-se uma linha sub-circular de pedra miúda, que corresponderia à couraça pétrea. Tem de diâmetro cerca de 7,40m.

7. Interpretação

Sepulcro sob tumulus.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	N/B
	Estilo Artístico

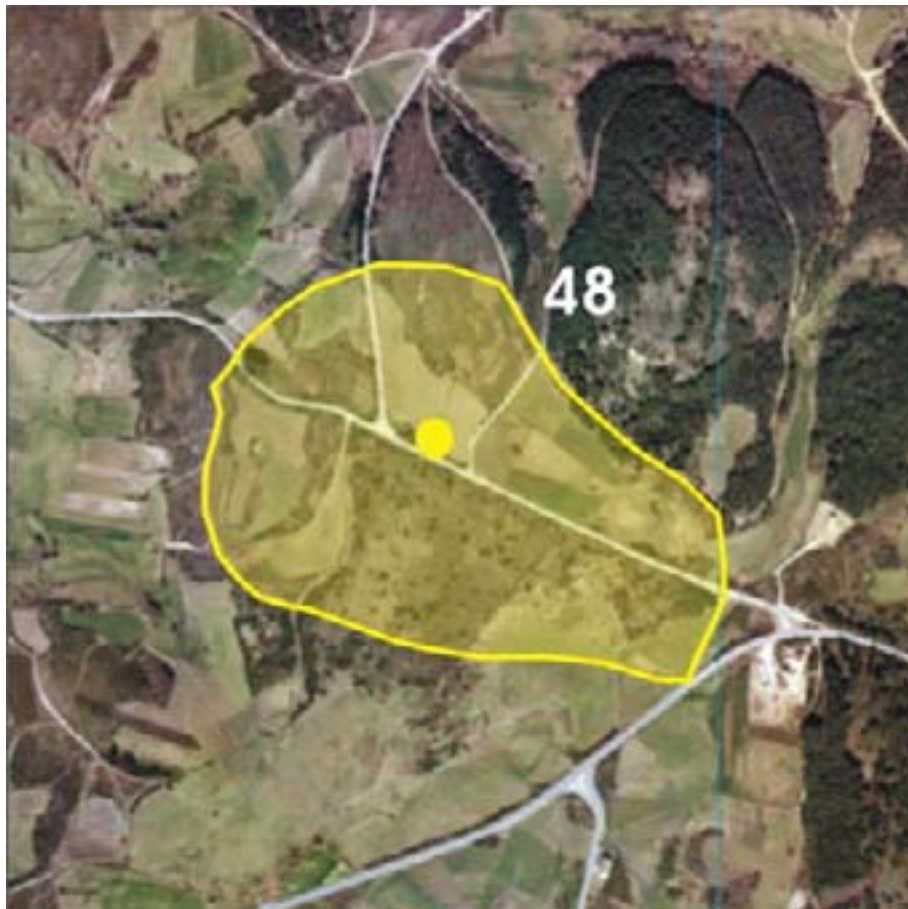
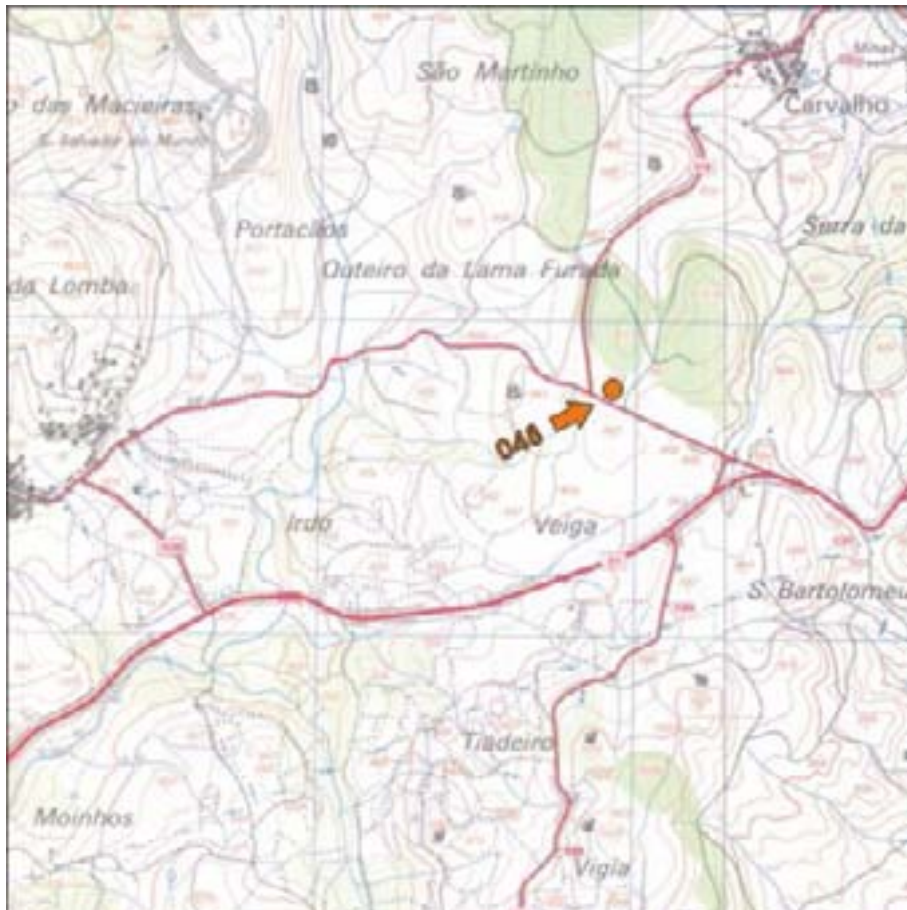
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Reduzido	Potencial Valorização	Reduzido
Medidas de Valorização	Delimitação de uma Zona de Protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Planalto

Forma Específica de Relevo Chã

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Covas

Uso da Água uso geral, moagem

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Mau

Enquadramento da Paisagem Restrito

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

17-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 49

Relação

1. Identificação

Nome Sepultura de S.Salvador do Mundo Topónimo S.Salvador do Mundo

Tipo de Sítio /Monumento Sepultura

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 S.Salvador do Viveiro

Lugar 2

Vilar

Freguesia 1 São Salvador do Viveiro

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 602.6

1 UTM (Y) 4615.65

Altitude 960

(X) 30353,5

(Y) 222389,5

Acessos Pela estrada R-311, virando na EM que dá acesso a S.Salvador do viveiro, e posteriormente em estradão que dá acesso a S.Salvador do Mundo.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos *Martins 1989

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.45-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 507, 508, 509, 510

Junto à fachada Norte da igreja de S.Salvador do Mundo, conserva-se uma sepultura antropomorfica, escavada na rocha, com cerca de 1,85m de comprimento, 45cm de largura na cabeceira e 20cm de largura na zona dos pés.

7. Interpretação

Sepultura medieval, que integraria uma necrópole associada à igreja.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa Séc.XI, XV
Período Cultural MC/BM	Estilo Artístico

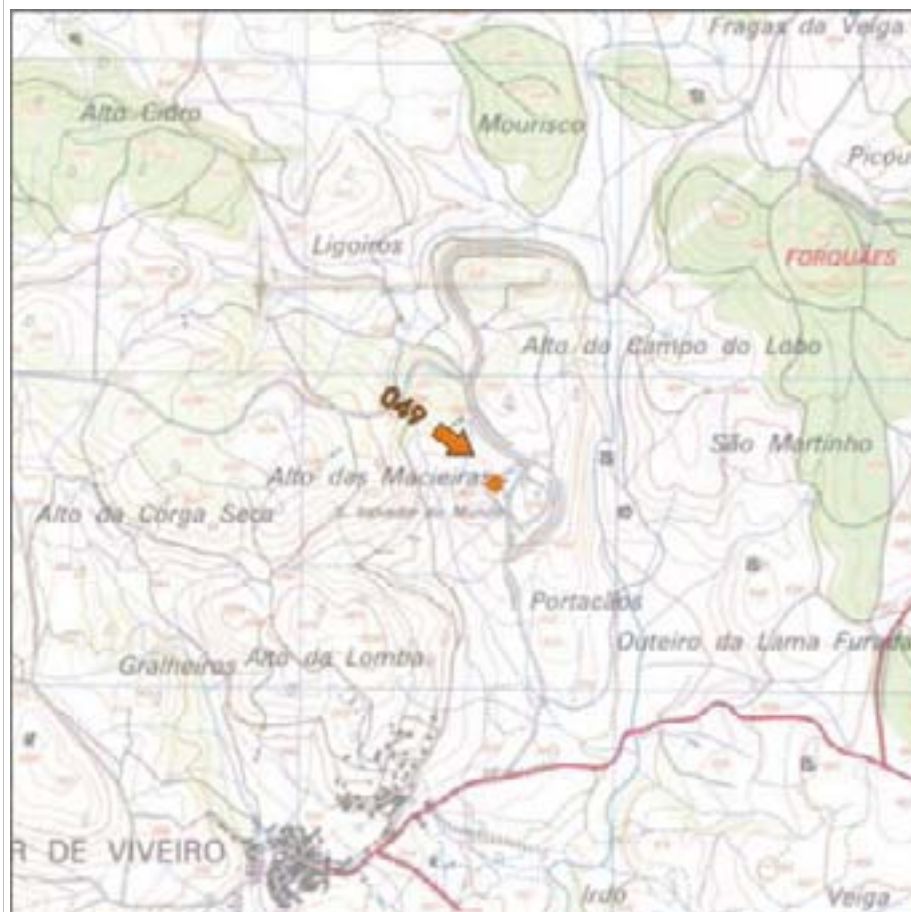
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Agentes Climáticos
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Medidas no sentido de proceder à adequada conservação da sepultura.Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Encosta

Local de Implantação Vertente Superior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do Rio Covas

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem

Restrito

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

17-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 50

Relação

1. Identificação

Nome Alto da Raposeira / Agrelos

Topónimo Alto da Raposeira / Agrelos

Tipo de Sítio / Monumento Tumulus

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Agrelos

Lugar 2

Bostofrio

Freguesia 1 São Salvador do Viveiro

Freguesia 2 Covas do Barros

Coordenadas : 1 UTM (X) 599.05

1 UTM (Y) 4612.45

Altitude 820

(X) 26696,5

(Y) 220734,5

Acessos Pela estrada R-311, virando no cesso à aldeia de Agrelos.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 A Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.45-4 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522

No cume de um outeiro cujo topónimo é Alto da Raposeira, a 820 metros de altitude, localizam-se dois monumentos tipo 'mamoá'. Num deles identificam-se bastantes elementos de pedra solta e fincada, que fariam parte da couraça pétreia e duas possíveis pontas de esteio. Tem um diâmetro de aproximadamente 11, e de altura máxima cerca de 1m. Este monumento tem a particularidade de ter uma mariola sobre ele. A cerca de 5m a Oeste do anterior, existe um segundo monumento com características idênticas, embora apresente mais elementos soltos e uma cratera de violação mais profunda. Tem um diâmetro aproximado de 10m.

7. Interpretação

Sepulcro sob tumulus.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	N/B
	Estilo Artístico

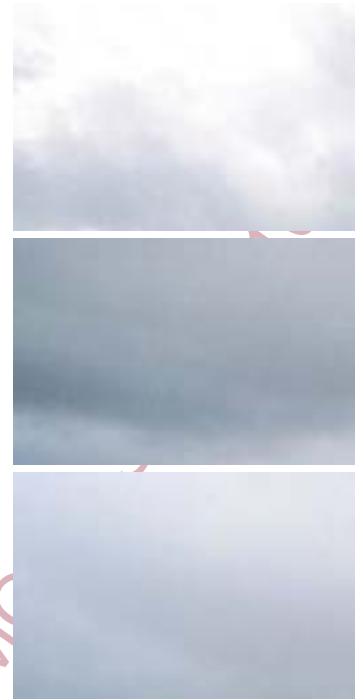
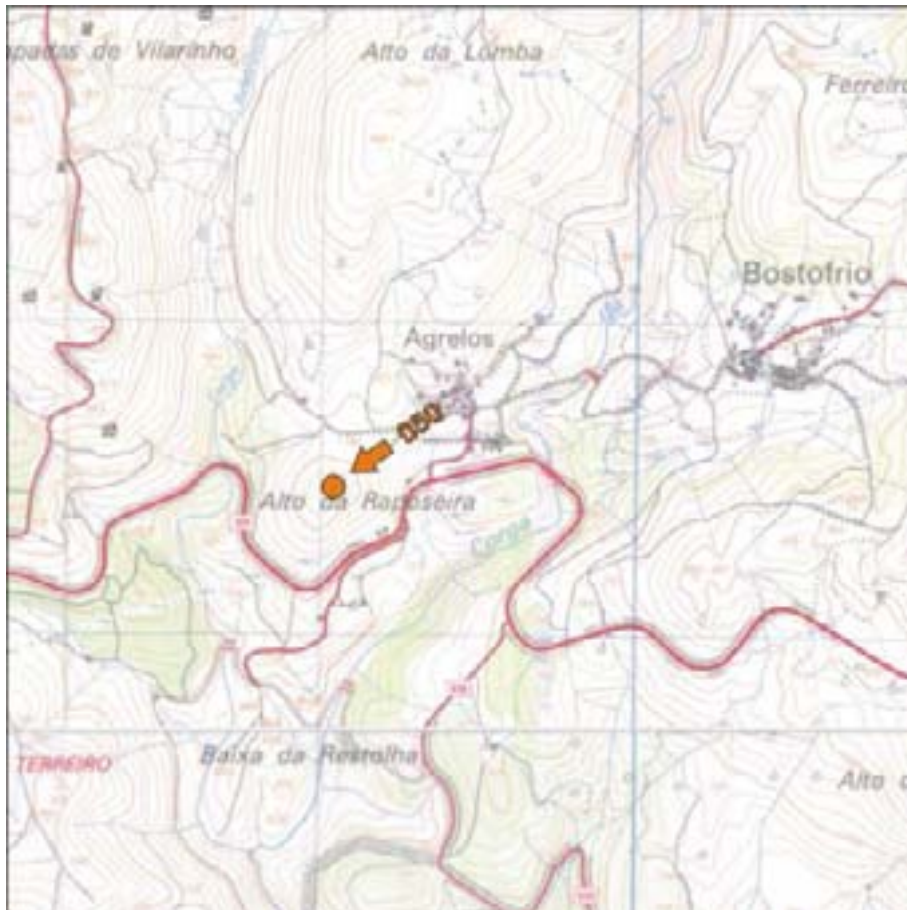
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vegetação
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Antrossolos áricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corga do rebordinho

Uso da Água Uso geral, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

18-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 51

Relação

1. Identificação

Nome Mamoa da Pedra do Sono Topónimo Pedra do Sono

Tipo de Sítio /Monumento Tumulus

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Alturas do Barroso Lugar 2 Coimbró

Freguesia 1 Alturas do Barroso

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 595.4

1 UTM (Y) 4616.1

Altitude 1195

(X) 23282,5

(Y) 224525,5

Acessos Pela EM 1035 em direcção a Alturas do Barroso, virando antes de lá chegar, na EM que dá acesso a Coimbró, virando posteriormente no estradão que dá acesso à Sra do Monte.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 A Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.45-3 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 525, 526, 527, 528

Na Serra das Alturas, junto do estradão florestal que liga Alturas do Barroso à Senhora do Monte, localiza-se um monumento tipo "mamoá", coberto por bastante vegetação arbustiva. Observam-se poucos elementos da couraça pétrea, bem como uma depressão central bastante ténue. Têm de diâmetro cerca de 10 metros e de altura máxima cerca de 70 centímetros. Não se observa qualquer esteio à superfície.

7. Interpretação

Sepulcro sob tumulus.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	N/B
	Estilo Artístico

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Chã

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corga da Ganidoira

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

18-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 52

Relação

1. Identificação

Nome Mamoa de Fornelos Topónimo Fornelos

Tipo de Sítio /Monumento Tumulus

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilarinho da Mó

Lugar 2

Carvalhelhos

Freguesia 1 Beça

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 605.85

1 UTM (Y) 4617.45

Altitude 817

(X) 33619

(Y) 225709

Acessos Pela estrada 1043, na direcção de Vilarinho da Mó, a partir de Carvalhelhos.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior 1958; Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-1 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 530, 531. 532, 535

Num relevo em esporão, sobranceiro ao Castro de Carvalhelhos, perto da E.M.1043, do lado esquerdo no sentido Carvalhelhos - Vilarinho da Mó, identifica-se um monumento tipo 'mamoá', coberto por vegetação arbustiva (carqueija e giestas). Observam-se bastantes elementos pétreos pertencentes à couraça, sendo na parte sul menos perceptível. Tem cerca de 1 metro de altura máxima e um diâmetro de aproximadamente 10 metros.

7. Interpretação

Sepulcro sob tumulus.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	N/B
	Estilo Artístico

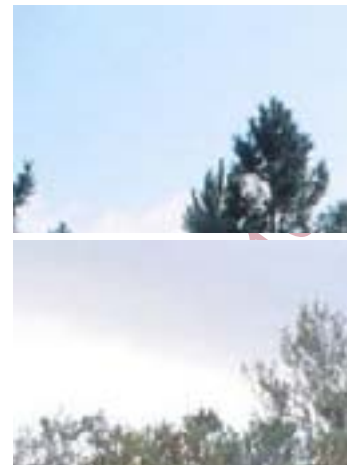
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vegetação
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 25-50%, separação entre 4 e 10 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluente do rio Beça

Uso da Água Uso geral, termal

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

19-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 53

Relação

1. Identificação

Nome Mamoa de Chã do Seixal Topónimo Chã do Seixal

Tipo de Sítio /Monumento Tumulus

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Atilhó Lugar 2 Alturas do Barroso

Freguesia 1 Alturas do Barroso

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 699.7

1 UTM (Y) 4619

Altitude 1070

(X) 27446

(Y) 227262

Acessos Pela estrada municipal 520, depois de Atilhó, à direita, perto do Alto do Seixal.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 A Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.45-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 536, 537, 538, 539

Na Chã o Seixal, junto a uma saibreira, perto da estrada 520, que estabelece a ligação entre Atilhó e Alturas do Barroso, identifica-se um monumento tipo "mamoá", com cerca de 80cm de altura máxima e 11m de diâmetro. Identificam-se poucos elementos pétreos pertencentes à couraça. Não se observou qualquer esteio, sendo a depressão central quase imperceptível. Não se identificou qualquer cerâmica à superfície.

7. Interpretação

Sepulcro sob tumulus.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	N/B
	Estilo Artístico

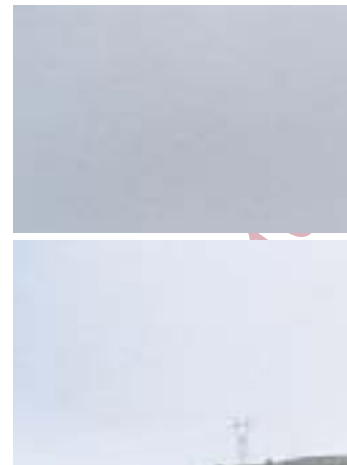
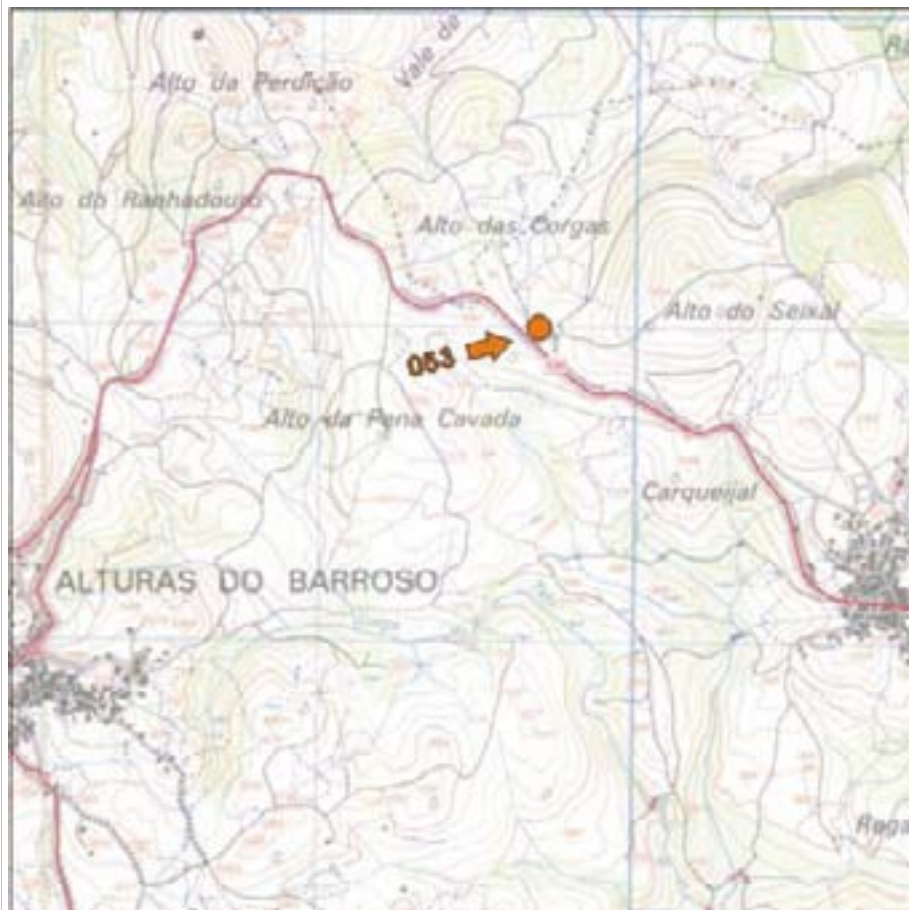
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Areiro
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Reduzido	Potencial Valorização	Reduzido
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações É necessário ter especial atenção à actividade da saibreira que lhe está nas proximidades.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Chã

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Nascentes, rios aluentes do Rabag

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

19-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 54

Relação

1. Identificação

Nome Gravuras de Quilhoso/ Penedos dos Lobos Topónimo Arte Rupestre
Tipo de Sítio /Monumento Arte Rupestre
Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilar Lugar 2 Campos
Freguesia 1 Vilar Freguesia 2
Coordenadas : 1 UTM (X) 605.15 1 UTM (Y) 4611.85 Altitude 890
(X) 32914 (Y) 220181
Acessos Pela estrada R-311 até Vilar, passando um estradão, junto a criação de gado até limite do concelho.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000 Carta geográfica 2 Escala
Carta Geológica Escala Ortofotomapa Orto fl.46-3 Escala 1:10 000
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 Escala 1:100 000
Fotos 540, 541, 542

No termo das freguesias de Vilar e de Canedo, identificou-se um rochedo granítico com aproximadamente 3,50m de comprimento por 2,80 de largura e cerca de 1,80m de altura. O rochedo apresenta duas cruzeiras de grandes dimensões gravadas recentemente com rebarbadeira. Identificaram-se bastantes covinhas e alguns sulcos bastante largos e fundos. As rochas que a circundam, apresentam também algumas covinhas isoladas, bem como marcas de erosão. As rochas encontram-se do lado direito do estradão.

7. Interpretação

Gravuras rupestres, de cronologia e contexto desconhecidos. As cruzeiras recentes poderão ter sido feitas para assinalar os limites das freguesias.

8. Cronologia e Classificação

Ano		Século	
Milénio		Cronologia Relativa	??
Período Cultural	IND	Estilo Artístico	

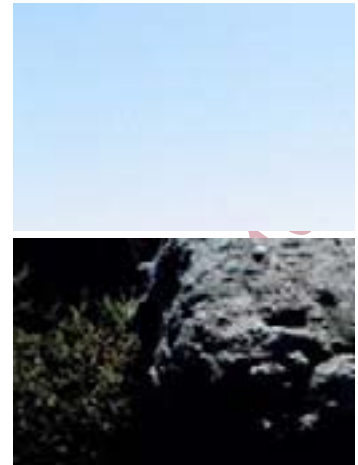
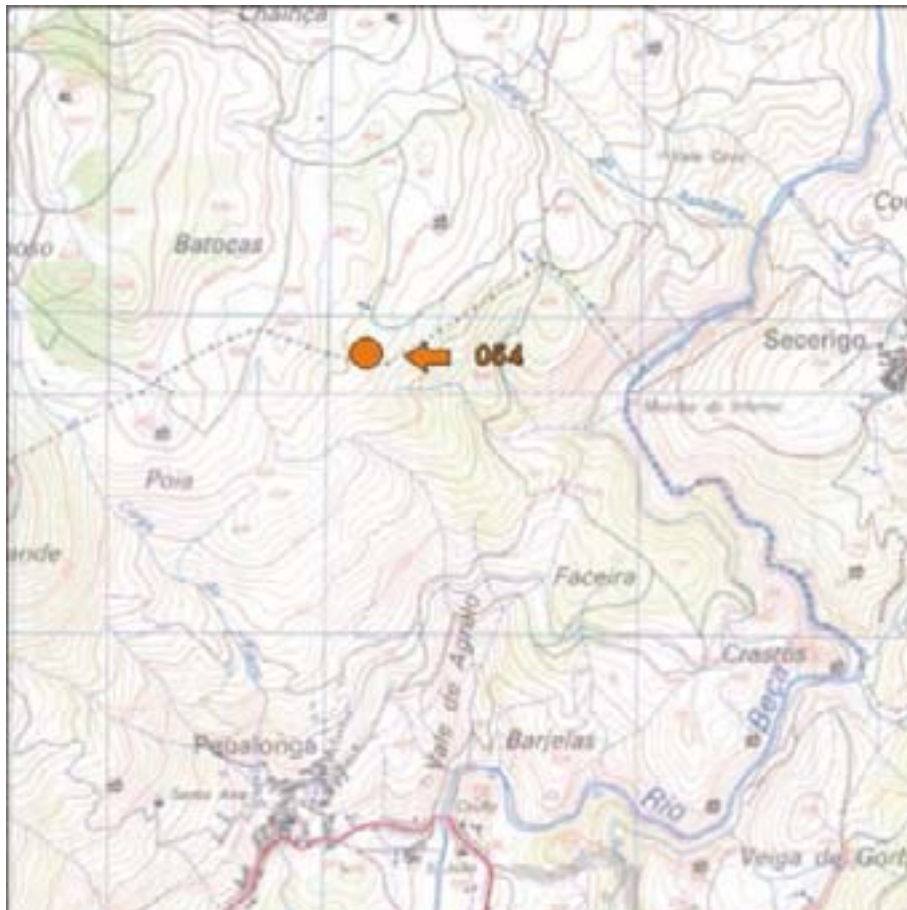
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Erosão Eólica
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Encosta

Local de Implantação Vertente Superior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Beca

Uso da Água uso geral, Irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário Agricultura

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

24-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 55

Relação

1. Identificação

Nome Necrópole? de Lageado/ Casa dos Arcos Topónimo Lageado/Casa dos Arcos

Tipo de Sítio /Monumento Necrópole

Classificado

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Bobadela

Lugar 2

Nogueira

Freguesia 1 Bobadela

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 614.95

1 UTM (Y) 4621.2

Altitude 600

(X) 42746,5

(Y) 229326,5

Acessos Pela estrada N 103, virando na EM 527, até Bobadela, subindo em rua à esquerda depois da Igreja.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 543, 544, 545, 546

No centro da aldeia de Bobadela, no denominado Largo do Santo, referencia-se a existência de sepulturas correlacionadas com a casa de fachada esculpida (friso decorado com algumas carrancas e pequenas gárgulas, e inscrição sob o friso, de tipologia moderna).

7. Interpretação

Necrópole medieval ?

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	MI
	Estilo Artístico

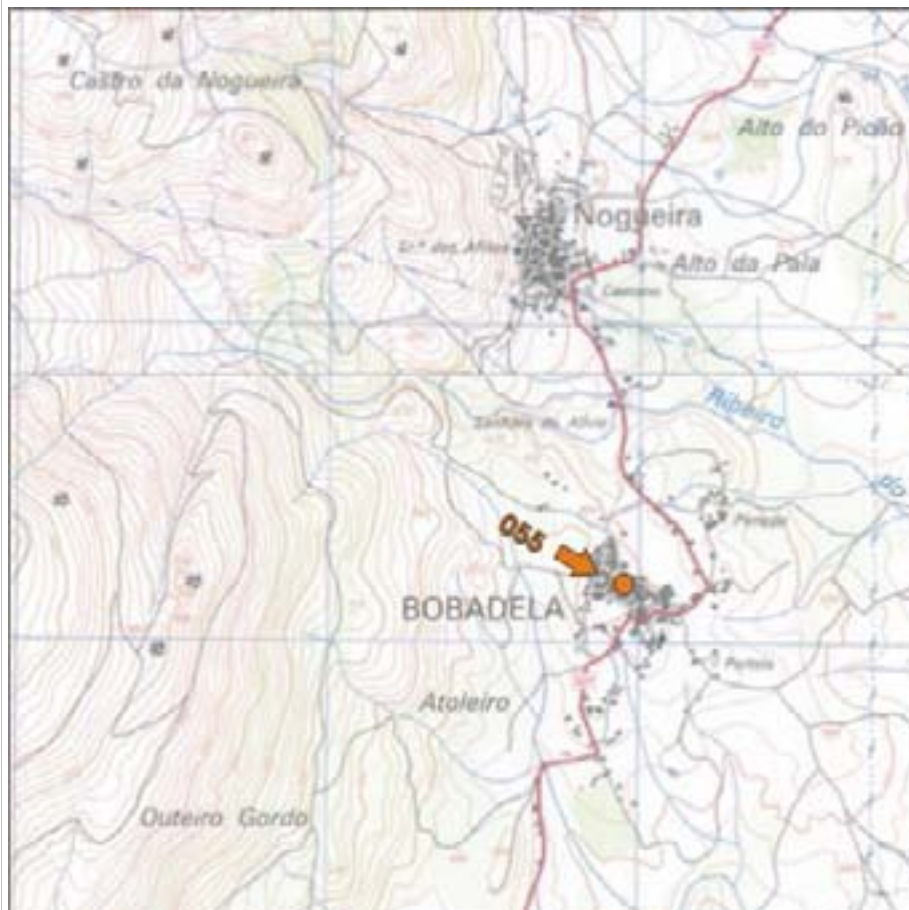
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Construção Civil
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Seria aconselhável a recuperação da casa e averiguação da existência de sepulturas.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações A habitação, per si, merecia ser recuperada.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Vertente Superior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos

Edafologia

Tipo de Solo

Cond. Sedimentação

Cond. Erosão

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Terva

Uso da Água Uso geral, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária

Secundária

Terciária

Uso de Solo

Primário

Secundário

Terciário

Inculto Sim

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Mau

Enquadramento da Paisagem

Restrito

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

24-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 56

Relação

1. Identificação

Nome Alto do Crasto/Castelo dos Mouros (Vilar) **Topónimo** Alto do Crasto/Castelo dos Mouros (Vilar)
Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado
Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilar **Lugar 2** Codeçoso
Freguesia 1 Vilar **Freguesia 2**
Coordenadas : 1 UTM (X) 605.95 1 UTM (Y) 4613.8 **Altitude** 810
(X) 33685 (Y) 222033
Acessos Pela estrada R-311 até Vilar, virando em estradão à esquerda, que passa em terrenos agricultados.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 **Escala** 1:25 000 **Carta geográfica 2** **Escala**
Carta Geológica **Escala** **Ortofotomapa** Orto fl.46-3 **Escala** 1:10 000
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 **Escala** 1:100 000
Fotos 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555

Num cabeço rochoso, no meio de campos agrícolas a leste da aldeia de Vilar, entre duas linhas de água, próximo da sua confluência com o rio Beça, localiza-se um povoado fortificado de pequenas dimensões, com cerca de 1 ha. O sistema defensivo é constituído por duas linhas de muralha/taludes, de pequeno perímetro, sendo a primeira bastante visível, nomeadamente o seu derrube de grandes dimensões. A segunda linha de muralha, paralela à primeira, somente é perceptível dos lados Norte e Este. É relatada a identificação de vestígios de habitações nas plataformas interiores do recinto (Fontes, 1992), todavia a densa vegetação impediu a sua identificação. Não foi possível recolher cerâmica à superfície, devido à vegetação que cobre todo o povoado.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF	Inícios do I mil. a.C., finais do I mil a.C.

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Razoável	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Beca

Uso da Água Uso geral, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário Agricultura

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

24-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 57

Relação

1. Identificação

Nome Povoado de Santa Bárbara Topónimo Santa Bárbara

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Aberto

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Codeçoso

Lugar 2

Secerigo

Freguesia 1 Covas do Barroso

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 229.5

1 UTM (Y) 518.8

Altitude 790

(X) 36178,5

(Y) 221137,5

Acessos Pela estrada N-312, em direcção a Ribeira de Pena, virando à direita, junto à capela de Sta Bárbara.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-3 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 556, 557, 558, 559, 560

A sudoeste de Codeçoso, junto à EN 312, nos terrenos agricultados em redor da Capela de Santa Bárbara, localizada na veiga de Codeçoso, recolhem-se alguns fragmentos de tegulae e ímbrice. Foram identificados alguns elementos afeixoados integrados nos muros divisórios das propriedades. Todos os vestígios se encontram dispersos por uma área de 2 ha.

7. Interpretação

Ocupação romana, sem que se consiga estabelecer a tipologia do aglomerado.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século		
Milénio	Cronologia Relativa		Séc.IIa.C., inícios do séc.V
Período Cultural	RI	Estilo Artístico	

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Agricultura
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações Tal como é referido em Fontes 1992, A. Lereno Barradas refere Sta Barbara como local de passagem de uma via romana, sem aludir a qq vestígio arqueológico. (Barradas 1956)

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Nula

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Beca

Uso da Água Irrigação, uso comum

Cobertura Vegetal

Primária Herbácea

Secundária Arbustiva

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

24-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 58

Relação

1. Identificação

Nome Povoado de S. Martinho Topónimo S. Martinho

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Aberto

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Covas do Barroso Lugar 2 Agrelas

Freguesia 1 Covas do Barroso

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 600.4

1 UTM (Y) 4610.8

Altitude 690

(X) 28068,5

(Y) 219077

Acessos Pela estrada EM 519, depois de Covas de Barroso, à direita no sentido Covas/R-311.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.59 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.59-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568

A Oeste da aldeia de Covas do Barroso, perto da estrada 519, existe um núcleo de habitações em ruína, dispersas por uma área de aproximadamente 2 há. Duas delas revelam indícios de reocupação, pois foram-lhes reconstruídos telhados. Não foram identificados vestígios de qualquer templo, mas existe um recinto murado, sobrelevado, que a população designa por "terra da capela", que poderá corresponder a um local de culto. É de notar a marca de rodados de veículos de tração animal nos caminhos da aldeia.

7. Interpretação

Povoado moderno que terá sido abandonado por razões desconhecidas, atribuindo a tradição oral esse abandono a um surto de peste. A ocupação do espaço poderá remontar ao período medieval.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século		
Milénio	Cronologia Relativa		Séc.XVI, Séc.XVIII
Período Cultural	MD	Estilo Artístico	

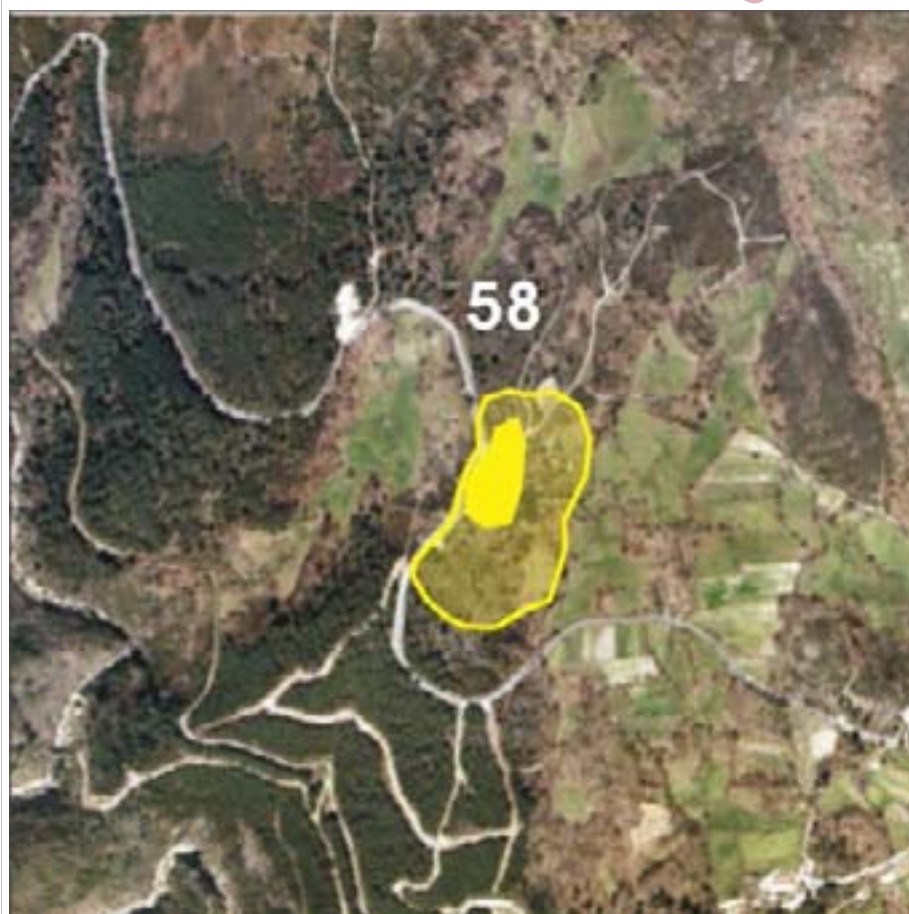
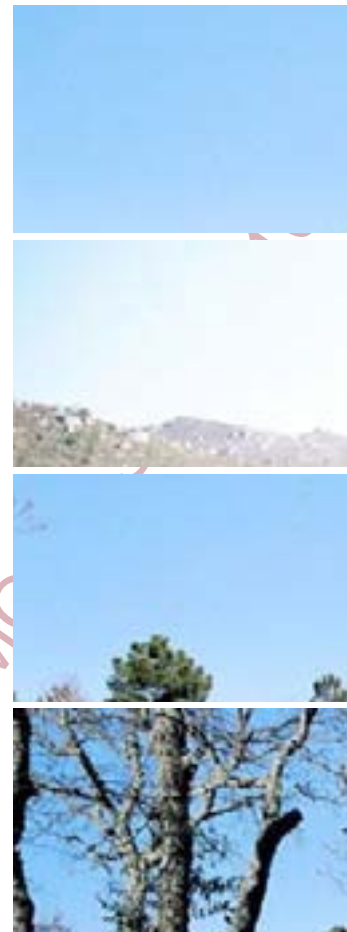
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vegetação
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações O seu aproveitamento para fins turísticos poderá ser uma hipótese para a revitalização do espaço.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Alvéolo

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 25-50%, separação entre 4 e 10 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos/Antrossolos áricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluente do rio Covas

Uso da Água Irrigação, Uso Comum

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Restrito

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

25-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 59

Relação

1. Identificação

Nome Serra de Alijó Topónimo Serra de Alijó

Tipo de Sítio /Monumento Achado Isolado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Alijó

Lugar 2

Muro

Freguesia 1 Covas do Barroso

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 603.35

1 UTM (Y) 4608.6

Altitude 757

(X) 30989.5

(Y) 216831

Acessos Pela estrada R-311, virando na EM-519, no sentido de Covas do Barroso. Depois de Covas do Barroso, pela EM 1047, no sentido de Alijó.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Fortes 1902; Cardozo 1960

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.59 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.59-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 569, 570, 571

A Sudoeste da aldeia de Covas do Barroso na divisão dos termos de Covas/Boticas e Alijó/Ribeira de Pena, foi encontrado um escopro de cobre, que está depositado no Museu da Sociedade Martins Sarmento. Não há quaisquer outras indicações sobre o achado.

7. Interpretação

Escopro de cobre de tipologia datável da Pré-História Recente. Achado isolado, não se conhecendo qualquer outro vestígio contextualizador.

8. Cronologia e Classificação

Ano		Século	
Milénio		Cronologia Relativa	??
Período Cultural	IND	Estilo Artístico	

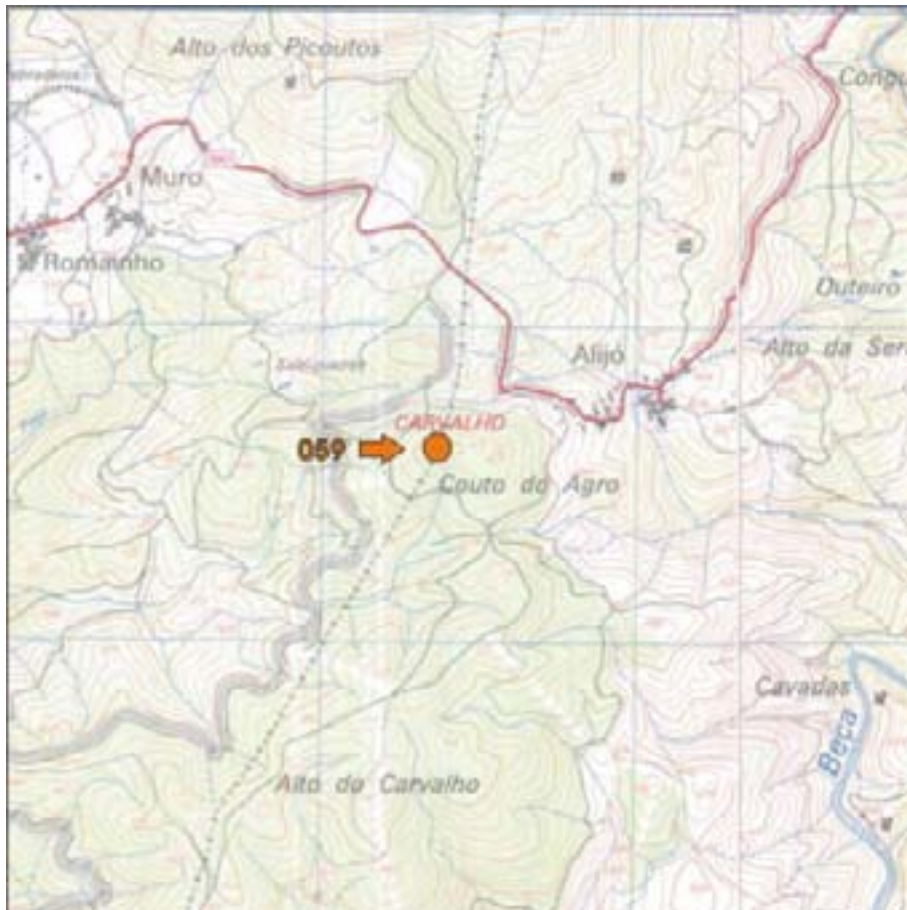
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco		Factor de Risco	
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Prospecção intensiva do local para verificar a existência de mais vestígios.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito	Museu da Sociedade Martins Sarmento
-------------------	-------------------------------------

Observações	
-------------	--

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Cumeada

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptossolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do Corgo do corgo do Fojo

Uso da Água Uso Geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Silvicultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

25-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 60

Relação

1. Identificação

Nome Alto do Coto ou Coto de Carvalhelhos/Minas de Carvalhelhos
Topónimo Alto do Coto ou coto de Carvalhelhos/Minas de Carvalhelhos
Tipo de Sítio /Monumento Mina
Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Carvalho
Freguesia 1 Beça
Coordenadas : 1 UTM (X) 605.1; 604.95
(X) 32698; 32722
Lugar 2 Carvalhelhos
Freguesia 2
1 UTM (Y) 4616; 4616. 55
(Y) 224292; 224820
Altitude 850; 900
Acessos Pela estrada 520, depois da saída de Carvalhelhos, antes de virar para Carvalho.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior 1973; Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 **Escala** 1:25 000
Carta Geológica CGP fl. 6 B **Escala** 1: 50 000
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 **Escala** 1:100 000
Fotos 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579

Na encosta sudoeste de Carvalhelhos e a Nordeste de Carvalho, perto da EM 520, identificam-se profundas cortas mineiras, preferencialmente no sentido Norte/Sul, bem como a entrada para uma galeria, vedada por um portão. A exploração abrange uma área de aproximadamente 13 ha.

7. Interpretação

Trata-se de uma exploração mineira que esteve activa até ao terceiro quartel do séc.XX, admitindo-se que possa ter conhecido uma exploração mais antiga, em época romana e medieval.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa Séc.II a.C.Séc. XX
Período Cultural RMC	Estilo Artístico

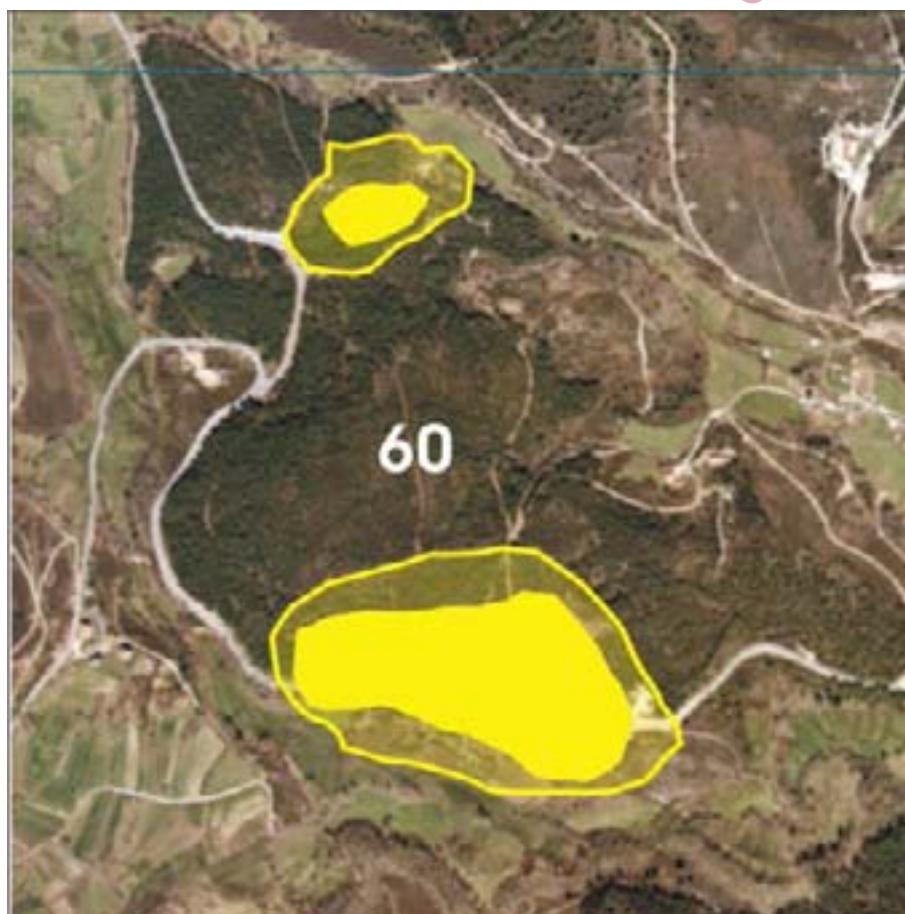
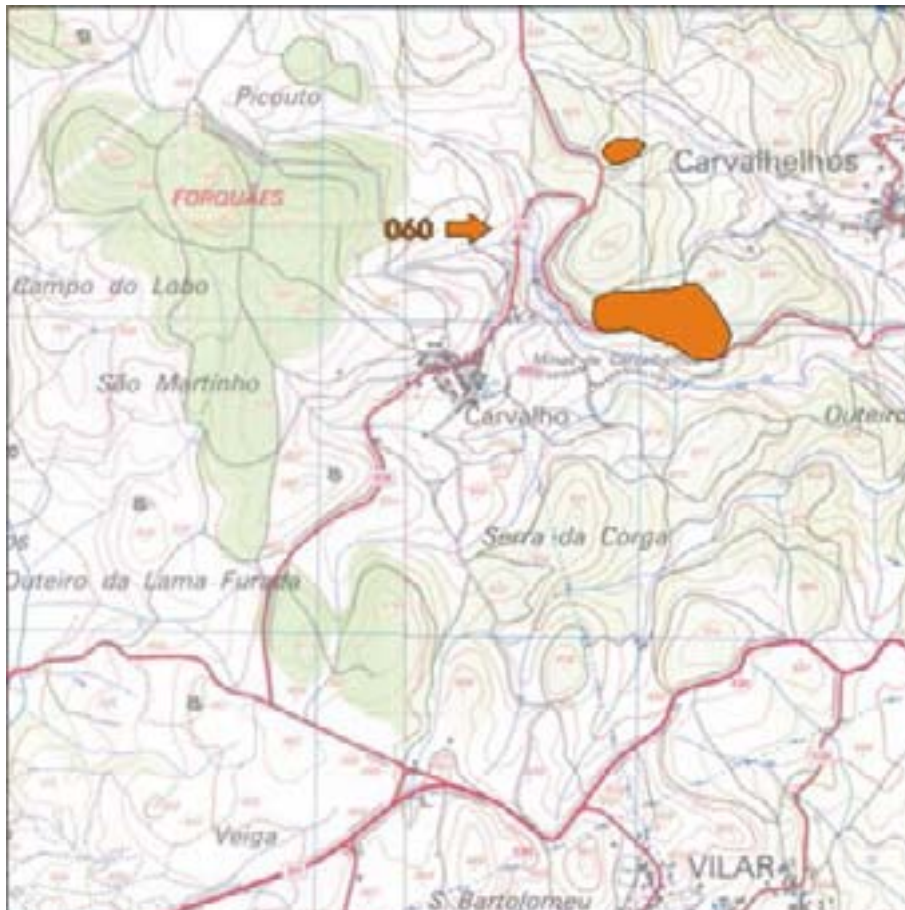
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Vegetação
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Criação de zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Encosta

Local de Implantação Vertente Superior

Geologia

Substrato Geológico Xisto

Afloramentos 25-50%, separação entre 4 e 10 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Aluvial moderada/
Antrópica

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Beca

Uso da Água Uso geral, mineração

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Silvicultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

25-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 61

Relação

1. Identificação

Nome Via de Esculca Topónimo Esculca

Tipo de Sítio /Monumento Via

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Beça

Lugar 2

Quintas

Freguesia 1 Beça

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 608.45

1 UTM (Y) 461625

Altitude 830

(X) 36208,5

(Y) 224468

Acessos Pela estrada EM 529 em direcção a Beça, virando à direita, junto à igreja.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Barradas 1956; Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-3 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586

Via de passagem natural no sentido NO/SE, a SE de Beça, na zona conhecida por Esculca.

7. Interpretação

Segundo A. Leren Barradas (Barradas 1956), por aqui passaria uma variante da via romana de Braga a Chaves. Todavia, não se identifica qualquer vestígio arqueológico que confirme esta passagem.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
RI	Séc.II a.C., inícios do séc.V

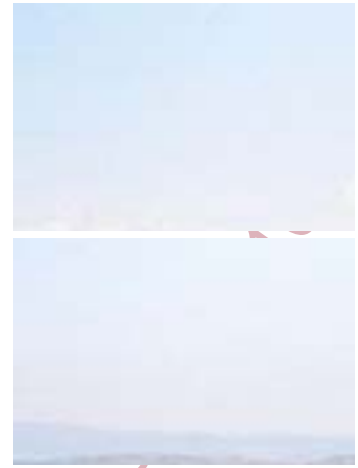
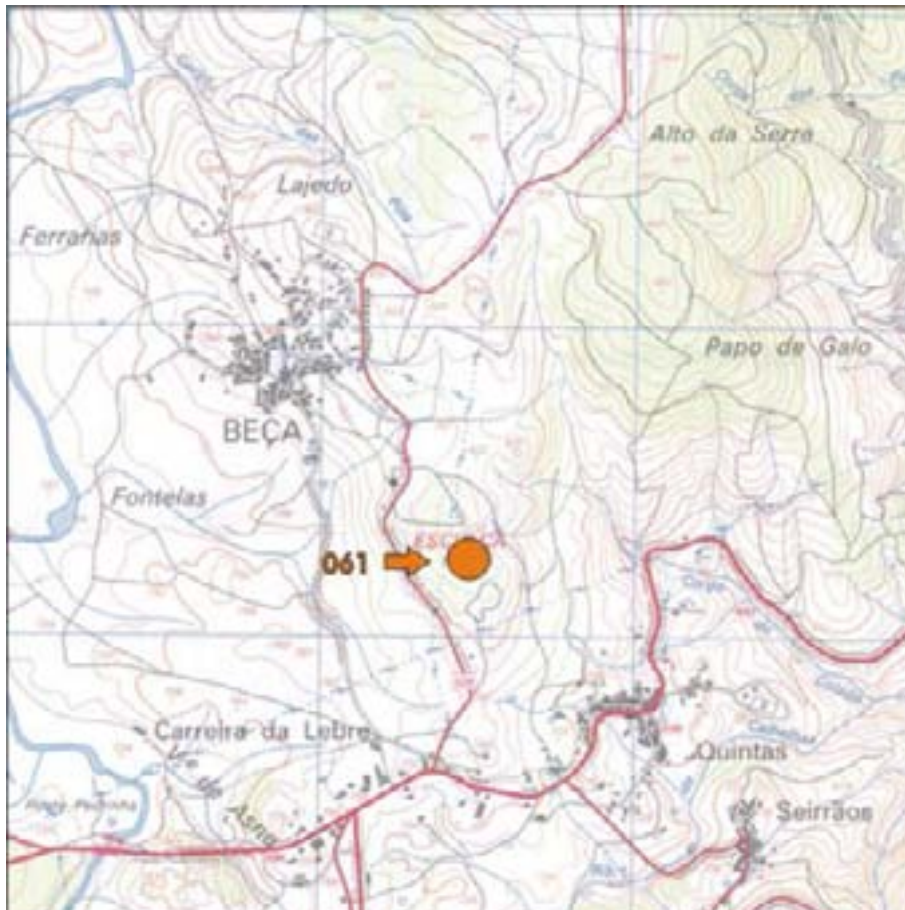
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	?	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Prospecção intensiva do local, de modo a averiguar com mais clareza esta hipótese.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Vertente Inferior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corgo do colado e afluentes do rio Bec

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via Portela

Orientação NO/SE

Aproveitamento Pé Posto

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

25-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 62

Relação

1. Identificação

Nome Folgueira (vertente) Topónimo Folgueira (vertente)

Tipo de Sítio /Monumento Achado Isolado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Sapiãos

Lugar 2

Bobadela

Freguesia 1 Sapiãos

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 613.45

1 UTM (Y) 4619.55

Altitude 550

(X) 41409

(Y) 227604

Acessos Pela estrada N-103, depois de Sapiãos, à esquerda.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior et alii 1986; Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 587, 588, 589

Na vertente sudoeste da Serra do Leiranco, a algumas centenas de metros para nascente do Castro do Muro ou Casas dos Mouros (...), foi encontrado um machado de pedra polida.

7. Interpretação

Trata-se de um achado isolado que poderá indiciar um assentamento da Pré-História Recente.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa Meados do III mil. a.C., inícios do I mil a.C
Período Cultural IB	Estilo Artístico

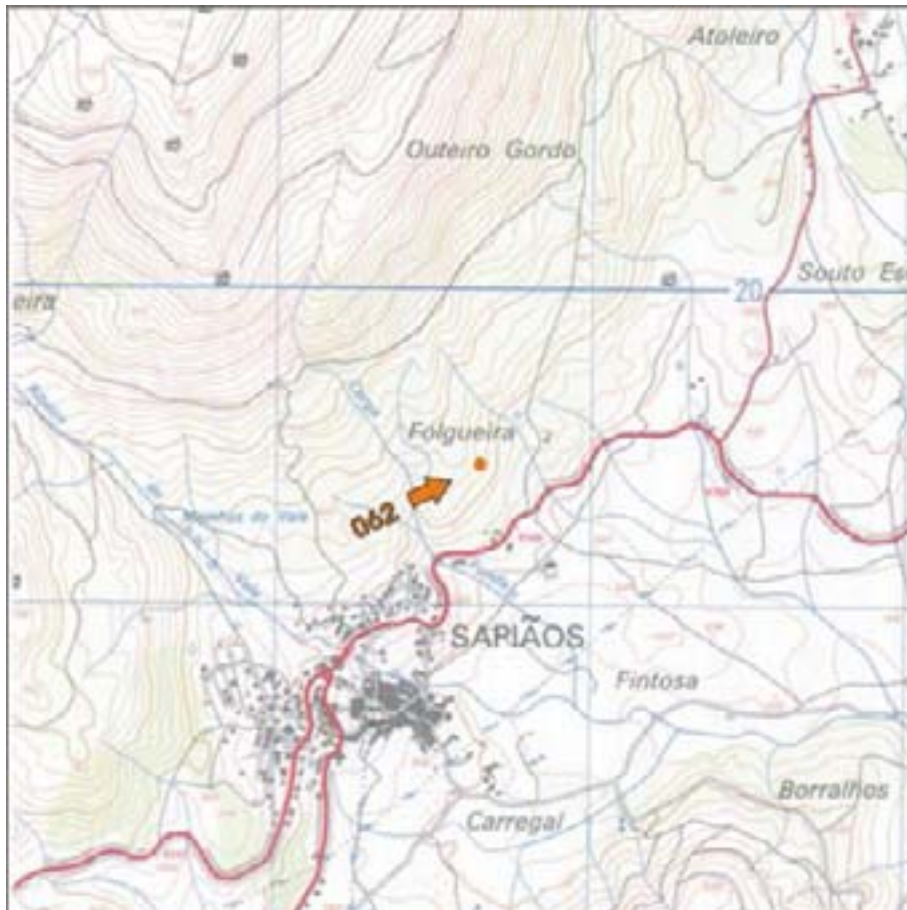
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	?	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Prospecção intensiva de modo a confirmar a existência do povoado.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Encosta

Local de Implantação Vertente Inferior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corga Funda

Uso da Água Uso Geral, Agricultura

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Silvicultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

25-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 63

Relação

1. Identificação

Nome Castro do Alto da Coroa/ Naia / Rio Mau **Topónimo** Castro do Alto da Coroa/ Naia / Rio Mau
Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado
Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Codeçoso **Lugar 2** Secerigo
Freguesia 1 Codessoso **Freguesia 2**
Coordenadas : 1 UTM (X) 608.45 1 UTM (Y) 4612.2 **Altitude** 840
(X) 36107 (Y) 220431,5
Acessos Pela estrada N-312, em direcção a Ribeira de Pena, depois da capela de Sta Bárbara virar à esquerda.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior 1982; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; Silva 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I * Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 **Escala** 1:25 000 **Carta geográfica 2** **Escala**
Carta Geológica **Escala** **Ortofotomapa** Orto fl.46-3 **Escala** 1:10 000
Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6 **Escala** 1:100 000
Fotos 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600

Num esporão cónico que domina as nascentes da Corga do Monte Meã, sobranceiro à estrada 312, identificam-se ruínas de um duplo fosso de perímetro sub-circular, nos lados Este e Norte seguido de um talude de terra e cascalho, abrangendo uma área total de aproximadamente 2 ha. Não foi recolhido qualquer material, mas referencia-se o achado de tegulae, de cerâmica micácea indígena e de escórias de fundição de ferro, na plataforma interior.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Apresenta indícios de romanização e de actividade metalúrgica.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	Estilo Artístico
IF/R	Inícios do I mil a.C., inícios do séc. V

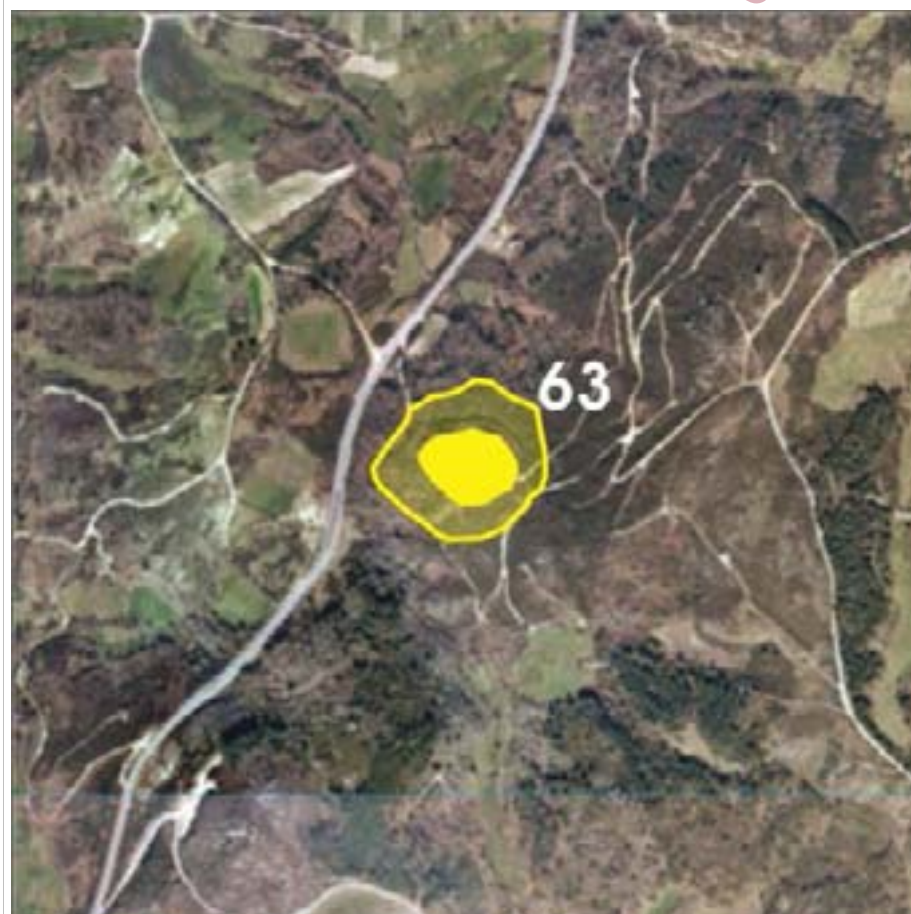
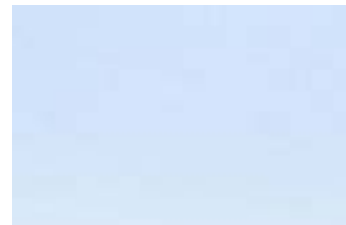
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Mau	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Rede Viária
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Criação de uma zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações Nota um estradão pra recolha de mato, cortou parte do fosso do povoado a SE.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Xisto

Afloramentos 10-25%, separação entre 10 e 35 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluentes do rio Beca

Uso da Água uso geral, agricultura

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Arbórea

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

26-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 64

Relação

1. Identificação

Nome Gravuras do Quilhoso Topónimo Quilhoso

Tipo de Sítio /Monumento Arte Rupestre

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilar

Lugar 2

Campos

Freguesia 1 Vilar

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 605.15

1 UTM (Y) 4612.6

Altitude 920

(X) 32838

(Y) 220893

Acessos Pela estrada R-311, em direcção a Vilar. Na aldeia, por estradão que passa junto a uma exploração de gado.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-3 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 602, 603, 604

Na encosta de um pequeno outeiro, a sudoeste da aldeia de Vilar, na margem direita da parte inicial do corgo do Assobrigo, identificou-se um grande rochedo granítico, isolado e sobranceiro a um lameiro, que tem cerca de 7 metros de comprimento por 4 de largura e 2 metros de altura. Este rochedo tem no topo duas gravuras em forma de "pegada", perpendiculares uma à outra.

7. Interpretação

Gravuras rupestres, cuja cronologia e contexto são desconhecidas.

8. Cronologia e Classificação

Ano		Século	
Milénio		Cronologia Relativa	??
Período Cultural	IND	Estilo Artístico	

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Erosão Eólica
Interesse Científico	14	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Criação de uma zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Vale

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Vertente Superior

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 0-10%, separação entre 35 e 100 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corgo do Assobrigo

Uso da Água uso geral, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária

Secundária

Terciária

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário Agricultura

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

26-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 65

Relação

1. Identificação

Nome Castro de Lavradas- Lama Chã Topónimo Lavradas- Lama Chã

Tipo de Sítio /Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Lama Chã

Lugar 2

Lavradas

Freguesia 1 Beça

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 603.45

1 UTM (Y) 4619.45

Altitude 1000

(X) 31220

(Y) 227677

Acessos Seguir a estrada no sentido Lavradas/ Lamachã, virando à direita em estradão, depois de uma exploração de gado.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Barreiros 1915; Barreiros 1919-1920; Júnior 1967-1968; Silva 1986; Fontes 1992

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.45

Escala 1:25 000

Carta geográfica 2

Escala

Carta Geológica CGP fl. 6 A

Escala 1: 50 000

Ortofotomapa Orto fl.45-2

Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619

Num outeiro densamente arborizado, no termo das aldeias de Lavradas/Boticas e Lamachã/Montalegre, identificam-se ruínas de um povoado fortificado em bom estado de conservação, que se estende por uma área de 2 ha, estando parte do povoado em Montalegre. O seu sistema defensivo é contituído por três muralhas circundantes e um fosso de consideráveis dimensões. As muralhas já estiveram mais visíveis, sendo descritas como possuindo um excelente aparelho poligonal. Apesar da vegetação abundante, percebem-se derrubes de grandes dimensões. Nas plataformas, foram identificados bastantes vestígios de habitações. Não foi recolhida cerâmica, devido à densa vegetação.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	IF
	Estilo Artístico

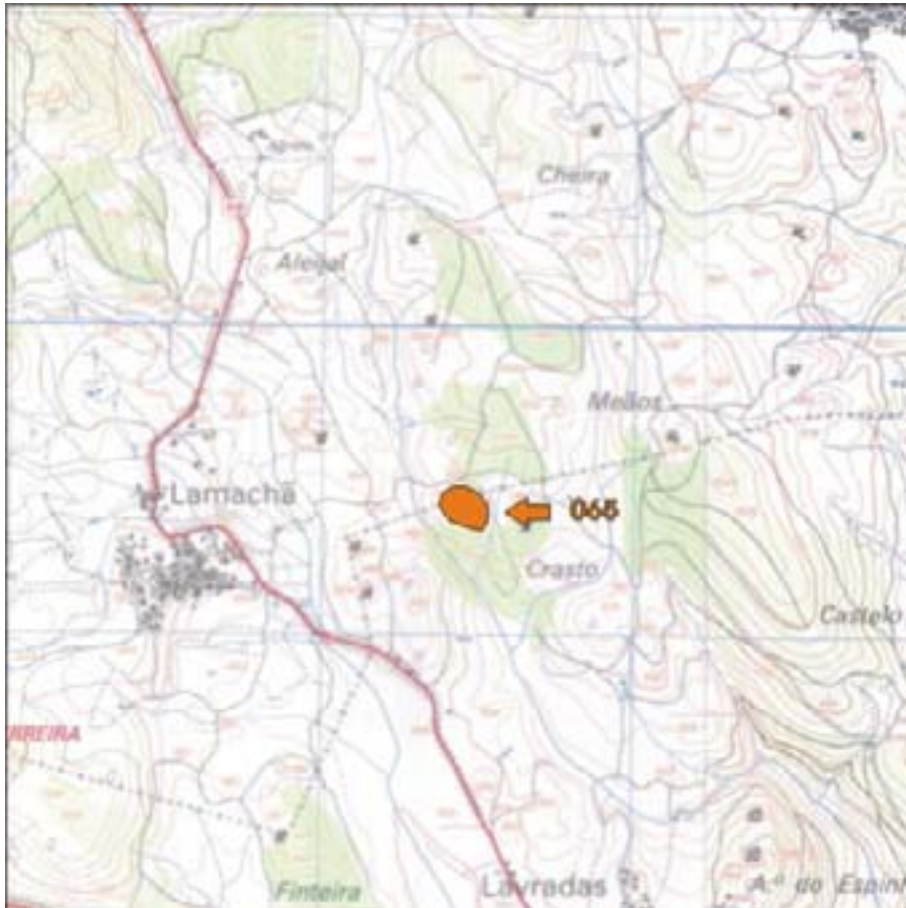
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Muito Bom	Classe de Risco	Elevado	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	17	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Elevado
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de protecção e projecto de estudo e valorização do povoado.				
Proposta de Classificação	Imóvel de Interesse Público				

Local de Depósito

Observações O estradão que passa no sopé do castro, se alargado, pode constituir uma ameaça.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Colina / Outeiro

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptosolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Afluente do Rio Beça

Uso da Água Uso geral, irrigação

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Pastorícia

Secundário Agricultura

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

27-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 66

Relação

1. Identificação

Nome Castro de Ervas Ruivas / Areais Topónimo Ervas Ruivas / Areais

Tipo de Sítio / Monumento Povoado Fortificado

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Lousas Lugar 2 Gondiaes

Freguesia 1 Dornelas

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 597.75

1 UTM (Y) 4607.45

Altitude 570

(X) 25437

(Y) 215807,5

Acessos Pela estrada R-311, virando no sentido de Dornelas, antes de chegar à povoação de Lousas, virar em estradão à esquerda.

4. Fontes e Referências

Inédito Não

Manuscritos

Impressos Júnior 1982; Júnior et alii 1983; Martins 1984a; Júnior et alii 1986; *Martins 1989; Fontes 1992; *Queiroga 1992; *Martins 1999; Silva e Centeno 2000

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia VER APÊNDICE I

* Não consultado

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.59 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.59-2 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 59, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630

Num relevo em esporão, sobranceiro à ribeira de Lousas, a Sudoeste da aldeia de Lousas, identificam-se ruínas de duas linhas de muralhas circundantes, abarcando uma área de aproximadamente 1 ha. Da primeira muralha, resta um grande derrube que se prolonga pela zona do cume, sendo bem visível um dos paramentos, de aparelho poligonal irregular de blocos de xisto, numa extensão considerável. Da segunda muralha, poucos metros abaixo da primeira, identifica-se um pequeno troço com aproximadamente 1m de altura, estando o restante oculto por densa vegetação.

7. Interpretação

Trata-se de um povoado fortificado característico da Idade do Ferro, vulgarmente designado como castro. Não apresenta indícios de romanização.

8. Cronologia e Classificação

Ano	Século
Milénio	Cronologia Relativa
Período Cultural	IF
	Estilo Artístico

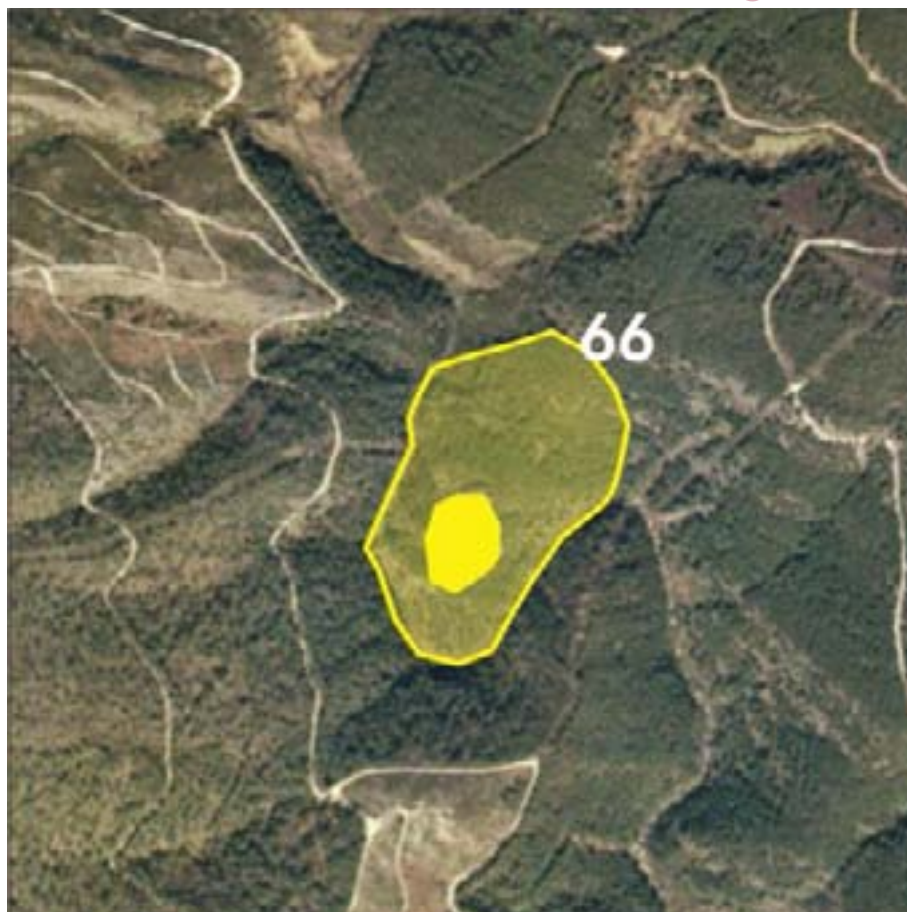
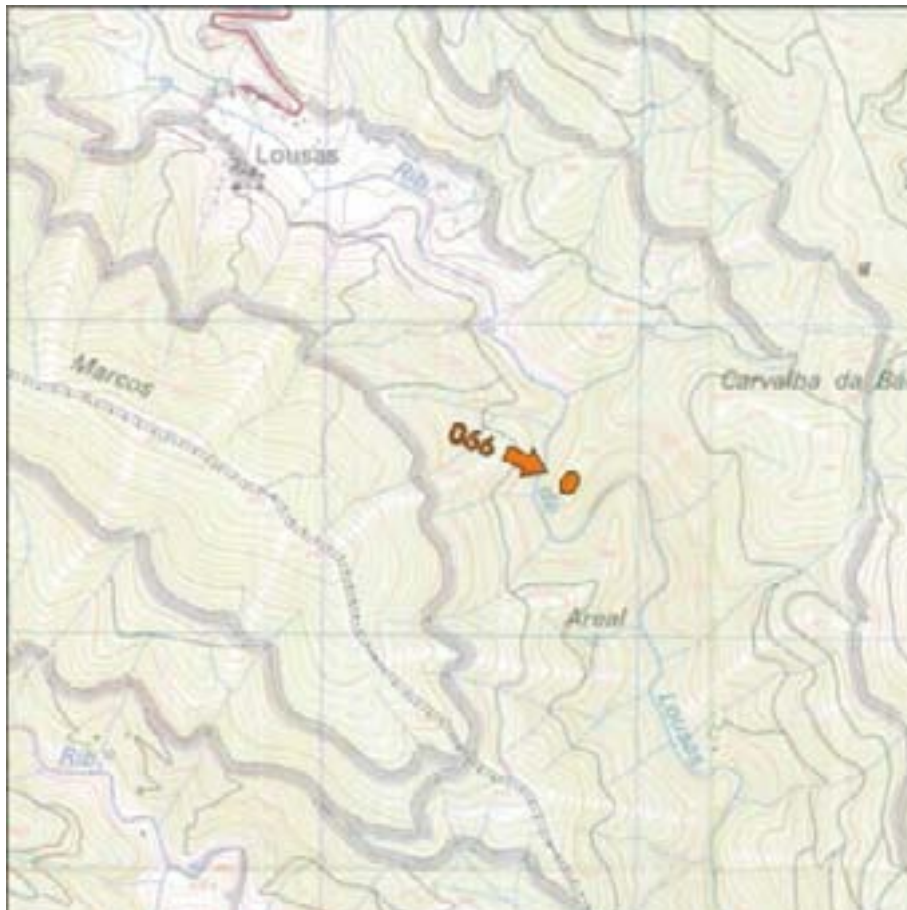
9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Florestação
Interesse Científico	16	Valor Patrimonial	Elevado	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Delimitação de uma zona de protecção				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações O sítio arqueológico é de difícil acesso.

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Esporão

Local de Implantação Cumeada e Meia Vertente

Geologia

Substrato Geológico Xisto

Afloramentos +50%, separação < 4 m

Edafologia

Tipo de Solo Leptossolos úmbricos

Cond. Sedimentação Nula

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água ribeira de Lousas

Uso da Água Uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbórea

Secundária Arbustiva

Terciária Herbácea

Uso de Solo

Primário Silvicultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Bom

Enquadramento da Paisagem Amplo

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

28-01-2005

Revisor

Luis Fontes

Data

27-04-2005



Universidade do Minho
Unidade de Arqueologia

Revisão do Inventário Arqueológico do Concelho de Boticas

Nº de Sítio 67

Relação

1. Identificação

Nome Gravuras de Chainça Topónimo Chainça

Tipo de Sítio /Monumento Arte Rupestre

Classificado Não

2. Propriedade

Proprietário

Contacto

3. Localização

Lugar 1 Vilar

Lugar 2

Campos

Freguesia 1 Vilar

Freguesia 2

Coordenadas : 1 UTM (X) 605.35

1 UTM (Y) 4612.85

Altitude 890

(X) 33074

(Y) 221065

Acessos Pela estrada R-311, até Vilar, depois da aldeia, por estradão, que passa junto a exploração de gado.

4. Fontes e Referências

Inédito Sim

Manuscritos

Impressos

Informações Orais

Decretos de Classificação

Bibliografia

5. Documentação Gráfica

Carta Geográfica 1 CMP fl.46 Escala 1:25 000

Carta geográfica 2 Escala

Carta Geológica Escala

Ortofotomapa Orto fl.46-3 Escala 1:10 000

Outra Carta dos Solos do Noroeste de Portugal fl.6

Escala 1:100 000

Fotos 601, 632, 633, 634, 635

A sul da aldeia de Vilar, próximo de estradão, numa zona de suave declive, sobranceira a um lameiro, foi identificado um afloramento granítico com cerca de 1,30m de altura, 3m de largura e 3,80m de comprimento. Na zona superior apresenta inúmeras covinhas de pequenas e médias dimensões, muito próximas umas das outras. Apesar de o afloramento se encontrar repleto de musgo, as covinhas são bem perceptíveis.

7. Interpretação

Gravuras rupestres, cuja cronologia e contexto são desconhecidas.

8. Cronologia e Classificação

Ano		Século	
Milénio		Cronologia Relativa	??
Período Cultural	IND	Estilo Artístico	

9. Conservação e Valorização

Estado de Conservação	Bom	Classe de Risco	Normal	Factor de Risco	Erosão Eólica
Interesse Científico	15	Valor Patrimonial	Normal	Potencial Valorização	Normal
Medidas de Valorização	Delimitação de zona de protecção.				
Proposta de Classificação					

Local de Depósito

Observações

10. Ilustração (mapas, croquis, fotos)



11. Contexto Ambiental

Orografia

Forma Geral de Relevo Serra

Forma Específica de Relevo Chã

Local de Implantação Planície

Geologia

Substrato Geológico Granito

Afloramentos 10-25%, separação entre 10 e 35 m

Edafologia

Tipo de Solo Cambissolos úmbricos

Cond. Sedimentação Coluvial ligeira

Cond. Erosão Ligeira

Hidrografia

Tipo de Água Corgo do Assobrigo

Uso da Água Irrigação, uso geral

Cobertura Vegetal

Primária Arbustiva

Secundária Herbácea

Terciária Arbórea

Uso de Solo

Primário Agricultura

Secundário Pastorícia

Terciário

Inculto Não

Vias Naturais de Trânsito

Tipo de Via

Orientação

Aproveitamento

Visibilidade e Paisagem

Nível de Percepção Regular

Enquadramento da Paisagem Médio

12. Observações

Operador

Francisco Andrade

Data

12-02-2005

Revisor

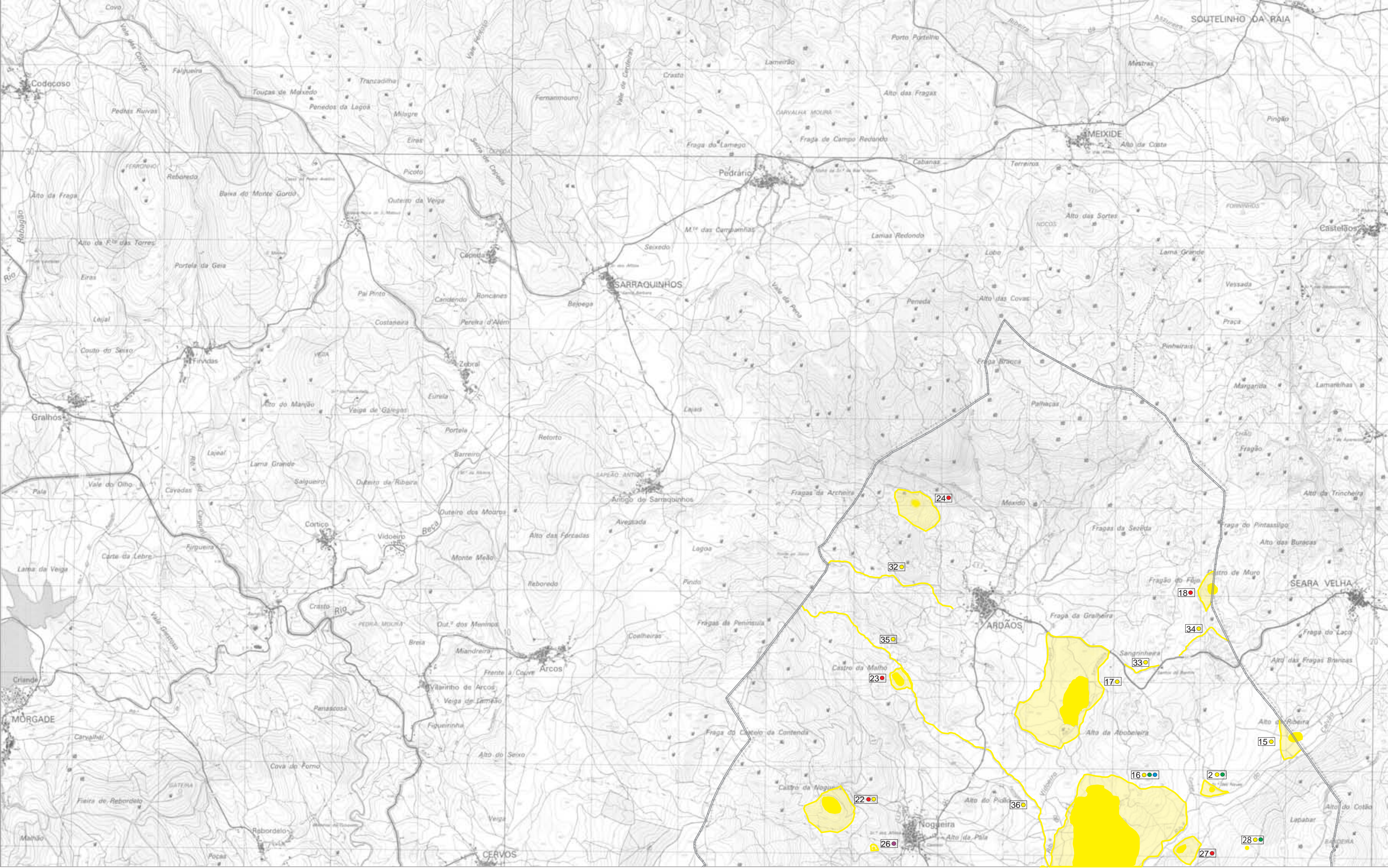
Luis Fontes

Data

27-04-2005

Apêndice III – Cartografia

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 8, 2010



Escala 1:25000 - Folha 33

Sítio arqueológico Zona de protecção Achado isolado

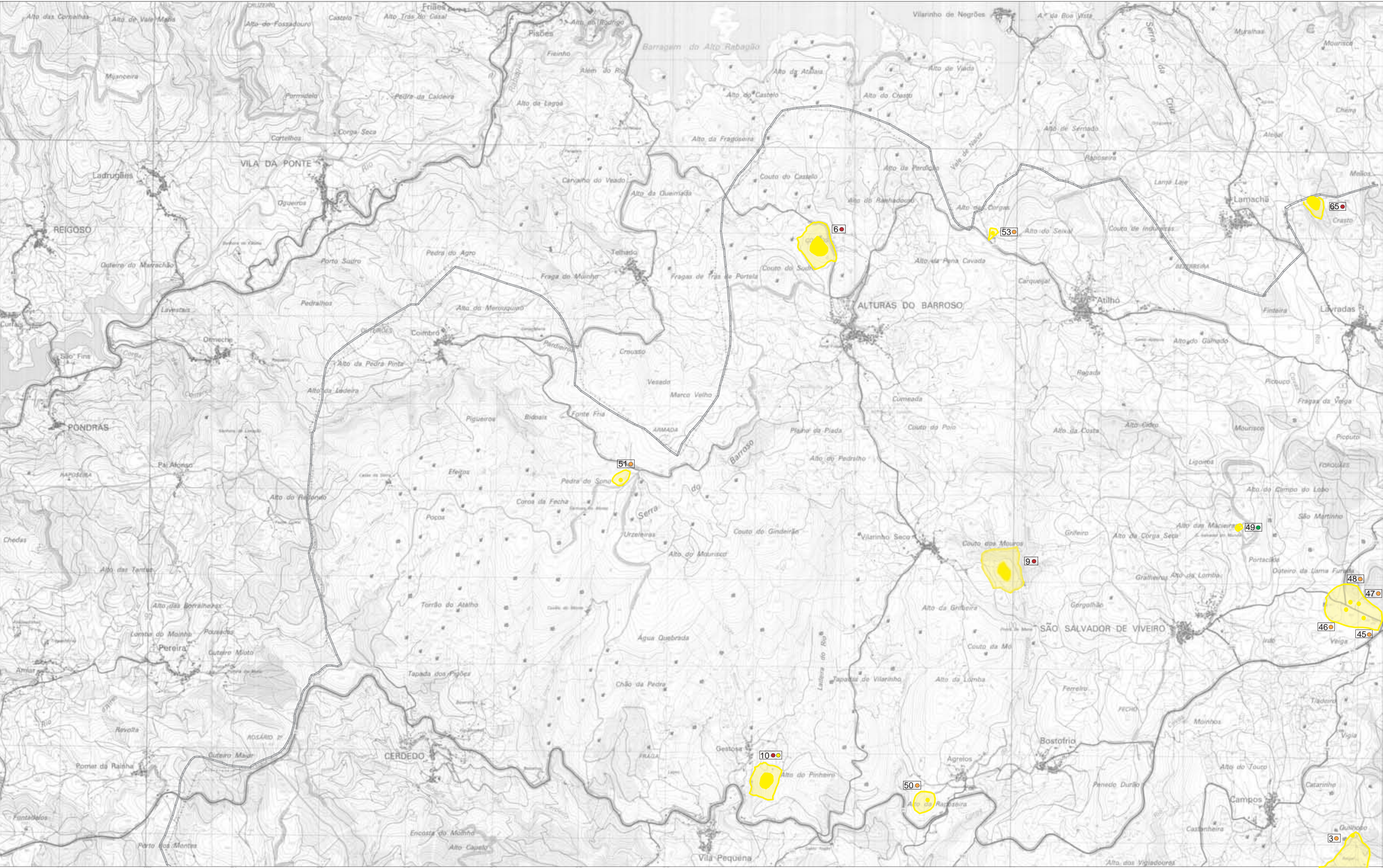
Períodos culturais

Pré-História Recente Antiguidade Idade Moderna
Proto-História Idade Média Indeterminado

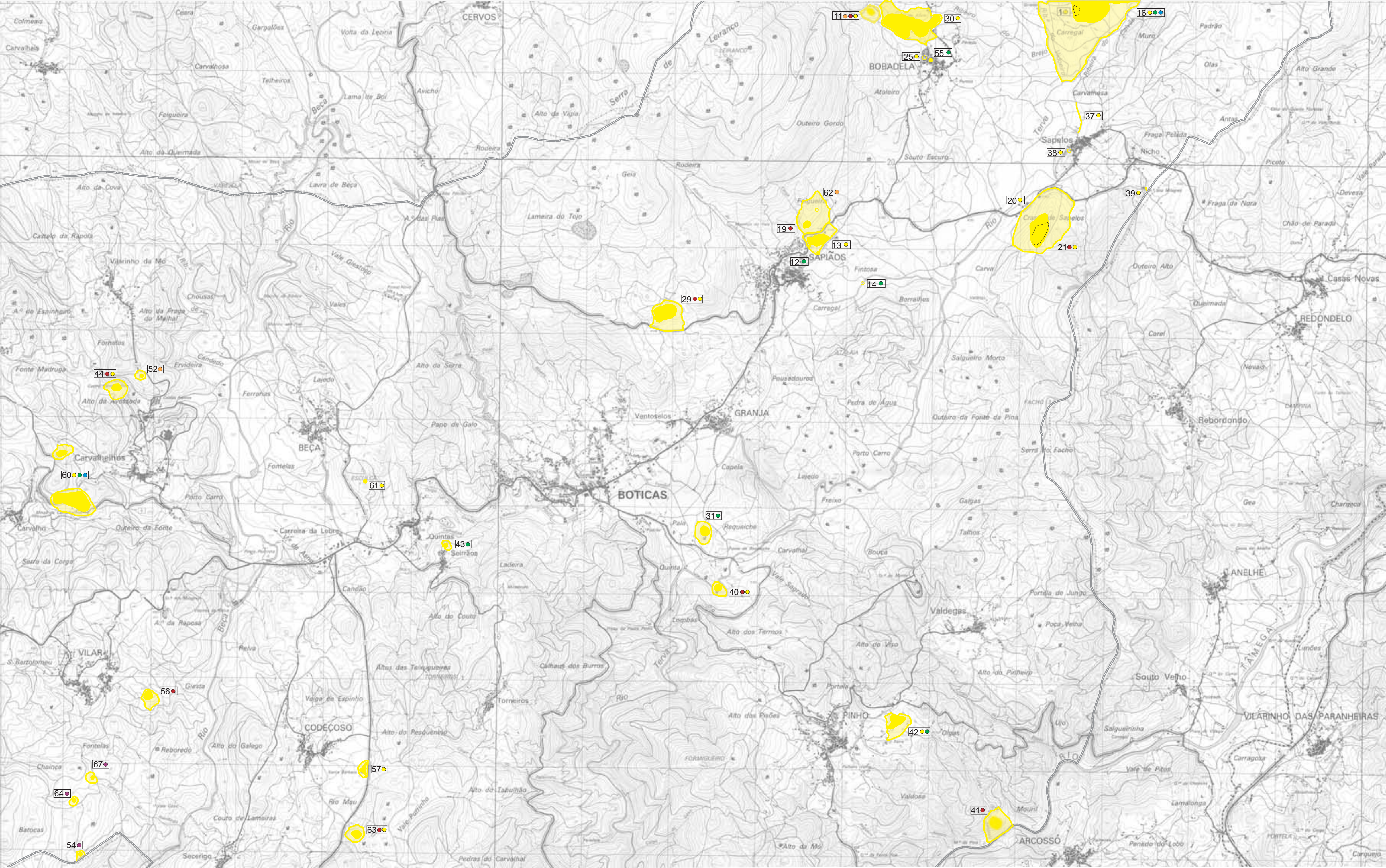
Município de Boticas

Distribuição dos sítios e achados arqueológicos
e zonas de protecção recomendadas

UAUM
2005
Fig. 1



Escala 1:25000 - Folha 45		Períodos culturais			Município de Boticas Distribuição dos sítios e achados arqueológicos e zonas de protecção recomendadas	UAUM	
						2005	
Sítio arqueológico	Zona de protecção	Achado isolado	Pré-História Recente	Antiguidade		Fig. 2	
			Proto-História	Idade Média	Idade Moderna		
				Indeterminado			



Escala 1:25000 - Folha 46

Sítio arqueológico Zona de protecção Achado isolado

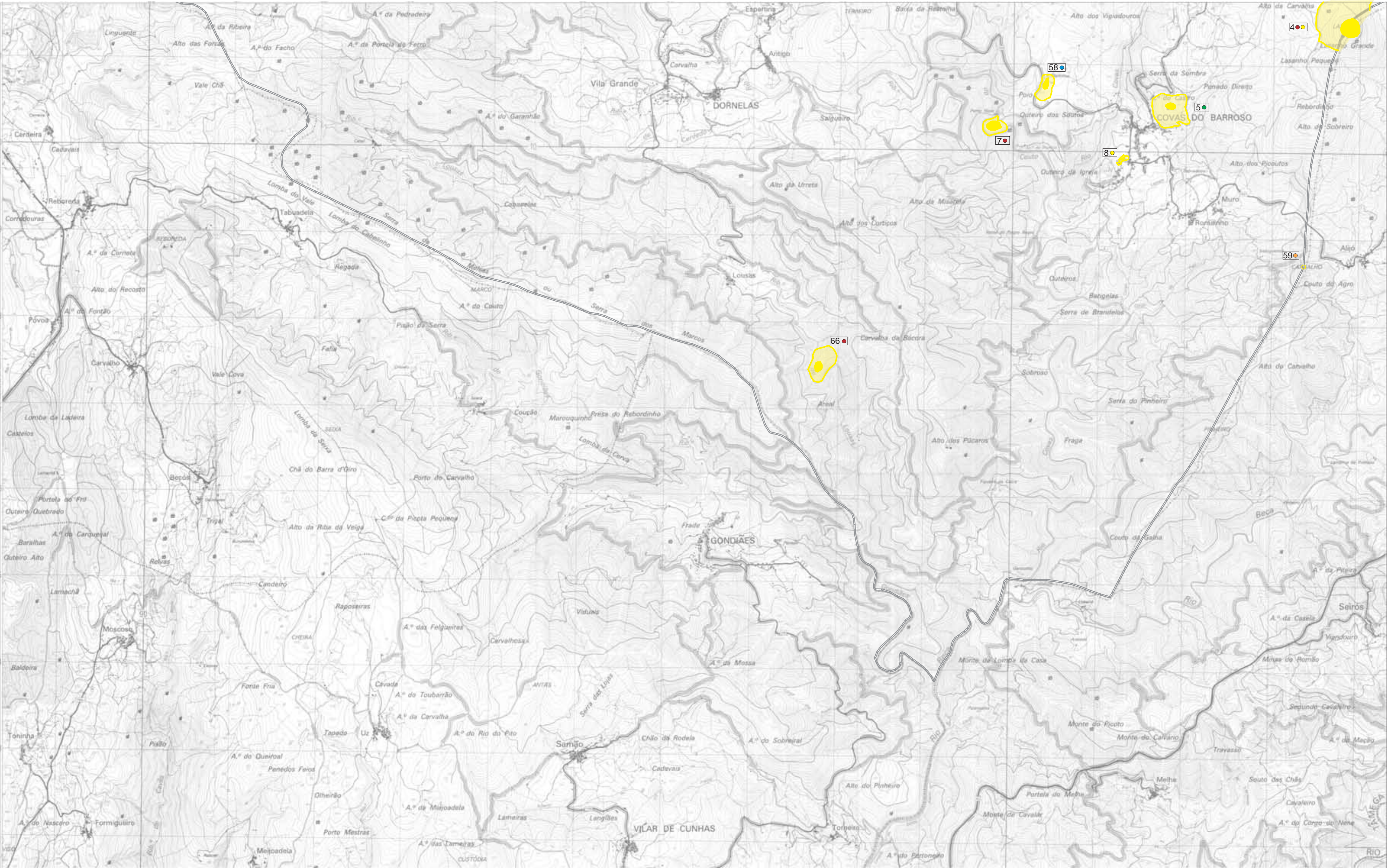
Períodos culturais

Pré-História Recente Antiguidade Idade Moderna
Proto-História Idade Média Indeterminado

Município de Boticas

Distribuição dos sítios e achados arqueológicos
e zonas de protecção recomendadas

UAUM
2005
Fig. 3



Escala 1:25000 - Folha 59

● Sítio arqueológico ● Zona de protecção ○ Achado isolado

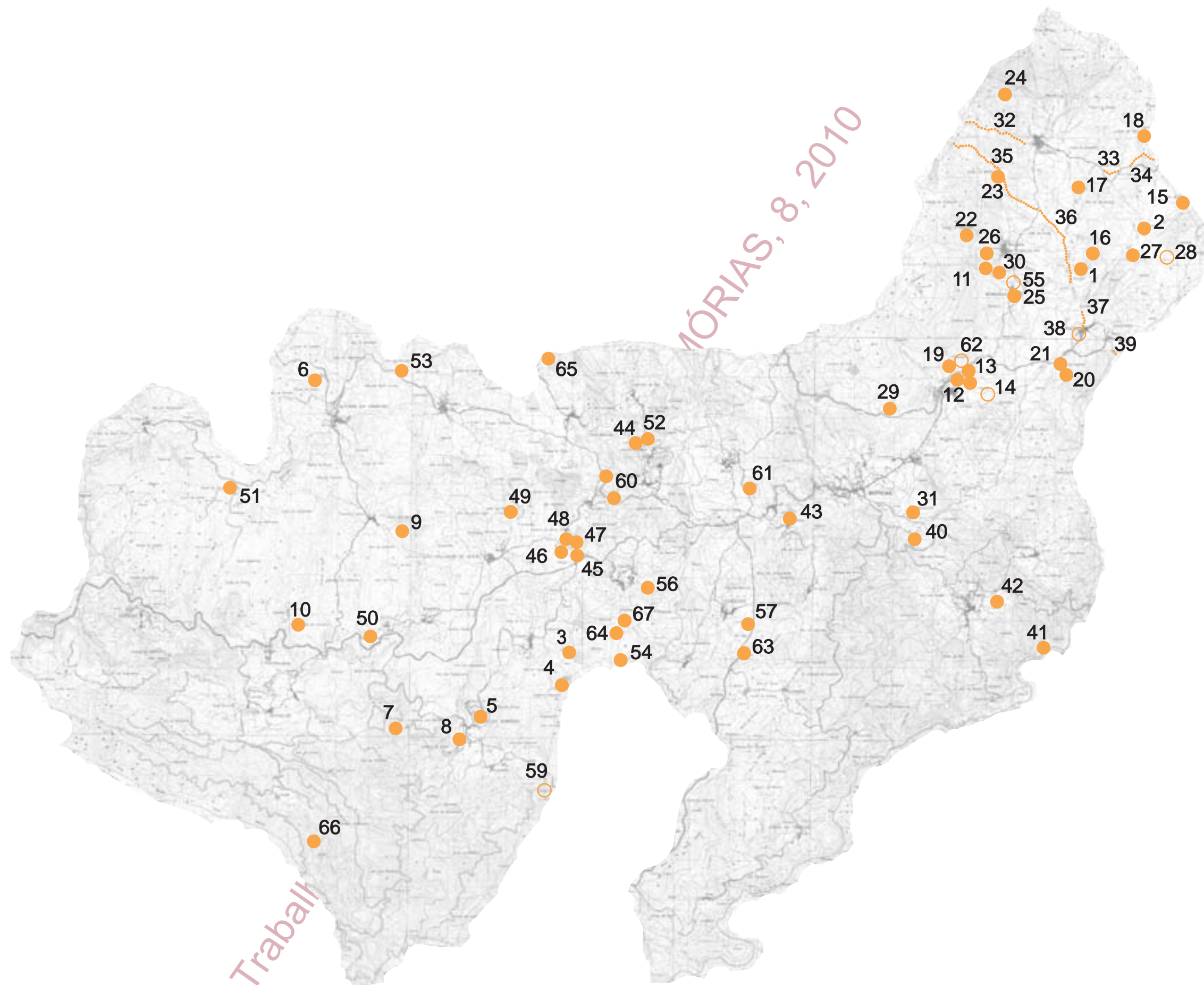
Períodos culturais

● Pré-História Recente ● Antiguidade ● Idade Moderna
● Proto-História ● Idade Média ● Indeterminado

Município de Boticas

Distribuição dos sítios e achados arqueológicos e zonas de protecção recomendadas

UAUM
2005
Fig. 4



0 1 5 Km

● Sítios ○ Achados

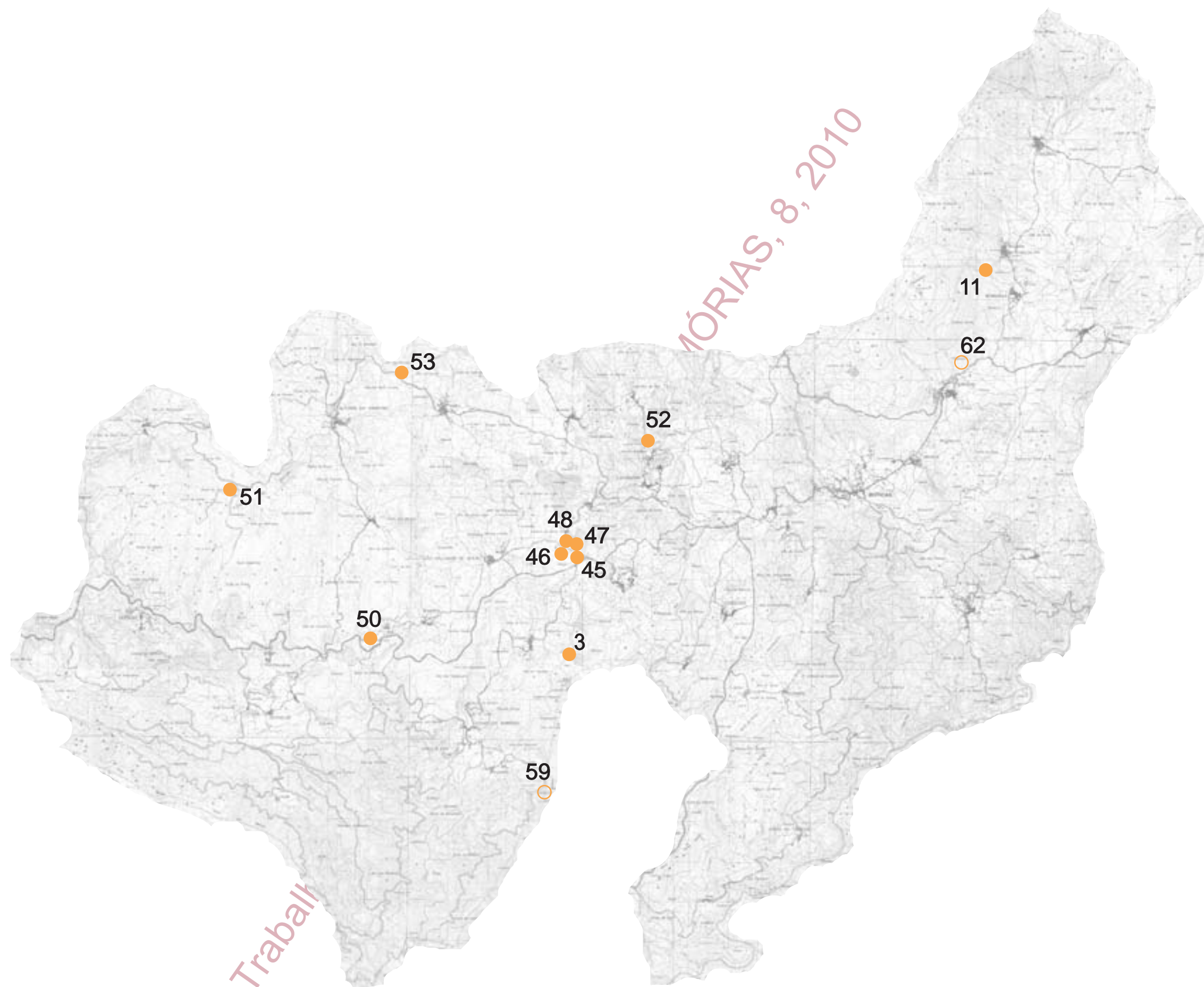
Município de Boticas

Distribuição dos sítios e achados arqueológicos

UAUM

2005

Fig. 5



0 1 5 Km

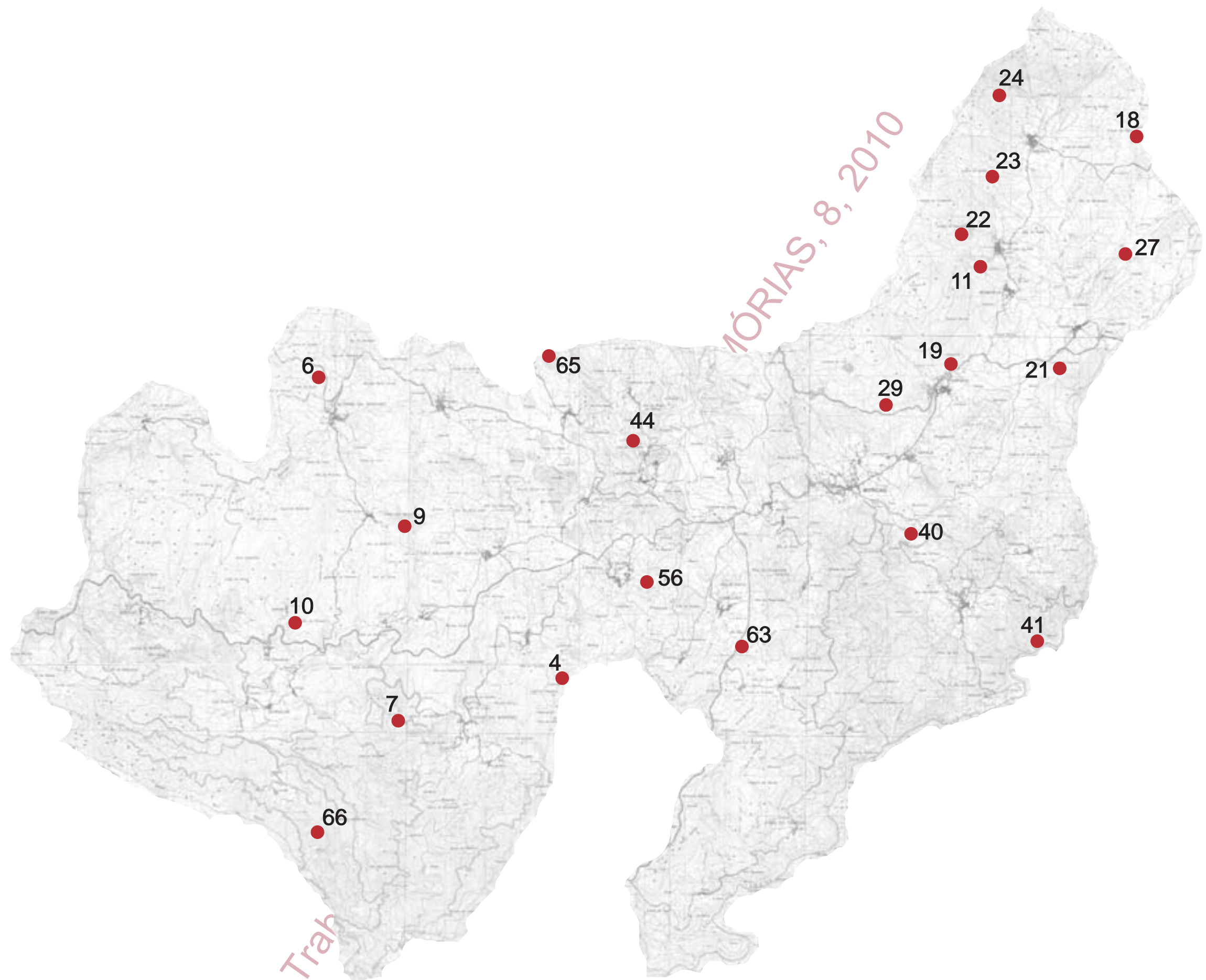
Município de Boticas

Distribuição dos sítios (●) e achados (○) arqueológicos da Pré-História Recente

UAUM

2005

Fig. 6



0 1 5 Km

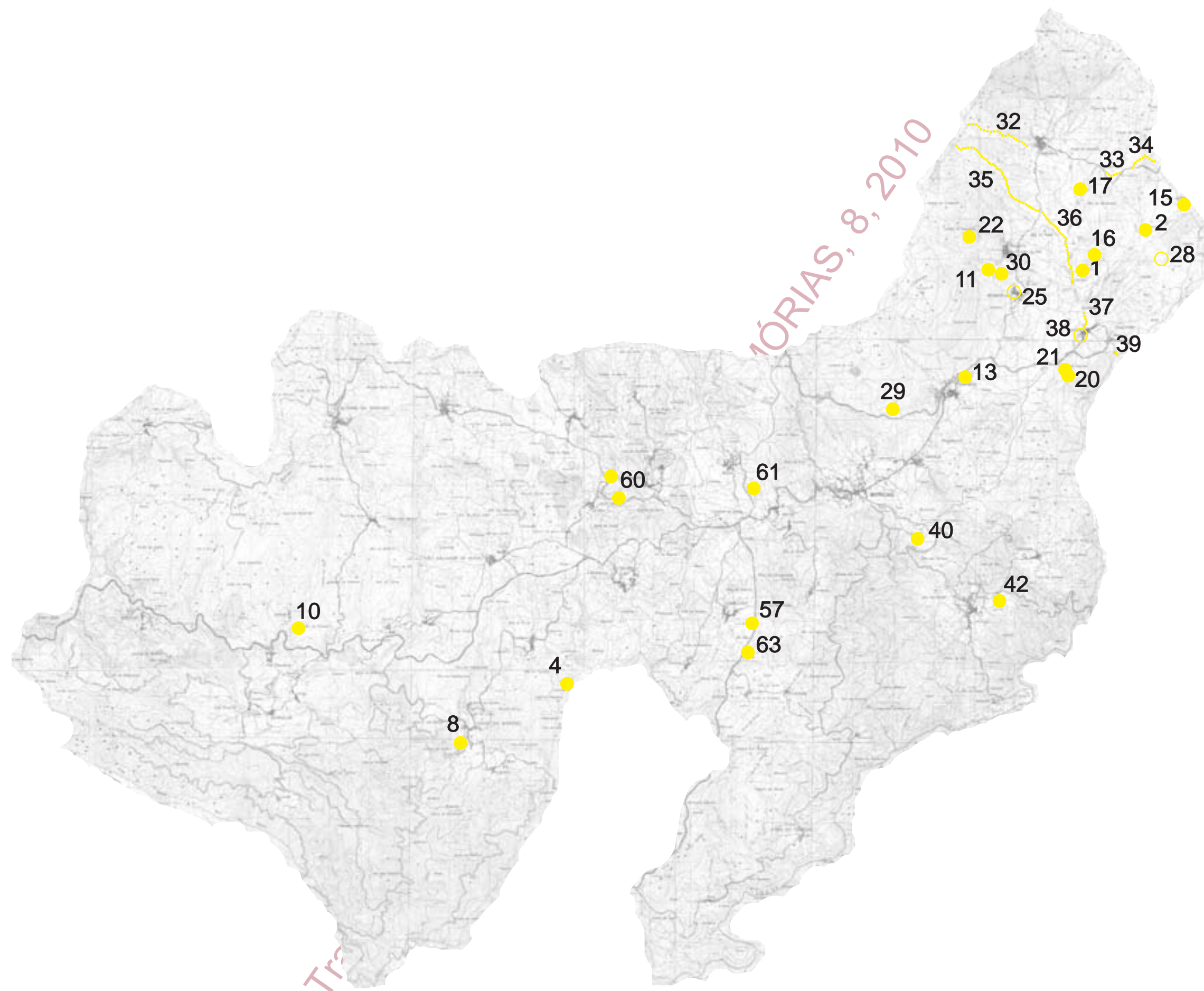
Município de Boticas

Distribuição dos sítios (●) arqueológicos da Proto-História

UAUM

2005

Fig. 7



0 1 5 Km

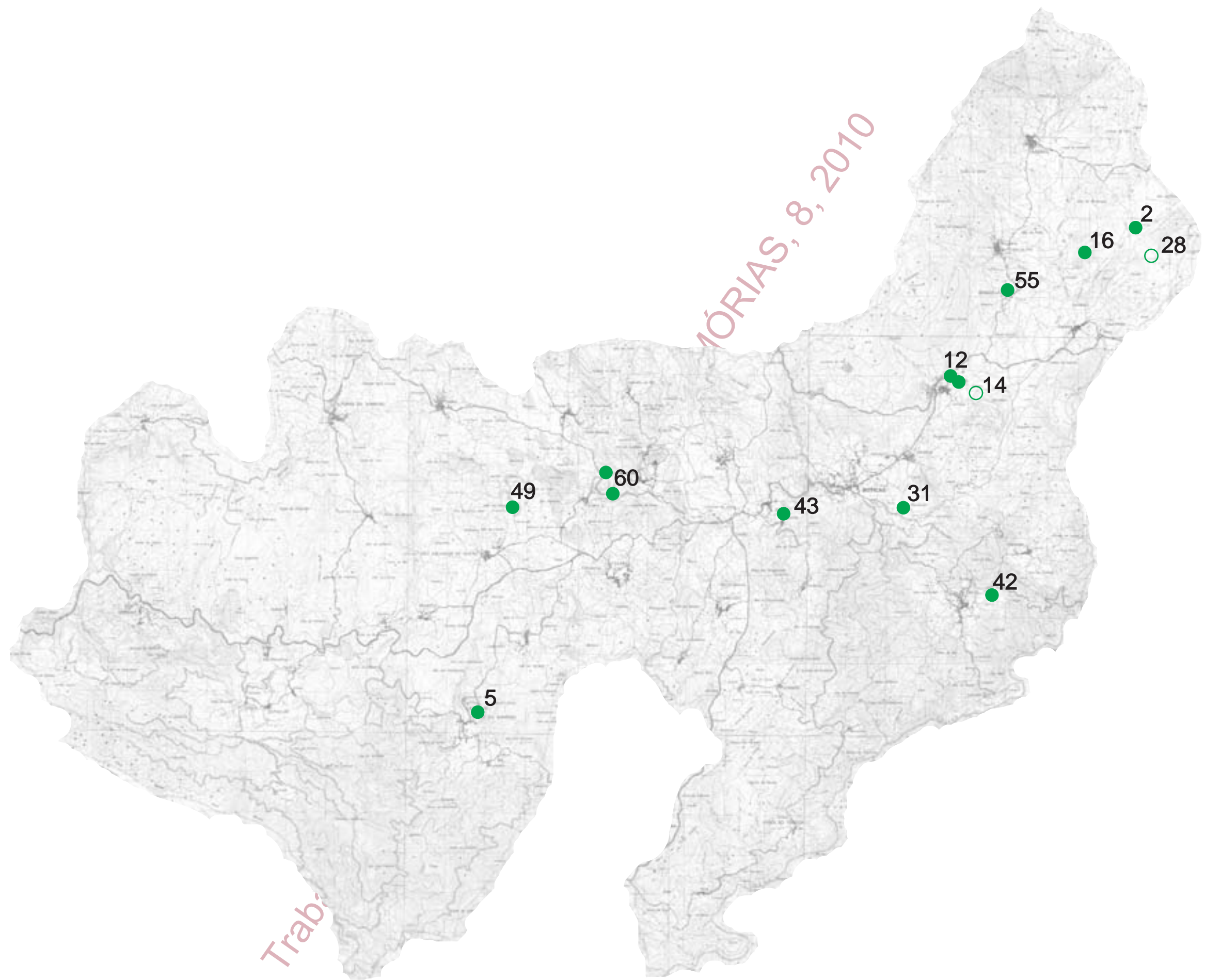
Município de Boticas

Distribuição dos sítios (●) e achados (○) arqueológicos da Antiguidade.

UAUM

2005

Fig. 8



0 1 5 Km

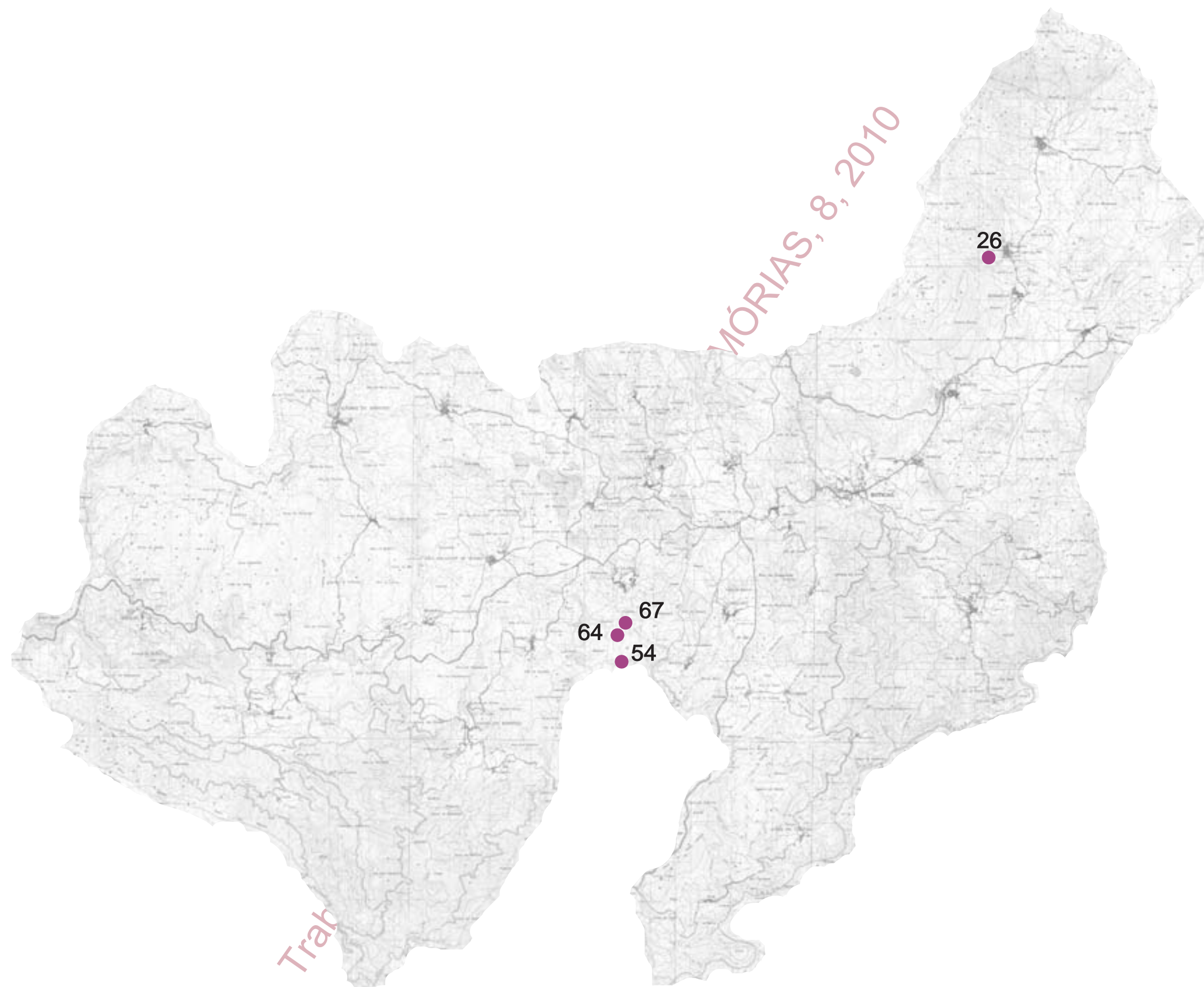
Município de Boticas

Distribuição dos sítios (●) e achados (○) arqueológicos da Idade Média.

UAUM

2005

Fig. 9



Município de Boticas

Distribuição dos sítios (●) arqueológicos de cronologia indeterminada.

UAUM

2005

Fig. 10